

TÁGIDE

O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REQUALIFICAÇÃO TERRITORIAL

CENTRO DE ALTO RENDIMENTO NÁUTICO, AREALVA, ALMADA

Francisca Martinho Serra - Licenciada

Projecto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitectura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Rodrigues
Professor Doutor José Luís Crespo

Júri:

Presidente: Professor Felipe Gonzalez
Vogal: Professor Francisco Agostinho

Documento Definitivo
Lisboa, FA ULisboa, Setembro 2020



TÁGIDE

O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO
DE REQUALIFICAÇÃO TERRITORIAL

CENTRO DE ALTO RENDIMENTO NÁUTICO, AREALVA, ALMADA

Francisca Martinho Serra - Licenciada

Projecto Final de Mestrado para a obtenção do Grau de Mestre em
Arquitectura

Orientação Científica:

Professor Doutor Pedro Rodrigues
Professor Doutor José Luís Crespo

Júri:

Presidente: Professor Felipe Gonzalez
Vogal: Professor Francisco Agostinho

Documento Definitivo
Lisboa, FA ULisboa, Setembro 2020

"Somehow the coast is always the same and never alike."

Mathias Svold

| RESUMO

Arealva, localizada no concelho de Almada, constitui uma área de elevado interesse histórico, cultural e social. Contudo, devido ao processo de desindustrialização, este espaço converteu-se no que é hoje uma área pouco atractiva e desfragmentada da cidade, pendente de requalificação.

Assim, na proposta que se apresenta, existe a intenção de inverter o processo de abandono utilizando a arquitectura, como meio de revitalização dos espaços. Partindo da compreensão da morfologia do território é apresentada como a estratégia de resposta às problemáticas locais a evidência das suas potencialidades.

O equipamento surge como elemento urbano que procura restabelecer o encontro entre a cidade e o rio, partindo da interface de planos, do vertical da arriba ao horizontal do Tejo partindo de um eixo conector de referências, adoptando a temática da poética da água e a preservação da memória do lugar.

Criando um Centro de Alto Rendimento de desportos náuticos, com vertente cultural e social, capaz de apoiar as modalidades na área da grande Lisboa, revitalizando a frente ribeirinha de Almada.

PALAVRAS-CHAVE:

Arealva | Frente Ribeirinha | Água | Requalificação | Património Industrial

| ABSTRACT:

Located in Almada, Arealva is an area highly regarded for its cultural, social and historical value and interest.

However, due to the deindustrialisation process, this location became less and less attractive, outcasted from the city and ultimately awaiting proper requalification.

Thus, the following proposal aims to reverse this abandonment through architecture as a means to revitalise the surroundings. Taking a morphologic comprehension of the territory as a starting point and evidencing its potentials as a response strategy to the local problems and fragilities.

This equipment surges as an urban element searching to re-establish the connection between the river and the city, starting with two different planes, the vertical axis of the cliff and the horizontal axis of the Tagus river, that act as a connecting axis of references while adopting the poetry of water, and preservation of the place's memory as the main theme.

The creation of a High-Performance Centre for nautical sports, maintaining a cultural and social approach, capable of supporting the variety of nautical modalities in the Metropolitan Lisbon Area would end up revitalising Almada's riverfront.

KEYWORDS:

Arealva | Waterfronts | Water | Requalification | Industrial Heritage

| AGRADECIMENTOS

À minha família,
em particular ao Pai, Mãe, Lourenço e Diogo, por todo o apoio e confiança incondicional que depositaram em mim desde o primeiro dia. Por me acompanharem em todos os momentos e por me transmitirem a importância do valor do trabalho e a constante procura pelo conhecimento, sem que me esquecesse de aproveitar o caminho.

À minha avó,
a quem dedico este trabalho.

A todos os meus amigos,
aos que a faculdade me ofereceu, com quem tive a hipótese de trabalhar, partilhar experiências, conhecimentos, debates e perspectivas que de uma forma ou de outra me ajudaram a evoluir tanto no percurso académico como a crescer como pessoa. E a todos os amigos que apesar de não compreenderem nada do que é arquitectura, nunca deixaram de apoiar, ouvir e motivar, numa amizade e companheirismo sem igual.

Aos meus orientadores,
ao professor Pedro Rodrigues e professor José Luís Crespo, cada um de forma particular, que contribuíram para a realização deste projecto, não só pela transmissão de conhecimentos, interesse e disponibilidade demonstrados, bem como pela motivação para terminar esta etapa.

A todos os professores, funcionários, familiares, amigos, colegas e aqueles que das mais variadas formas contribuíram para o meu entusiasmo e evolução ao longo destes anos, que apesar da inúmeras noites mal dormidas, irei ter muitas saudades.

Um sincero e feliz obrigada!

| ÍNDICE

Resumo	VII
<i>Abstract</i>	IX
Agradecimentos	XI
Índice de Figuras	XIV
1. Introdução	1
1.1. Tema e Justificação	4
1.2. Enquadramento e Objectivos	6
1.3. Metodologia	8
1.4. Estrutura e Organização	9
2. Paisagens de Água	15
2.1. Processos de Transformação das Frentes Ribeirinhas	16
2.2. Ocupação da Margem	18
2.3. Relação entre a Cidade e o Rio	24
2.4. Água como (o) elemento	26
3. Casos de Referência	33
3.1. Escala urbana	34
3.2. Integração Na Paisagem	38
3.3. Arquitectura de Integração no Existente	42
3.4. Programa e função	46
4. Interface de Planos	57
4.1. Arealva, Ponto focal	58
4.2. Projectar na Frente de Água	66
4.3. Requalificação Urbana como Estratégia de Intervenção	68
4.4. Equipamento Revitalizador da Cidade	72
5. Considerações Finais	76
Bibliografia	87
Webgrafia	90

ÍNDICE DE FIGURAS

Imagem de Capa - Imagem ilustrativa da proposta.

Fonte: Elaborado pela autora: Agosto, 2020.

Fig. 1 - Pintura compositiva - seres fantásticos (ninfas) acompanham as naus portuguesas.

Fonte: <https://teresamarques2010.files.wordpress.com/2012/06/as-ninfas-acompanham-as-naus.jpg>. Consultado em: Julho, 2020.

Fig. 2 - Enquadramento local. "Arealva" e "Forno do Tijolo" em excerto da "Planta do terreno desde Cacilhas até a costa Oeste, e Sud' oeste da Trafaria, com a linha fortificada sobre esse mesmo terreno", realizada por Manoel Joaquim Brandão de Souza Sargento Mór do Real Corpo de Engenheiros, às ordens do Tenente Coronel Fletcher dos Reaes Engenheiros, Março de 1813.

Fonte: Direção de Infra-estruturas do Exército, cota 3611-3-34-47. Consultado em: Janeiro, 2020.

Fig. 3 - Cidade Porto - Entreposto.

Fonte: Meyer, 1999. City and Port. Consultado em: Fevereiro, 2020.

Fig. 4 - Cidade Porto - Distribuição.

Fonte: Meyer, 1999. City and Port. Consultado em: Fevereiro, 2020.

Fig. 5 - Porto Industrial.

Fonte: Meyer, 1999. City and Port. Consultado em: Fevereiro, 2020.

Fig. 6 - Porto Industrial de Distribuição.

Fonte: Meyer, 1999. City and Port. Consultado em: Fevereiro, 2020.

Fig. 7 - Fig. 7 - Relação da margem com a actividade do Homem. Porto de Cacilhas.

Fonte: https://lh4.ggpht.com/_lYJi-lhses0/TUPWfjniufl/AAAAAAAAAFOM/5D8tSXRMPDA/s1600-h/Cacilhas.26.jpg. Consultado em: Maio, 2020.

Fig. 8 - Fotografia panorâmica da cidade de Almada, 1962.

Fonte: Arquivo Municipal de Almada.

<https://3.bp.blogspot.com/-gldmoiJCKsg/U6Lru81V7xI/AAAAAAAAAB1k/bBIUTA0zMvo/s1600/1200+Almada+concelho+Vista+panor%C3%A2mica+tirada+da+Serra+de+Monsanto+vendo-se+o+rio+Tejo+e+a+margem+sul+1962.png>. Consultado em: Julho, 2020.

Fig. 9 - Construção Cristo-Rei. Noção de escala através da figura humana. Imagem: Câmara Municipal de Almada.

Fonte: <https://lisboasecreta.co/10-curiosidades-sobre-o-cristo-rei/>.

Consultado em: Janeiro, 2020.

Fig. 10 - Fotografia aérea, da inauguração do Cristo-Rei (20 de abril de 1940). Observação dos caminhos existentes na arriba. Imagem: Artur Inácio Bastos | AML (1967)

Fonte: <https://lisboasecreta.co/10-curiosidades-sobre-o-cristo-rei/>.

Consultado em: Maio, 2020.

Fig. 11 - La persistencia de la memoria, Salvador Dali, 1931. Pintura.
Fonte: <https://www.wikiart.org/pt/salvador-dali/a-persistencia-da-memoria-1931>. Consultado em: Maio, 2020.

Fig. 12 - La Desintegración de la Persistencia de la Memoria, 1954. Pintura.
Fonte: <https://pt.wahooart.com/a55a04/w.nsf/O/BRUE-5ZKFBX>. Consultado em: Maio, 2020.

Fig. 13 - "Lisbon from Fort Almada", Desenhado por C. Stanfield a partir de um esboço de W. Page, gravado por E. Finden. Imagem: Cesar Ojeda.
Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/2016/12/vista-de-lisboa-panorama-de-barker.html> (consultado em 28-08-2018). Consultado em: Junho, 2020.

Fig. 14 - Processo de ocupação da margem. A evolução da frente ribeirinha da Almada desde o início do séc. XIX até ao séc. XX.
Fonte: Esquema elaborado pela autora. Abril, 2020.

Fig. 15 - Vista de Lisboa tomada de Almada, século XVIII.
Fonte: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com>. Consultado em: Junho, 2020.

Fig. 16 - Trabalhadores a descarregar mercadoria para área de restauração. Cais do Ginjal, 1940-50.
Fonte: <https://www.cibersul.org/o-ginjal-antigo-e-os-seus-restaurantes/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 17 - Interior escadas, geometria e espacialização. Fotografia.
Fonte: <http://www.davidcardelus.com/gallery/adamlj8u42ahmwknav2uvuzayhmxqa>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 18 - Interior escadas, relação entre proporções e materialidade. Fotografia.
Fonte: <http://www.davidcardelus.com/gallery/94ikrdx7i9ifchfxcnvnu8r1vq6xys>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 19 - Luz/sombra trabalhada no negativo da encosta. Relação com o espaço exterior. Fotografia.
Fonte: <http://issole.blogspot.com/2010/11/escalera-de-la-granja-martinez-lapena.html>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 20 - Fachada luminosa das escadas ao anoitecer. Fotografia.
Fonte: <http://www.davidcardelus.com/gallery/750d7dof1wbz9sv1z6ciuh9j8rcff>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 21 - Planta de implantação Escadas de Granja, no plano urbano. Imagem.
Fonte: <http://issole.blogspot.com/2010/11/escalera-de-la-granja-martinez-lapena.html>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 22 - Detalhe da fachada Instituto Champalimaud; Relação com o interior. Fotografia.

Fonte: [https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fundação_Champalimaud_-_Lisboa_-_Portugal_\(12642840145\).jpg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Fundação_Champalimaud_-_Lisboa_-_Portugal_(12642840145).jpg). Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 23 - Ambiência espacial, com ligação leve entre dois complexos; Permeabilidade e pouco impacto visual. Fotografia.

Fonte: <https://www.trienaldelisboa.com/ohl/espaco/fundacao-champalimaud/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 24 - Relação com a paisagem de água; harmonia do espaço exterior público. Fotografia.

Fonte: <https://vi24.iol.pt/sociedade/cancro/adse-fundacao-champalimaud-admite-receber-alguns-doentes>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 25 - Materialidade e plasticidade da fachada. Fotografia.

Fonte: <https://www.flickr.com/photos/vitor107/20864979843/lightbox/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 26 - Planta de implantação Instituto Champalimaud. Imagem.

Fonte: <http://ww.proap.pt/pt-pt/projecto/champalimaud-foundation-2/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 27 - Relação Luz/Sombra, piscina de marés. Fotografia.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0f31e58ece02a0000132-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 28 - Ambiência e integração com o mar. Luz/Sombra e materialidade. Fotografia.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0f0de58ece20450001c0-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto?next_project=no. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 29 - Integração na a paisagem envolvente, Piscina de Marés. Fotografia.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0f83e58ece20450001c5-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto?next_project=no. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 30 - Vista aérea Piscina de Marés; Relação com o mar. Fotografia.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/796349/as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos/57ed0e44e58ece02a0000128-as-piscinas-de-mares-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-vieira-completam-50-anos-foto?next_project=no. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 31 - Planta de implantação Piscina de Marés.

<https://arquiscopio.com/archivo/2012/07/03/piscinas-naturales-en-leca-da-palmeira/?lang=pt>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 32 - Fachada The Whale, relação da composição do projecto com a paisagem. Fotografia.

Fonte: <https://www.dortemandrup.dk/work/whale>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 33 - Axonometria esquemática de implantação. Imagem.

Fonte: <https://www.dortemandrup.dk/work/whale>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 34 - Resolução da cobertura curva, permitindo um grande vão sem pilares; relação interior/exterior. Fotografia.

Fonte: <https://www.dortemandrup.dk/work/whale>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 35 - Enquadramento na paisagem; cobertura percorrível, criando um ponto de miradouro. Fotografia.

Fonte: <https://www.dortemandrup.dk/work/whale>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 36 - Relação entre o edifício e o mar. Relação de proximidade, e preponderância do equipamento. Fotografia.

Fonte: <https://www.dortemandrup.dk/work/whale>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 37 - Vista aérea, demonstrativa da composição espacial do elemento bem como a forma integrada da reabilitação. Fotografia.

Fonte: <https://www.area-arch.it/santa-marta-lighthouse-museum/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 38 - Diferenciação entre o antigo e a novo, através de materialidades distintas, embora de tonalidades semelhantes. Fotografia.

Fonte: <https://www.area-arch.it/santa-marta-lighthouse-museum/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 39 - Detalhe do equilíbrio entre proporção e formas. Fotografia.

Fonte: <https://www.area-arch.it/santa-marta-lighthouse-museum/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 40 - Enquadramento paisagístico; (co)relação com o elemento da água. Fotografia.

Fonte: <https://www.area-arch.it/santa-marta-lighthouse-museum/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 41 - Planta do piso térreo da intervenção ao farol de Sta. Marta. Imagem.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/794821/museu-farol-santa-marta-aires-mateus/57cf1e79e58ece36a1000003-santa-maria-lighthouse-museum-aires-mateus-plan?next_project=no. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 42 - Detalhe materialidade; Efeito luz/sombra através dos vãos. Fotografia.

Fonte: <https://www.thegranitebrand.com/es/proyecto/museo-del-mar-de-galicia#&gid=4&pid=1>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 43 - Composição espacial; Farol como elemento de foco. Fotografia.

Fonte: <https://www.thegranitebrand.com/es/proyecto/museo-del-mar-de-galicia#&gid=1&pid=1>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 44 - Ligação elevada, de ligação entre complexo novo e antigo. Fotografia.

Fonte: <https://www.thegranitebrand.com/es/proyecto/museo-del-mar-de-galicia>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 45 - Novo complexo inspirado na existente. Fotografia.

Fonte: <https://www.thegranitebrand.com/es/proyecto/museo-del-mar-de-galicia#&gid=2&pid=1>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 46 - Planta do implantação, Museu do Mar.

Fonte: <https://www.arcgis.com/home/webmap/viewer.html?useExisting=1>. Consultado em: Agosto, 2020.

Fig. 47 - Sistemas de circulação interior, definidos pela capacidade de ritmo conseguido através da luz. Fotografia.

Fonte: <https://www.plataformaarquitectura.cl/cl/9mGkyaYidR/centro-de-alto-rendimiento-de-remo-do-pocinho-alvaro-fernandes-andrade/52e5ab7be8e44e990600019d-73-jpg>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 48 - Planta de implantação do complexo desportivo. Fotografia.

Fonte: https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimiento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade/52e5e3fae8e44e99060001b1-planta-de-coberturas?next_project=no. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 49 - Encaminhamento para a entrada, a partir da sensação de afunilar, composta pela forma do próprio edifício, agregando a noção de profundidade através dos elementos materiais. Fotografia.

Fonte: <https://terrasdabeira.gmpress.pt/centro-de-remo-do-pocinho-considerado-por-selecoes-olimpicas-como-um-dos-melhores-do-mundo/>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 50 - Interior do equipamento, correspondente à área programática da piscina. Fotografia.

Fonte: <http://www.car-pocinho.pt/index.php/pt/o-car-2/car/equipamentos>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 51 - Imposição visual através de capacidade de composição do elemento arquitectónica; Grande oscilação de cotas entre os módulos do equipamento. Fotografia.

Fonte: <https://www.archdaily.com.br/br/248200/centro-de-alto-rendimiento-de-remo-do-pocinho-slash-alvaro-fernandes-andrade/52e5aa01e8e44e9906000196-57-jpg>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 52 - Detalhe de materialidade e acessos. Fotografia.

Fonte: https://contactoatlantico.com/pt-pt/mies_portfolio/clube-naval-de-cascais/. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 53 - Relação com o existente; Novo complexo agregado à muralha adjacente. Fotografia.

Fonte: <http://2pos.space/bg/8408/4912>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 54 - Vista longitudinal do projecto. Ambiência, Programa e Função. Fotografia.

Fonte: https://contactoatlantico.com/pt-pt/mies_portfolio/clube-naval-de-cascais/. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 55 - Relação do novo com o existente; Relação de acesso às diferentes cotas. Fotografia.

Fonte: <https://www.projectaware.org/events/limpeza-subaquatica-clube-naval-de-cascais>. Consultado em: Abril, 2020.

Fig. 56 - Planta do implantação, Clube Naval de Cascais.

Fonte: <https://geocascais.cascais.pt/#>. Consultado em: Agosto, 2020.

Fig. 57 - Vista Panorâmica, Companhia Portuguesa de Pesca e respectivo cais.

Fonte: Jovibela, anos 60, p.136. Almada Antiga e Moderna.

Fig. 58 - Fragata do Tejo, em transporte de mercadoria. Arealva em 2º plano.

Fonte: Jovibela, anos 30/40, p.133. Almada Antiga e Moderna.

Fig. 59 - Vista parcial do cais e da fragata em transporte, com o mesmo nome da Sociedade Vinícola Sul de Portugal.

Fonte: Jovibela, 1935-37, p.134. Almada Antiga e Moderna.

Fig. 60 - Área de pipas de armazenamento do vinho. Quinta-da-Arealva.

Fonte: Soeiro, p.14. Arealva Memórias Dispersas no Tempo.

Fig. 61 - Área de cilos de produção de vinho.

Fonte: Soeiro, p.33. Arealva Memórias Dispersas no Tempo.

Fig. 62 - 3 cortes longitudinais do edificado existente. Mansão senhorial.

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro, 2020.

Fig. 63 - Alçado longitudinal do edificado existente. Quinta-da-Arealva.

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro, 2020.

Fig. 64 - Mapa topográfico do território, onde é possível observar a arriba e a profundidade do rio junto à margem Sul.

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro, 2020.

Fig. 65 - Planta de análise morfológica do rio Tejo.

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro, 2020.

Fig. 66 - Pontão Quinta-da-Arealva. Relação com a frente de água.

Fonte: Fotografia da autora. Outubro, 2019.

Fig. 67 - Pontão marginal Quinta-da-Arealva. Relação com a frente de água.

Fonte: Fotografia da autora. Outubro, 2019.

Fig. 68 - Fotografia panorâmica. Relação Quinta-da-Arealva com os planos vertical/horizontal | Arriba/Rio. Preponderância do Cristo-Rei.

Fonte: Fotografia da autora. Fevereiro, 2020.

Fig. 69 - Diagrama compositivo problemáticas e potencialidades.

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro, 2020.

Fig. 70 - Isometria explodida da análise morfológica. O tecido; as vias principais; as vias secundárias; os quarteirões, o edificado.

Fonte: Elaborado pela autora. Janeiro, 2020.

Fig. 71 - Esboços da composição do percurso pedonal. Eixo conector de planos e referenciais.

Fonte: Elaborado pela autora. Março, 2020.

Fig. 72 - Corte de detalhe da proposta de passadiço pedonal na arriba.

Fonte: Elaborado pela autora. Abril, 2020.

Fig. 73 - Esquema síntese representativo da linha de pensamento de estratégia de intervenção da proposta.

Fonte: Elaborado pela autora. Outubro, 2019.

Fig. 71 - Esboços da composição do percurso pedonal. Eixo conector de planos e referenciais.

Fonte: Elaborado pela autora: Maio, 2020.

Fig. 72 - Corte de detalhe da proposta de passadiço pedonal na arriba.

Fonte: Elaborado pela autora: Junho, 2020.

Fig. 73 - Planta do desenho urbano. Conexão entre elementos de referência.

Fonte: Elaborado pela autora: Junho, 2020.

Fig. 74 - Esquema de localização da rede nacional de Centros de Alto Rendimento.

Fonte: Elaborado pela autor: Outubro, 2019.

Fig. 75 - Esquema síntese representativo da linha de pensamento de estratégia de intervenção da proposta.

Fonte: Elaborado pela autor: Janeiro, 2020.

Fig. 76 - Esquema dos acessos existentes.

Fonte: Elaborado pela autora: Outubro, 2019.

Fig. 77 - Desenho aguarela do local. Vista para Lisboa.

Fonte: Elaborado pela autora: Março, 2020.

Fig. 78 - Desenho ponte 25 de Abril.

Fonte: Elaborado pela autora: Março, 2020.

Fig. 79 - Esquema da proposta do edificado a manter/demolir.

Elaborado pela autora: Julho, 2020.

Fig. 80 - Representação esquemática da ordem compositiva do espaço, com separação do público e privado.

Fonte: Elaborado pela autora: Abril, 2020.

Fig. 81 - Representação esquemática da morfologia do forma.

Fonte: Elaborado pela autora: Abril, 2020.

Fig. 82 - Três esboços compositivos de estudo do espaço.

Fonte: Elaborado pela autora: Abril, 2020.

Fig. 83 - Representação esquemática com a indicação dos usos propostos em cada piso.

Fonte: Elaborado pela autora: Agosto, 2020.

Fig. 84 - Vista do Cristo-Rei, com a ponte 25 de Abril em 1º plano e Lisboa como pano de fundo.

Fonte: Fotografia da autora. Fevereiro, 2020.

01

INTRODUÇÃO

INTRODUÇÃO

As frentes de água são, desde sempre, locais privilegiados no território, sendo a água um dos principais elementos a partir do qual se desenvolvem as cidades.

As cidades portuárias, como é o caso de Lisboa, vieram a perder gradualmente a sua função industrial durante o séc. XX. Deixando grandes espaços portuários ao abandono.

Desta forma, olhando para a Área Metropolitana de Lisboa, é possível observar o rio Tejo como elemento responsável pela separação física das margens Norte e Sul. A margem Norte, composta por uma densa quantidade edificada, correspondente à grande Lisboa, contrariamente à margem Sul, que apresenta uma imagem pouco qualificada.

Devido à sua topografia acentuada, e ao recente abandono da exploração industrial portuária, a zona ribeirinha Sul tornou-se um território no qual surgiram diversos espaços urbanos vazios.

Neste sentido, torna-se urgente reflectir sobre este tipo de vazios, e a sua reintegração na cidade de Lisboa. Espaços estes que se destacam pela preservação de heranças culturais, promovem espaços sociais e urbanos harmoniosos.

Uma vez compreendida a necessidade de pensar numa estratégia de intervenção para estes lugares, é fundamental que esta permita realizar a ponte entre os valores culturais do passado com o contemporâneo, valorizando assim a identidade do lugar.

Será esta zona de conurbação, que leva à quebra das relações entre margens que se irá incidir a proposta. Partindo de um exercício de intervenção na frente ribeirinha de Almada, debruçado na zona de Arealva, na perspectiva de oferecer ao espaço uma nova vida.

Assim torna-se premissa do trabalho, compreender de que forma poderá a requalificação da antiga Quinta-da-Arealva oferecer ao local uma nova conotação capaz de fomentar a relação intergeracional da comunidade, através do desenvolvimento de um equipamento multifuncional de carácter náutico, social e cultural, potenciando a frente ribeirinha de Almada.

1.1. TEMA E JUSTIFICAÇÃO

O Projecto Final de Mestrado, procura desenvolver um Centro de Alto Rendimento de desportos Náuticos localizado na antiga Quinta-da-Arealva, em Almada.

Este projecto, parte da carência de um equipamento desta natureza, na cidade de Lisboa. Sendo Arealva um local estrategicamente bem localizado, tanto pela valência de proximidade com o rio, que permite a prática desportiva, como por se encontrar a meio da linha costeira Cascais-Costa da Caparica, destacando a iminente necessidade da requalificação do local impactante todavia descaracterizado.

Devido à proximidade com o plano de água, este trabalho procura a partir do título Tágide - por definição, um ser fantástico, da obra Os Lusíadas, Camões, Cântico I, que se supõe residir nas margens do rio Tejo, em particular na sua foz, Lisboa - personificar-se através do próprio elemento arquitectónico, um equipamento náutico, social e cultural, em equilíbrio com a envolvente litoral.

Desta forma, Tágide visa consistir num estudo sobre a história do território, destacando o seu património industrial e promovendo o local através de espaços multifuncionais e multigeracionais, ao encontro da cultura e o desporto, e assim requalificar e preservar a frente ribeirinha de Almada.

Fig. 1 - Pintura compositiva - seres fantásticos (ninfas) acompanham as naus portuguesas.



1.2. ENQUADRAMENTO E OBJECTIVOS

Outrora Arealva, bem como toda a orla ribeirinha Sul, foram alvo de elevada densidade de actividades de armazenagem, náuticas e piscatórias. Todavia, após a revolução industrial dá-se o abandono crescente destas infraestruturas, tornando-se assim palco de vasta memória de património industrial. Estes processos trouxeram ao território diversas áreas expectantes, levando Almada a sofrer transformações na sua paisagem urbana.

Pretende-se com a seguinte proposta responder às necessidades do local, propondo a requalificação urbana, através da integridade na paisagem e da arquitectura existente, com um equipamento que trabalhe como elemento dinamizador do frente ribeirinha, capaz de promover a melhoria da imagem da cidade.

Para isso, o projecto terá como ponto de partida, a observação e análise das potencialidades e problemáticas do local, de forma a compreender o caso de estudo, e assim definir os objectivos do projecto.

Como potencialidades, determinou-se: a localização como ponto estratégico de intervenção e à vista para a cidade de Lisboa; a vasta quantidade de património industrial; e a ambiência natural envolvente, reflectida na proximidade tanto com a arriba verde, como com o plano de água. Já como problemas, estes podem ser definidos através de: pouca acessibilidade ao local, devido à sua estrutura geográfica com uma pronunciada encosta até ao rio; a desfragmentação do local, criando falta de conexões tanto entre margens como entre o próprio local e Almada; a sensibilidade paisagística da margem; o elevado estado de abandono e ruína; e por fim a escassez de serviços responsáveis pelo esquecimento do local.

Desta forma, tornam-se nítidos os objectivos do trabalho, sendo eles:

- Identificar e caracterizar os espaços urbanos abandonados, compreendendo o porquê do seu abandono, identificando as potencialidades do espaço urbano e do seu contexto;

- Analisar as características locais tendo em conta a sua topografia, oferecendo uma melhoria significativa na acessibilidade ao local;

- Compreender o motivo de uma margem descaracterizada e desfragmentada, promovendo a conexão e a relação da mesma.

- Requalificar a zona ribeirinha de Almada, valorizando o património industrial e a memória do lugar, através da reabilitação da antiga Quinta-da-Arealva;

- Propor um equipamento de carácter multifuncional e multigeracional, como centro de alto rendimento náutico.

1.3. METODOLOGIA

Para a elaboração e desenvolvimento do trabalho Final de Mestrado, a metodologia adoptada será uma metodologia com uma abordagem de carácter qualitativo, onde o objectivo será trabalhar, tanto a componente teórica, bem como a projectual. Este processo, será realizado em simultâneo, para que a interligação entre as mesmas seja o mais coesa possível.

Neste sentido a metodologia proposta, será desenvolvida através do enquadramento teórico e conceptual, que recorrerá à análise e estudo do local, através de métodos como observação directa - in loco com recurso a um levantamento fotográfico, abordagem directa com pessoas, a partir de conversas informais, tanto no local com pessoas especializadas na área do equipamento proposto, e ainda através do apoio a cartografia antiga e actual e referências bibliográficas.

Assim, a fim de complementar a componente teórica, serão também realizadas recolhas e análises de planos, programas e projectos para a área de estudo, projectos de referência nacional e internacional como casos de referência, esta fase terá como principal objectivo complementar o conhecimento e contextualizar o projecto final de mestrado, de forma, a apoiar e guiar a proposta em termos de referências ao nível geográfico, morfológico, programático, urbanístico e arquitectónico. Remetendo assim, ao estudo dos mesmos, nas diversas áreas de forma a compreender os resultados obtidos. Para complementar esta fase, ter-se-á apoio a bibliografia, documentos e projectos.

No seguimento da teoria, será realizado a elaboração da proposta projectual, com base nos dados e informações recolhidas e analisadas, adicionando os meios utilizados para a composição do trabalho final, como esquemas, desenhos, programa, desenho urbano. Para que esta fase seja optimizada, agregou-se ainda um método de faseamento, repartindo o projecto em escalas com diferentes valências entre as mesmas, de forma a complementar a metodologia acima descrita.

1.4. ESTRUTURA E ORGANIZAÇÃO

O presente trabalho desenvolve-se ao longo de 5 capítulos correspondentes ao estudo do local através de diferentes escalas, partindo do macro até à escala do território. Assim, para ajudar à sua compreensão é criada uma estrutura, organizada da seguinte forma:

O primeiro capítulo visa descrever o tema do trabalho, bem como referir algumas questões e objectivos que pretendem ser desenvolvidos ao longo da proposta.

O segundo capítulo aborda uma macro escala e pretende complementar a componente prática, através do processo de investigação e estudo do seu tempo e história, bem como as relações que outrora estabeleceu com as áreas envolventes; à qual corresponde o capítulo "Paisagens de Água". Sendo este capítulo direccionado à análise dos processos de transformação das cidades ribeirinhas, tal como a sua ocupação, a relação entre a cidade e o rio, água como elemento, conexão entre margens e ainda a questão dos vazios urbanos, o seu aproveitamento e a sua memória.

De forma a proporcionar uma melhor abordagem do projecto, serão ainda apresentados diferentes projectos de referência, em "Casos de Referência", onde o objectivo será analisar exemplos de características morfológicas e de concepções e linguagem semelhantes às pretendidas, para uma melhor compreensão e execução do projecto final de mestrado, e ainda auxiliando no desenvolvimento do programa projectual.

O capítulo "Tágide - Interfaces de Planos", direcciona-se ao suporte da componente prática. Correspondendo a um capítulo que visa compreender o projecto à escala do território, enfatizando a relação entre o local com a morfologia do território, trabalhando a sua imagem através da água como elemento e a relação com os planos de água, a necessidade da requalificação urbana como estratégia de intervenção, e ainda o equipamento como revitalizador da mesma. E assim, através da compreensão do estudo temático compreender o projecto arquitectónico.

Por fim, as considerações finais e anexos, representam não só o culminar do trabalho final, bem como todo o seu processo. Onde para melhor compreensão desse processo, serão expostos para além de determinadas particularidades dos casos de referência e de maquetas de estudo, elementos preponderantes na formalização e experimentação de ideias através do estudo do local, desenhos, esquemas, fotografias, maquetas finais e elementos finais de projecto.

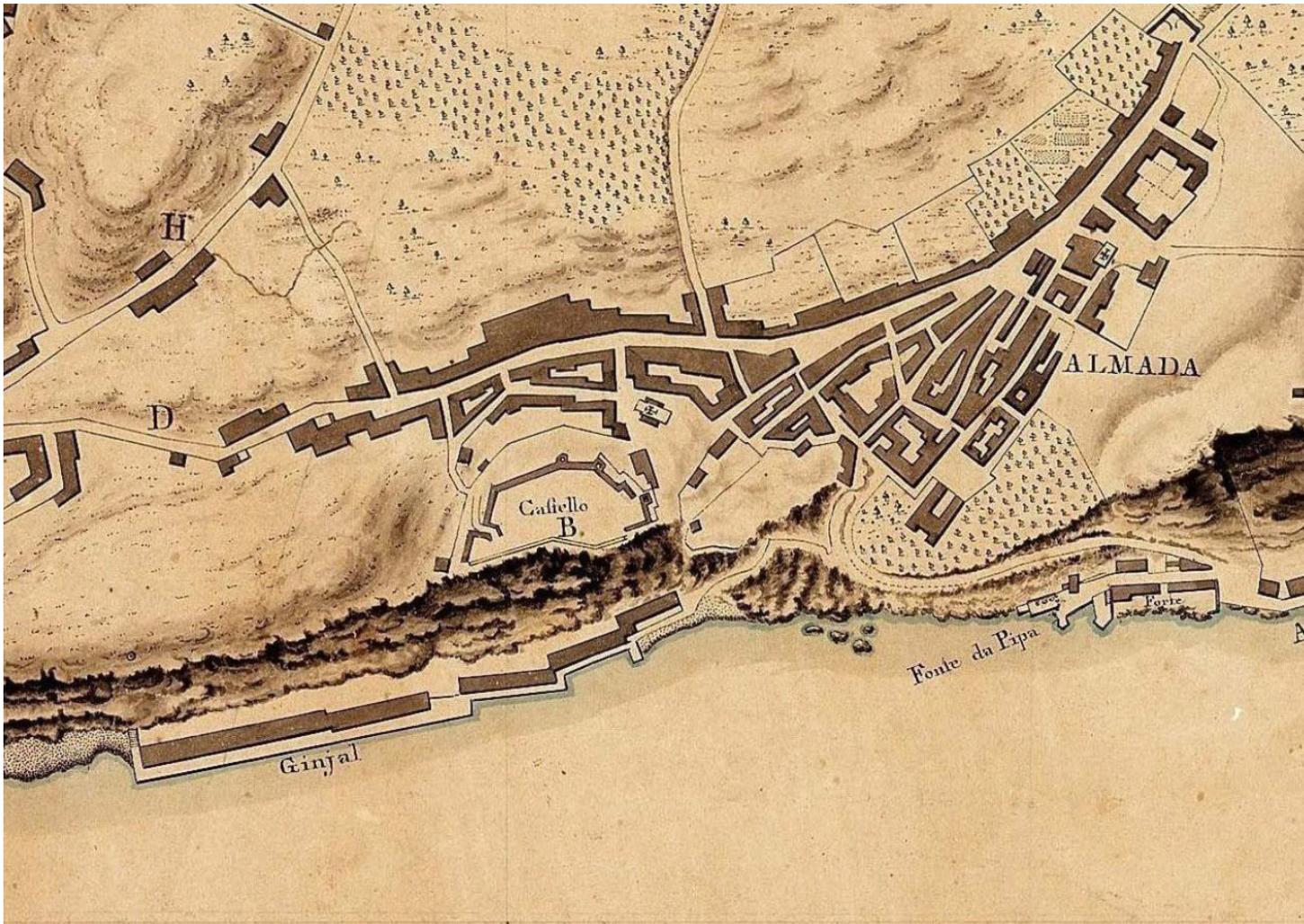


Fig. 2 - Enquadramento local. "Arealva" e "Forno do Tijolo" em excerto da "Planta do terreno desde Cacilhas até a costa Oeste, e Sud'oeste da Trafaria, com a linha fortificada sobre esse mesmo terreno", realizada por Manoel Joaquim Brandão de Souza Sargento Mór do Real Corpo de Engenheiros, às ordens do Tenente Coronel Fletcher dos Reaes Engenheiros, Março de 1813.



|02

PAISAGENS DE ÁGUA

PAISAGENS DE ÁGUA

“O nosso mecanismo perceptual é tão adaptável que cada grupo humano pode distinguir as partes da sua paisagem, pode aperceber-se delas e dar significado a pormenores significativos.”

Lynch, 1960, p. 146

A paisagem é a consequência directa da forma como o sujeito a interpreta, através da percepção subjectiva do indivíduo que a observa. Desta forma, a paisagem pode estar directamente associada às sensações que foram transmitidas ou guardadas na memória a partir de imagens ou vivências num determinado tempo e espaço.

As paisagens aquáticas relacionam-se de forma singular, existindo uma comunicação física e visual entre dois planos distintos; a cidade - o sólido, e a água - o líquido. Assim a relação entre a cidade e a sua frente não constitui um elemento estático, antes variável ao longo dos tempos.

A água é um dos elementos responsáveis pela topografia do meio natural, tendo um papel crucial à existência da vida humana, bem como à fixação de populações nas cidades. Constituindo-se como elemento central e preponderante dos hábitos e dinâmicas da vida quotidiana, frequentemente associadas à sensação que o próprio elemento funde no bem estar de cada sujeito. Porém, como consequência, este tipo de paisagem torna-se susceptível e frágil à intervenção.

Arealva torna-se assim alvo de vulnerabilidade à intervenção, devido à vasta dimensão do plano de água adjacente, distinguindo-se pela sua localização e memória de carácter sublime. Permitindo que a água se torne um elemento integrante da arquitectura, sendo que o valor da água pode ser alterado, melhorado e renovado, através da sua exploração mútua.

2.1. PROCESSOS DE TRANSFORMAÇÃO DAS FRENTES RIBEIRINHAS

A fortuna das cidades depende de múltiplos factores. A circulação conta-se entre os mais importantes. Onde a colina fragosa domina a enseada, o estuário ou o curso de água navegável, a cidade, ponto ou lugar de detenção na margem do rio, liga-se à estrada ou abre-se, pela via do mar, às relações distantes. Alcandorada na colina onde se abrigam as funções mais nobres e prestigiosas, vê desenvolver-se na terra chã um arrabalde de comércio, indústria e circulação.

Ribeiro, 1994, p. 150

As frentes ribeirinhas, surgem como espaço estratégico para a fundação e expansão de pólos urbanos. Através da articulação que apresentam com o plano de água, associada assim ao desenvolvimento de actividades piscatórias, comerciais marítimas e posição de estratégia militar, denominando a água como factor de fixação das populações.

De forma a converter a força das correntes em energia necessária às actividades fabris, as áreas industriais encontravam-se distribuídas, desde os tempos medievais, ao longo da orla costeira. Mais tarde, os portos levam ao surgimento de espaços de desenvolvimento urbano estratégico. Estas áreas, caracterizadas pela sua dimensão e organização permitiam, uma transparência indispensável para uma boa relação entre as cidades e a água.

Deixando assim de funcionar como espaço de transição, passando a oferecer à cidade áreas de desenvolvimento urbano, e espaços de trocas comerciais, culturais e sociais. Desta forma, é possível verificar que o desenvolvimento do porto acontece paralelamente ao da própria cidade, através da crescente actividade comercial, reflectida nas necessidades da sociedade, tanto a nível industrial como social e económico.

Contudo, devido às alterações sucessivas das tecnologias, e a descoberta e inserção da máquina a vapor, os meios anteriormente utilizados caem em desuso, por técnicas de produção que consistia na concentração das fábricas num núcleo industrial, permitindo assim um sistema de produção em massa. Consequentemente, no final do séc. XVIII, dá-se o início da revolução industrial, época de retirada ou simples abandono forçado pela crise económica e política, das infraestruturas, dando lugar a grandes áreas expectantes.

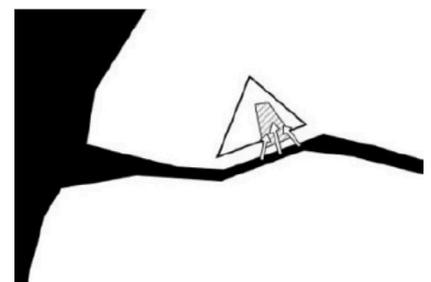


Fig. 3 - Cidade Porto - Entrepasto.

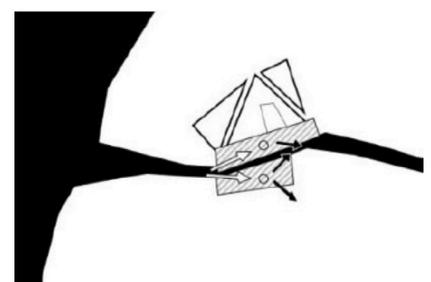


Fig. 4 - Cidade Porto - Distribuição.

Através de uma perspectiva histórico-cultural, é possível observar que, a relação de proximidade com o plano de água é denominado por uma constante alteração. A partir da evolução das frentes ribeirinhas através da adaptação às diversas necessidades, nos mais variados períodos. Assim sendo, *“A relação das cidades com a água constitui um tema recorrente na história do urbanismo e da arquitectura. (...) Os mares que num tempo foram o elo de ligação, foram, noutros, a ameaça donde vinham as investidas de corsários e povos invasores. As mesmas margens, às vezes praias, enseadas, espaços abertos, já tiveram também muralhas, fortes, atalaias, já foram barreiras defensivas da cidade-fortaleza.”* (Portas, 1998, p.6).

Verificando-se a capacidade de alteração de conotação e adaptação ao tempo em que se encontra, mantendo a memória que lhe é associada. As transformações na costa são assim responsáveis pela influência directa ao longo do tempo, na lógica da malha urbana e ao valor atribuído.

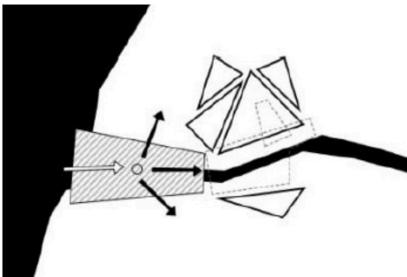


Fig. 5 - Porto Industrial.

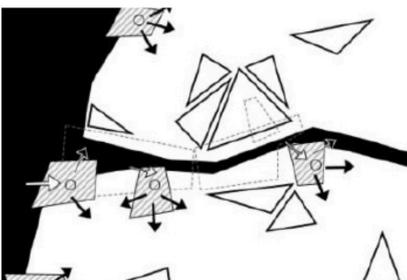


Fig. 6 - Porto Industrial de Distribuição.



Fig. 7 - Relação da margem com a actividade do Homem. Porto de Cacilhas.

2.2. OCUPAÇÃO DA MARGEM

A ocupação das margens, da cidade de Lisboa e Almada perduram desde o séc. XII, onde o rio Tejo, pode ser conotado como agente responsável pela separação física das margens. Por outro lado, desde que a prática da navegabilidade entrara em uso, este passa a ser responsável pelo meio de conexão entre as mesmas.

Assim, em 1147, D. Afonso Henriques, 1º Rei de Portugal, conquista Lisboa aos Mouros, tendo esta sido a última ocupação dos Mouros em Lisboa. Mais tarde, no séc. XIII dão-se as primeiras rotas regulares do Mediterrâneo, sendo Lisboa, escala obrigatória para todos os navios em trânsito pela costa portuguesa, o que leva a frente ribeirinha a viver um dos seus períodos de glória. Este período estende-se até aos Descobrimentos Marítimos Portugueses, já no séc. XVI, transformando o rio num campo de largadas de caravelas, com destino ao desconhecido, em busca de novos produtos, exóticos e valiosos. Ainda nesta época foram reforçadas as fortalezas do estuário do Tejo, como a construção da Torre de Belém, com o objectivo de defender a cidade. (Câmara Municipal de Lisboa, s.d.)

Posteriormente a esta época, as frentes ribeirinhas mantiveram-se ocupadas por comércio e actividades portuárias, onde, entre o séc. XVIII até ao séc. XIX, apresentam o pico de crescimento. O que leva, em 1887, D. Luís I, com o surgir da máquina a vapor, a assumir a necessidade de alterações e adaptação à modernização do porto de Lisboa, devido não só à sua dimensão, mas também à sua privilegiada localização. Esta expansão, acabou por criar margens com condições para instalação de indústrias que levaram a frente ribeirinha, à grande massificação de zonas industriais. Estas mesmas áreas portuárias começam a dar os primeiros sinais de decadência na segunda metade do séc. XX.

Até ao séc. XIX, enquanto a margem Norte desenvolvia actividade junto ao rio como porto comercial, a margem Sul era maioritariamente ocupada por quintas e casais agrícolas. Onde, devido à forte posição geográfica para abastecimento de matérias primas e escoamento de produtos transformados, a partir de 1816 começam a surgir ao longo da frente ribeirinha alguns armazéns, oficinas e fábricas, nomeadamente de vinhos, tanoaria, têxteis, cortiça, construção naval, destilaria e conservas.

Porém, tal como na capital, dá-se a queda da indústria, deixando esta margem praticamente despida. Esta queda, leva aos vazios urbanos, derivados do abandono de fábricas, armazéns bem como quintas. (Câmara Municipal de Almada, s.d.)



Fig. 8 - Fotografia panorâmica da cidade de Almada, 1962.



A partir dos anos 90 do séc. XX, deu-se início à requalificação urbanística destes locais, na busca de tentar recuperar o rio para a cidade. Actualmente é possível desfrutar da frente ribeirinha Norte, tendo esta sido alvo de projectos de reabilitação e requalificação. No entanto, ainda que muito favorecida pela abundância de recursos naturais, a margem Sul nunca obteve o mesmo protagonismo, denominada pelo acentuado relevo da falésia.

Fig. 9 - Construção Cristo-Rei. Noção de escala através da figura humana.

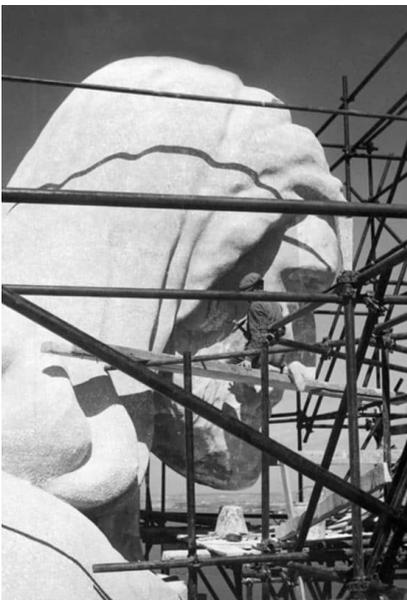


Fig. 10 - Fotografia aérea, da inauguração do Cristo-Rei (20 de abril de 1940). Observação dos caminhos existentes na arriba.



ESPAÇOS EXPECTANTES E A SUA MEMÓRIA

Após a II Guerra Mundial, foi possível verificar nas cidades portuárias o acentuado crescimento e modernização dos complexos portuários industriais. Este crescimento acontece devido à massificação da produção e consumo e através de novos modelos económicos, onde consequentemente a indústria pesada passa a concentrar-se nas frentes de água das cidades.

Já nos anos 70, estes complexos industriais, localizados em frentes de água perdem progressivamente a sua sustentabilidade económica e funcional, devido ao desenvolvimento de grandes capitais económicas. As antigas zonas industriais eram fechadas à cidade, e aquando da sua desactivação tornam-se vazios urbanos.

“em áreas híbridas situadas entre a cidade «canónica» histórica e compacta, e a cidade mais desfeita ou por fazer, marcada, por exemplo, pelos sistemas ferroviários ou pelos produtos da cidade industrial, que estão a ser substituídos, renovados, modernizados”
(Portas et al., 1996, p. 54).

Actualmente o surgimento de vazios urbanos, resulta num maior desenvolvimento de projectos que possam intervir nos mesmos, criando oportunidades, uma vez que estes podem ser o receptáculo de enumeras vivências urbanas, sendo de extrema importância que a sua reconfiguração assegure uma identidade forte relacionada com a cidade que a assegura.

Os vazios urbanos são locais que, segundo Fialovà, se tratam de uma porção de terra expectável e potencialmente aproveitável. Onde a ausência de uso de actividade remete para a promessa de um espaço “do possível”, com uma conotação de liberdade e versatilidade, uma vez que se tratam de lugares indefinidos e incertos. Como causas para a conversão de uma determinada zona em *terrain vague*. (Borde, 2002).

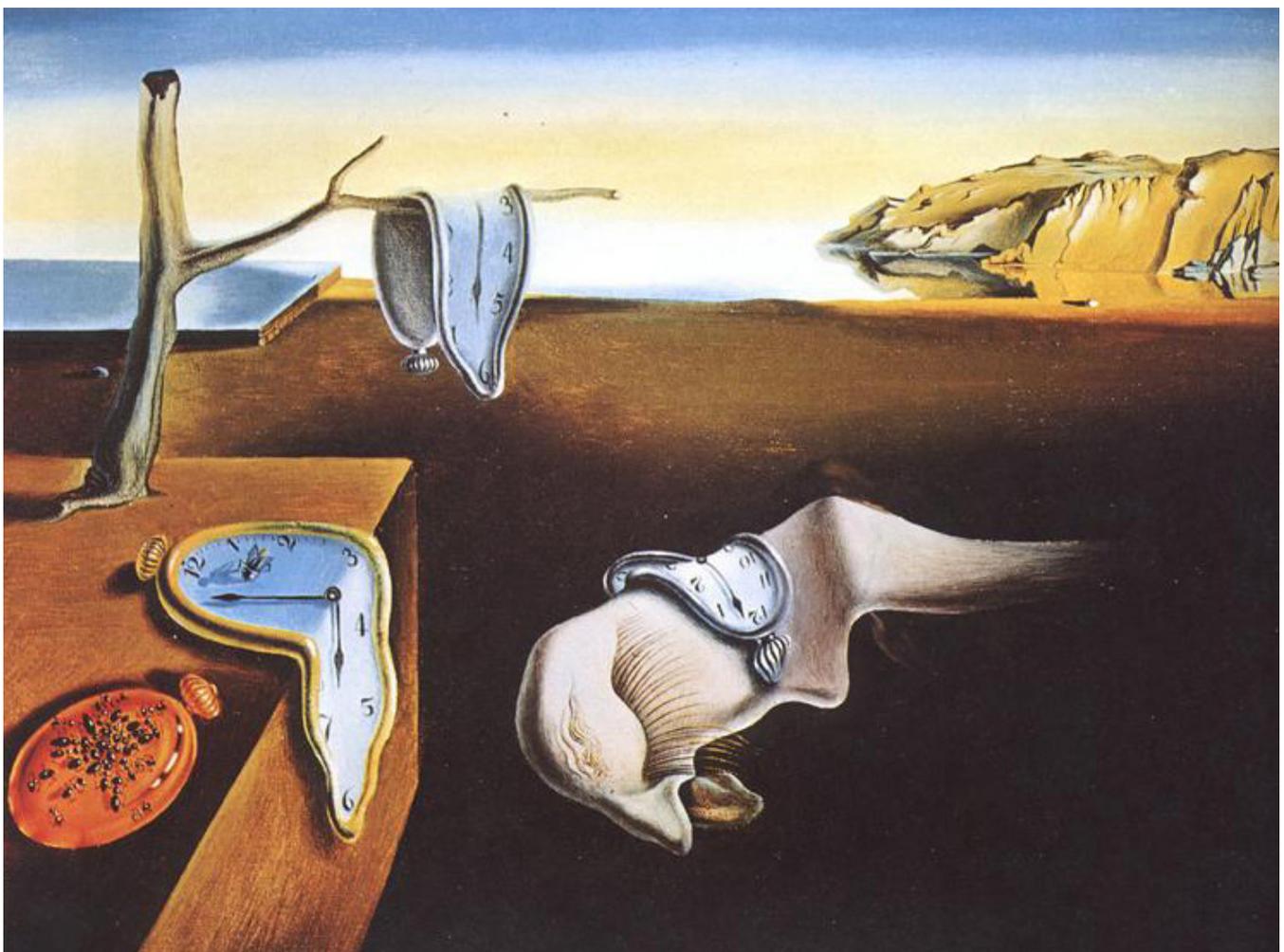
Assim, a linha costeira de Almada, deve ser observada como espaço de oportunidade, podendo ser definida como território expectante devido à versatilidade de valências, porém menosprezado, de limites imprecisos e conotado pelo seu abandono e degradação, ao sistema urbano de uma cidade.

“(…) O património industrial compreende os vestígios da cultura industrial que possuem valor histórico, tecnológico, social, arquitectónico ou científico. Estes vestígios englobam edifícios e

maquinaria, oficinas, fábricas, minas e locais de processamento e de refinação, entrepostos e armazéns, centros de produção, transmissão e utilização de energia, meios de transporte e todas as suas estruturas e infra-estruturas, assim como os locais onde se desenvolveram actividades sociais relacionadas com a indústria, tais como habitações, locais de culto ou de educação. (...)" (Ticcih, 2003, p. 39).

Estes espaços permanecem sob o desígnio de património industrial, não apenas da possibilidade de identificar o seu uso e tipologia, pois como refere Ruskin (Choay, 2017), a arquitectura é o único meio que dispomos para conservar vivo um laço com um passado ao qual devemos a nossa identidade e que é constitutivo do nosso ser, laço esse definido essencialmente pelas gerações humanas que nos precederam.

Fig. 11 - La persistencia de la memoria, Salvador Dali, 1931



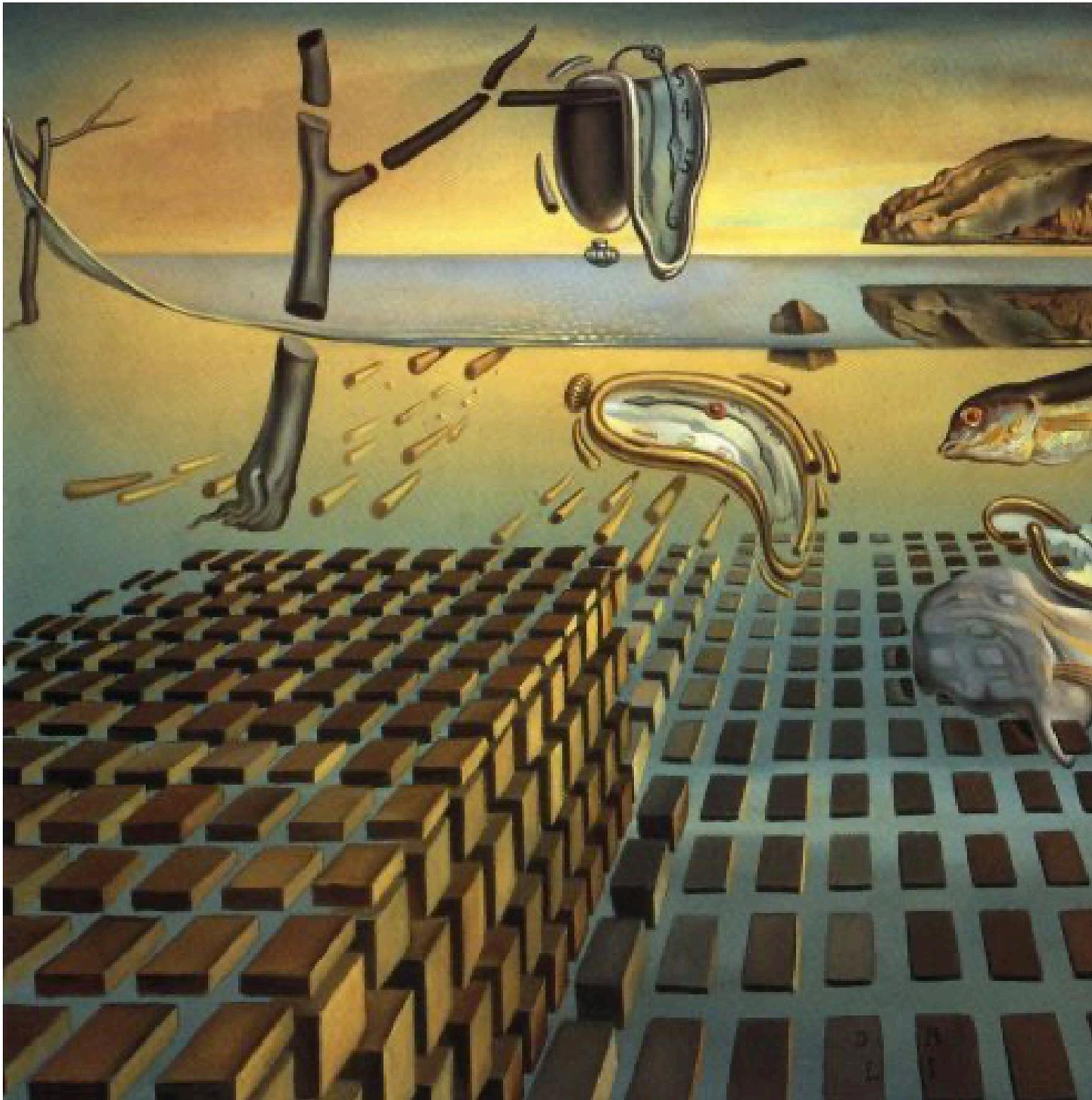




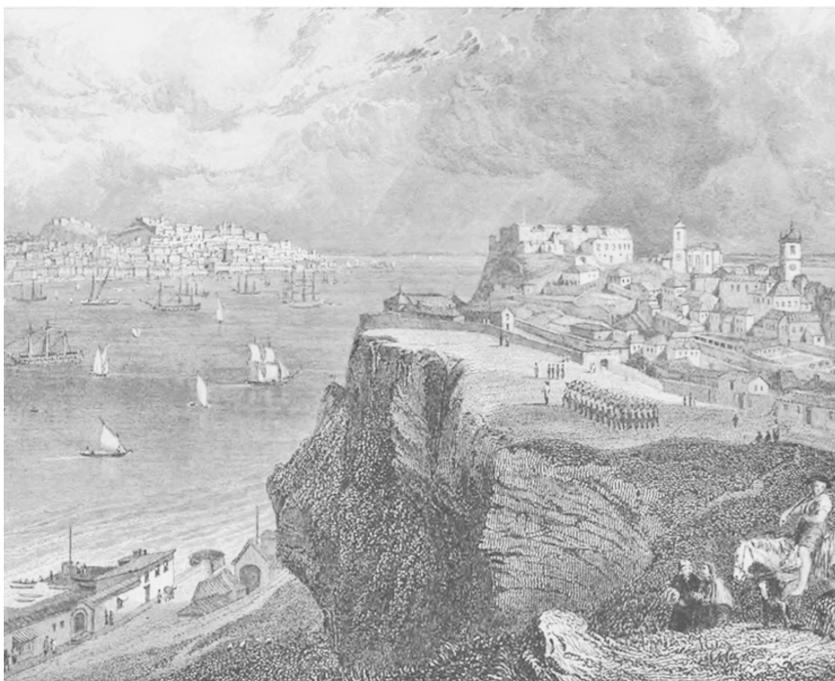
Fig. 12 - La Desintegración de la Persistencia de la Memoria, 1954

2.3. RELAÇÃO ENTRE A CIDADE E O RIO

A relação entre a cidade e o Rio, dá-se devido às vantagens geográficas de formação da cidade. Os rios, não só eram locais que se destacavam pela fonte natural de água doce, alimentos e a facilidade na construção de canais que permitiam a irrigação das áreas de cultivo. À medida que as cidades foram crescendo, também os rios passaram a ser, progressivamente, usados como reservatório de esgotos urbanos. Ademais, também passaram a funcionar como canal de transporte popular e de mercadorias, facilitando o estabelecimento de redes comerciais. (Le Goff, 1998).

A partir do séc. XVIII, durante a Revolução Industrial, os rios apresentam um papel importante, servindo como fonte de abastecimento para as máquinas a vapor e geração de energia a partir das hidroeléctricas. Já no séc. XX a poluição das águas atinge o seu ponto crítico, tornando a relação entre a cidade e o rio danificada. Contudo, por motivos ecológicos e procura de reintegração dos rios e frentes ribeirinhas nas cidades, no final do séc. XX, deu-se início a um processo de recuperação ambiental e paisagísticas dos rios urbanos. No seguimento de exemplos de cidades que reverteram o acelerado processo de poluição dos mananciais urbanos, bem como a ocupação de suas margens, destacam-se Nova Iorque, Londres, Madrid e Seul, entre outras. (Machado, s.d.).

Tanto Lisboa como Almada são alvos de processos idênticos, uma vez que toda a frente de água, cresceu em conformidade com a indústria portuária, armazenamento e produção de mercadorias.





A conexão nasce da necessidade e interesse entre as margens, apresentando especial enfoque após a conquista aos Mouros. Em 1284, são intituladas as primeiras leis à cerca das travessias fluviais entre Cacilhas e Lisboa. Estas leis pouco estabelecidas, rapidamente demonstraram necessidade de sofrer ajustes, uma vez que mostravam poucas normas de funcionamento para o que o crescimento do momento exigia. Neste período, já tivera sido estipulado um preço para o uso do transporte fluvial, onde podiam circular pessoas e animais, porém os escravos não podiam circular sem autorização dos seus senhores.

Como local de travessias, Cacilhas passa a dispor de dois estabelecimentos que vão criar uma grande relação entre margens, sendo eles um complexo de apoio a viajantes - o Hospital ou Albergaria dos Palmeiros, fundado por peregrinos ingleses, e outro a doentes - gafaria de S. Lázaro, que acolhia os leprosos de uma vasta região a Sul do Tejo. Estas instituições estavam respectivamente interligadas às antigas capelas de Nossa Senhora de Palma e Nossa Senhora do Bom Sucesso (Câmara Municipal de Lisboa, s.d.). Contudo esta conexão só poderia ser realizada através do rio, e sempre com uma conotação de passagem de produtos, das indústrias e agricultura, ao comércio na capital.

O paradigma dos planos físico e sólido, da cidade e do Tejo, são responsáveis pelos limites impostos pela morfologia. Pois, "(...) os limites são os elementos lineares não considerados como ruas: são normalmente, mas nem sempre, as fronteiras entre duas áreas de espécies diferentes." (Lynch, 1989, p.66). Podendo descrever que Almada é composta por limites verticais - a acentuada arriba; bem com os horizontais - o plano de água. Ainda assim, o mútuo interesse das margens, tal como a necessidade de produção, não deixa de ser motivo para a não conexão das mesmas.

Como consequência, o planeamento urbanístico do local outrora idealizado de forma a otimizar a indústria, levou a margem a um espaço descontínuo e fragmentado, dando origem a acessos obsoletos e constrangimento de fluxos.

(Da esquerda para a direita).

Fig. 13 - "Lisbon from Fort Almada", Desenhado por C. Stanfield a partir de um esboço de W. Page, gravado por E. Finden.

Fig. 14 - Processo de ocupação da margem. A evolução da frente ribeirinha da Almada desde o início do séc. XIX até ao séc. XX.

2.4. ÁGUA COMO (O) ELEMENTO

Partindo da premissa de que a conotação da água se encontra intrinsecamente interligada com a materialidade, espírito, admiração e oculto, e crendo que tais simbologias podem estar relacionadas com propriedades físicas materiais da água, pode-se dizer que a arquitectura se baseia tanto nas conotações simbólicas culturais como na experimentação fenomenológica com a matéria. Isto é, as sensações corporais que a água proporciona e as suas características físicas como a fluidez, a flutuação, a transparência ou a instabilidade, podem ser explorados pelo arquitecto como acção de projecto e constituição material da obra.

Permitindo que a água se torne uma parte integrante da arquitectura, o valor da água pode ser alterado. Caracterizando assim, a água como elemento de experimentação e contemplação individual, e ainda como fenómeno social, podendo o homem apreciar as diversas facetas deste elemento. Estas podem ser: a nível cultural, social e espiritual, e ainda o destaque do seu valor físico e as suas características emocionais.

Através da seguinte afirmação, *“A água, elemento fundamental de vida, é também nalgumas ocasiões, um elemento evocador de composição arquitectónica. A sua transparência abstracção ou fluidez, elevem a importância do precioso líquido como fonte de inspiração projectual.”* (AA.VV., 2001, p.3). É possível verificar que a arquitectura, através da integração da água e da sua poética, consegue proporcionar uma infinidade de qualidades aos espaços. Esta pode representar diversas simbologias alegóricas, como por exemplo personagens e mitos, podendo também ser compreendida como símbolo da vida ou morte, e até mesmo somente observada enquanto fenómeno.



A água é um material natural com uma identidade imutável, quer apareça na arquitectura ou na natureza, seja em Quioto, Forth Worth, Amesterdão ou Sebatu.(...) Se a água não tem sido utilizada, nem muito, nem bem, na nossa arquitectura, então seguramente, alguma dificuldade pode ser acrescentada à nossa confusão sobre que atitudes pretendemos expressar com respeito à natureza. No entanto, se podermos efectivamente incorporar o simbolismo, a história e a natureza física da água, então a nossa água e arquitectura podem conter um potencial de beleza, inigualável por qualquer outro material que queiramos incluir nos nossos ambientes". (Moore, 1994, p.25).

Embora a água apresente inúmeros significados consoante as culturas em que se encontra, e ainda que o evoluir das civilizações e o crescimento das cidades altere a sua conotação, a procura do Homem à aproximação da água nos espaços do seu quotidiano, é uma constante. A água continua a surgir contida por limites sólidos, para os mais diversos fins, sendo responsável por uma vincada presença, influenciando a arquitectura, pelo seu carácter, ainda que subjectivo, simbólico, em resposta tanto ao corpo como à mente.

Fig.15 - Vista de Lisboa tomada de Almada, século XVIII.

Fig. 16 - Trabalhadores a descarregar mercadoria para área de restauração. Cais do Ginjal , 1940-50.



SÍNTESE

Em suma, devido às vantajosas características defensivas e partindo da conotação responsável pelo surgimento e desenvolvimento de grandes cidades, as frentes de água são locais privilegiados e de incessante procura pelo Homem. Sendo assim palco de constante alteração e adaptação aos tempos em que se encontra.

Posteriormente, com a evolução das civilizações, e o surgimento do desenvolvimento industrial e comercial, dá-se o processo de transformação das frentes ribeirinhas em redor do porto pelas suas actividades piscatórias. Deste modo os portos tornam-se o motor de atracção populacional, responsáveis pelo desenvolvimento económico de cada região, através de infra-estrutura em expansão.

Com o desenvolver das actividades ribeirinhas o processo de ocupação das margens remete à relação entre os planos de verticais e horizontais da cidade e da água, exigindo a necessidade de conexão entre as mesmas.

Caracterizados como territórios preponderantes, e áreas vulneráveis à intervenção capazes de remeter à beleza intrigante dos vazios urbanos através do imaginário da sua imagem.

"(...) Devemos-nos lembrar de que a diferença entre o passado e presente, do ponto de vista da teoria do conhecimento, em grande medida reflecte o fato de que o passado está a ser parcialmente experienciando agora, e isto pode ser o pretexto para garantir permanências: elas são passado que ainda estamos a experienciar" (Rossi, 1982, p. 57).¹

Destacada pela acentuada relação com o Tejo, Arealva, é desta forma definida por uma paisagem de água, alvo de desuso pós industrial. Definida por uma área expectante, enfatizando a frente ribeirinha a sua requalificação torna-se responsável pelo factor de melhoria de ligações, vivências e imagem da cidade. Utilizando a água como elemento (re)estruturante, compreendida não só como elemento e bem fundamental à vida mas também, como material e poética na arquitectura, onde a sua simbologia pode ser responsável por diversos tipos de sensações, aumentando e valorizando o património público, através da contextualização e equilíbrio da memória com o actual.

¹ Tradução livre do autor de: "(...) One must remember that the difference between past and future, from the point of view of the theory of knowledge, in large measure reflects the fact that the past is partly being experienced now, and this may be the meaning to give permanences: they are past that we are still experiencing". (Rossi, 1982, p. 57).

| 03

CASOS DE REFERÊNCIA

CASOS DE REFERÊNCIA

Para uma melhor compreensão e execução do projecto, e com o objectivo de auxílio no desenvolvimento de um programa projectual, procuraram-se exemplos de características morfológicas, concepção e linguagem semelhantes às pretendidas. A escolha destes projectos, obteve como critério explorar temáticas como: a componente da escala urbana; intervenção na paisagem; arquitectura e integração no existente; e ainda a vertente programática e funcional.

Pretende-se neste capítulo, analisar diversas escalas - urbanas e projectuais, através de distintos casos de referência, entre os quais projectos nacionais e internacionais, optando assim por uma maior variedade de estudo.

Para tal, como referências de componente da escala urbana, acessos e relação com o espaço público, nomeadamente espaços com elevada diferença de cotas o projecto Escadas de Granja, dos arquitectos José Antonio M. Lapeña e Elias Torres e Instituto Champalimaud, de Charles Correa.

Em relação à vertente de integração na paisagem, associado ao plano de água, com o equilíbrio do espaço público/técnico-privado e escala projectual definido pelas características geográficas, programa cultural, e pela sua relação com a água, edifício cultural The Whale de Dorte Mandrup e Piscina de Marés, Álvaro Siza Vieira.

O Farol de Sta. Marta dos arquitectos Aires Mateus e o Museu do Mar de César Portela como referências harmoniosas de reabilitação e integração com o existente.

E por fim, o Centro de Alto Rendimento de Foz de Côa do arquitecto Álvaro Fernandes Andrade e o Clube Naval de Cascais do Atelier Contacto Atlântico, tanto como elemento projectual, bem como pela componente programática directamente ligada ao desporto e funcionalidade do elemento arquitectónico.

3.1. ESCALA URBANA

ESCADAS DE GRANJA

JOSÉ ANTONIO M. LAPEÑA; ELIAS TORRES (TOLEDO, ESPANHA - 2000)

As escadas de Granja, são um projecto que visa responder à problemática de acessibilidade devido à acentuada diferença de cotas entre Paseo de Recaredo e o centro histórico da cidade de Toledo.

Estas escadas, são compostas por seis lances de escadas, em secção contínua, de cerca de 36 metros de altura. Aqui o arquitecto opta por adaptar-se à topografia do terreno, a fim de diminuir o impacto visual e ambiental da paisagem, onde a construção é realizada a negativo, escavada e incorporada na encosta. Através da forma serpenteada, permite não só vencer a elevada diferença de cotas, como também evitar sensações de vertigens e ainda integrar-se de forma equilibrada na paisagem envolvente, tendo sido todo o projecto construído em betão de cores ocre, tal como o tom da arquitectura típica de Toledo.

As escadas rolantes são apoiadas numa base de betão e são limitadas num dos lados por uma parede de retenção, de forma a proteger todos os que a utilizem, e dando noção de continuidade ao declive da encosta ajardinada. Por outro lado a cobertura tende a fugir à inclinação natural do terreno, tendo sido elevada de forma a proporcionar a sensação de uma abertura longa e contínua que acompanha a caminhada, e ainda um miradouro, onde se pode ver o Vega del Tajo e Toledo.

Essa abertura, torna-se o elemento mais característico do projecto: uma racha, que ao anoitecer eleva uma fissura de luz, que nos encaminha até ao centro histórico da cidade. Todo o projecto apresentou ainda especial atenção ao valor do património cultural existente no centro histórico, respeitando assim as muralhas medievais, na sua totalidade.²

Fig. 17 - Interior escadas, geometria e espacialização.



² Disponível em: <https://proyectos4etsa.wordpress.com/2016/02/07/escaleras-de-la-granja-toledo-2000-jose-antonio-m-lapena-elias-torres/>

Fig. 18 - Interior escadas, relação entre proporções e materialidade.



Fig. 19 - Luz/sombra trabalhada no negativo da encosta. Relação com o espaço exterior.

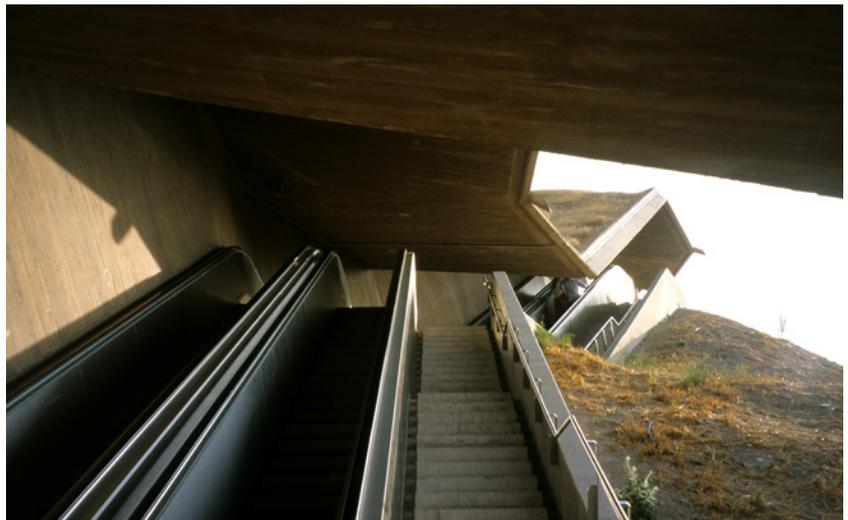


Fig. 20 - Fachada luminosa das escadas ao anoitecer.

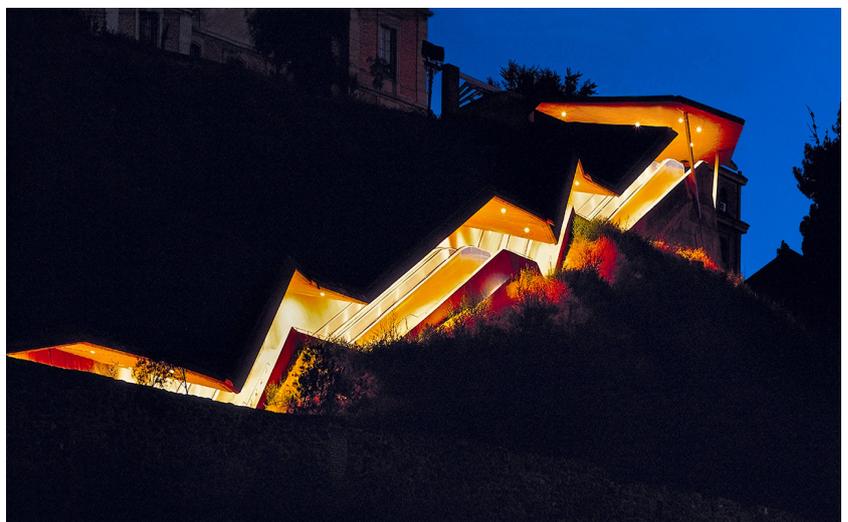
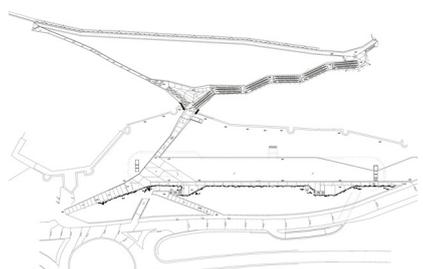


Fig. 21 - Planta de implantação Escadas de Granja, no plano urbano.



INSTITUTO CHAMPALIMAUD

CHARLES CORREA - (LISBOA, PORTUGAL - 2010)

O Instituto Champalimaud, é um espaço distinto, e definido pelo equilíbrio entre o equipamento de peso e a frente ribeirinha; espaço este, de encontro com o rio e sensível a qualquer tipo de intervenção. Projecto onde é possível verificar premissas de permeabilidade e ambiência de espaços públicos.

Este lugar é composto por três pólos, sendo dois deles de carácter técnico e outro destinado ao encontro com o espaço público, no formato de anfiteatro. Os edifícios aparentam ser independentes no piso térreo, no entanto os pólos técnicos interligam-se através de um passadiço elevado transparente, desta forma a sua ligação não interfere com o exterior e envolvente, bem como com o espaço público. O projecto apresenta a nível de resolução de fachada, uma casca curva revestida em pedra, e os vãos acompanham esta forma oval, promovendo assim uma sensação de leveza e conexão em harmonia com o espaço.

O momento de entrada no recinto, é caracterizado pela sensação de descoberta do espaço, conseguida a partir do percurso central, que se desenvolve de forma ascendente, que leva ao desvendar gradual da paisagem, até chegar a dois volumes verticais principais. Ao criar um elemento de referência visual, as duas colunas, dispostas paralelamente uma à outra, é possível balizar o que será o enquadramento desejado. Desta forma, a foz de Lisboa e a sua paisagem oceânica, tornam-se o momento focal deste percurso, envolvido na frente de água, nunca deixando que essa relação seja cortada, através da introdução de um espelho de água no fim do percurso, produzindo sensação de continuidade e a transição entre o espaço construído e o espaço natural.

Assim o edifício da Fundação Champalimaud revela o equilíbrio entre o que é um programa técnico com o espaço público, permitindo a entrada livre no complexo, e libertando o percurso até ao momento que descobrimos o rio novamente.³

³ Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/>

Fig. 22 - Detalhe da fachada Instituto Chamaplimaud; Relação com o interior.



Fig. 23 - Ambiência espacial, com ligação leve entre dois complexos; Permeabilidade e pouco impacto visual.

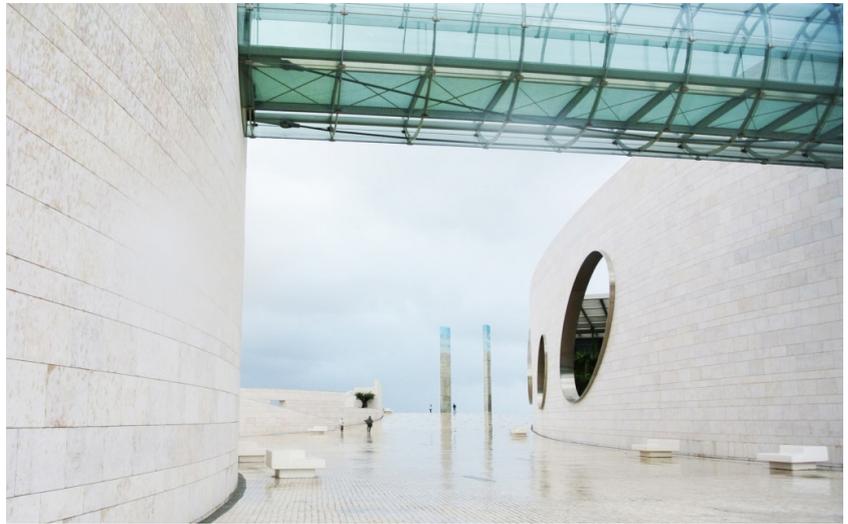


Fig. 24 - Relação com a paisagem de água; harmonia do espaço exterior público.



Fig. 25 - Materialidade e plasticidade da fachada.



Fig. 26 - Planta de implantação Instituto Champalimaud.



3.2. INTEGRAÇÃO NA PAISAGEM

PISCINA DE MARÉS

ÁLVARO SIZA VIEIRA - (MATOSINHOS, PORTUGAL - 1966)

As piscinas de marés de Leça da Palmeira, são um dos mais reconhecidos projectos do Arquitecto Álvaro Siza Vieira. O projecto foi concluído no ano de 1966 e é composto por duas piscinas, com respectivos vestiários e área de restauração.

O complexo procura enquadrar os volumes na paisagem, de forma a integrá-lo na mesma, tomando como partido da topografia natural do terreno rochoso, usando as depressões de forma a implantar as piscinas de água salgada. As piscinas são limitadas por muros baixos de rochedos pré-existentes e betão, confundido-se com o horizonte, dando a ilusão visual de não existir qualquer barreira física entre as piscinas e o mar.

A edificação encontra-se a uma cota mais baixa do que a via marginal paralela a que está disposta, deixando assim a vista de mar desafogada. A entrada no edifício é realizada através de uma rampa suave que vai progressivamente criando um ambiente mais sombrio, de forma a ir bloqueando a vista, tanto rodoviária, como a de mar, criando uma transição do elemento do mar de visual, para enfoque sonoro. Após a saída da área balnear a vista dominante, torna-se novamente protagonista do espaço. A materialidade predominante desta obra é o betão armado, de tom aproximado ao das rochas envolventes, de forma evidenciar a presença humana, sem que esta ganhe predominância no espaço. As coberturas são em madeira, revestidas com chapas de cobre.

Desta forma Siza encontra o equilíbrio entre a arquitectura evidenciada, na harmonia da integridade da paisagem envolvente, trabalhando na contraposição entre o orgânico do existente e a geometria e plasticidade da arquitectura. ⁴

Fig. 27 - Relação Luz/Sombra, Piscina de Marés.

⁴ Disponível em: <http://www.archdaily.com.br/>



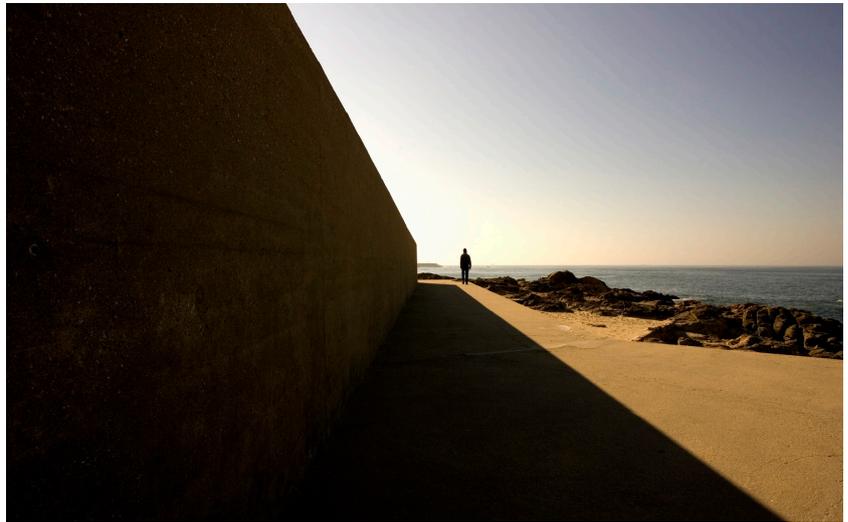


Fig. 28 - Ambiência e integração com o mar. Luz/Sombra e materialidade.



Fig. 29 - Integração na a paisagem envolvente.

Fig. 30 - Vista aérea Piscina de Marés; Relação com o mar.

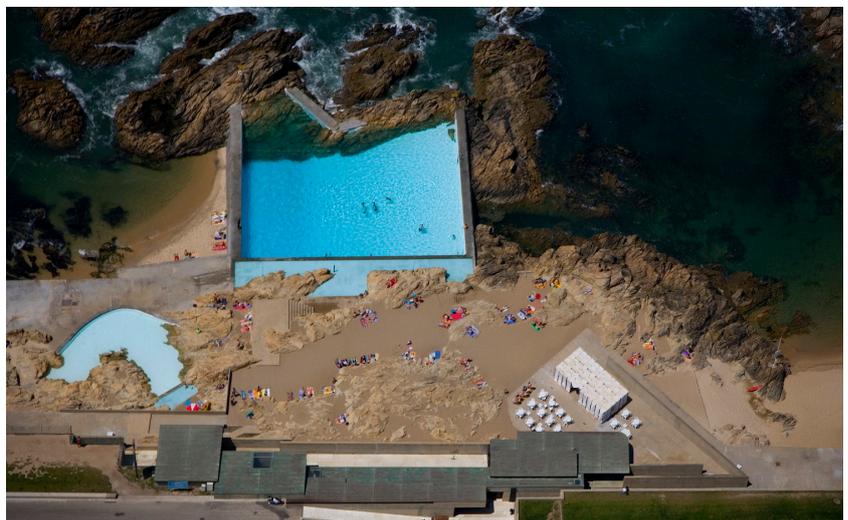
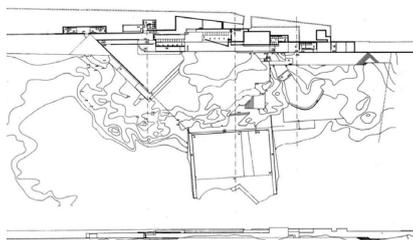


Fig. 31 - Planta de implantação Piscina de Marés.



THE WHALE

DORTE MANDRUP - (ILHA DE ANDENES, NORUEGA)

The Whales, trata-se de um projecto de Dorte Mandrup, cujo será um equipamento destinado à cultura e observação de baleias em Andenes. Este local, na Noruega é frequentemente local de passagem de baleias migratórias, tornando este local um dos sítios mais privilegiados para a sua observação.

O edifício ganha a forma, modelado pela paisagem envolvente, esta forma peculiar permite não só dar ao edifício a sensação de movimento, como também que a cobertura seja a base da própria estrutura, a partir da forma parabólica. A estrutura efectivamente transmite as forças para três pontos de apoio nos cantos do edifício, tornando possível criar no seu interior um grande vão sem colunas.

Como resultado dessa curvatura, é possível obter uma cobertura percorrível, coberta de pedras naturais locais, não trabalhadas e vãos de grandes dimensões, minimizando o uso de material resultando num design económico e sustentável. O interior, prevê uma composição de uma vasta área aberta à interface de planos compreendidos pelas montanhas e o mar. Numa visão maioritariamente horizontal com o objectivo de proporcionar o encontro do Homem com as baleias, numa exploração poética de diferentes universos - abaixo e acima da água.

É então possível observar neste projecto as premissas de permeabilidade num perfeito equilíbrio com a paisagem, através da utilização da competente do espaço público, criando um espaço fluído com sensação da experiência do lugar na frente de água.⁵

Fig. 32 - Fachada The Whale, relação da composição do projecto com a paisagem.

Fig. 33 - Axonometria esquemática de implantação. (na pág. seguinte)

⁵ Disponível em: <https://www.dortemandrup.dk/work/whale-norway>



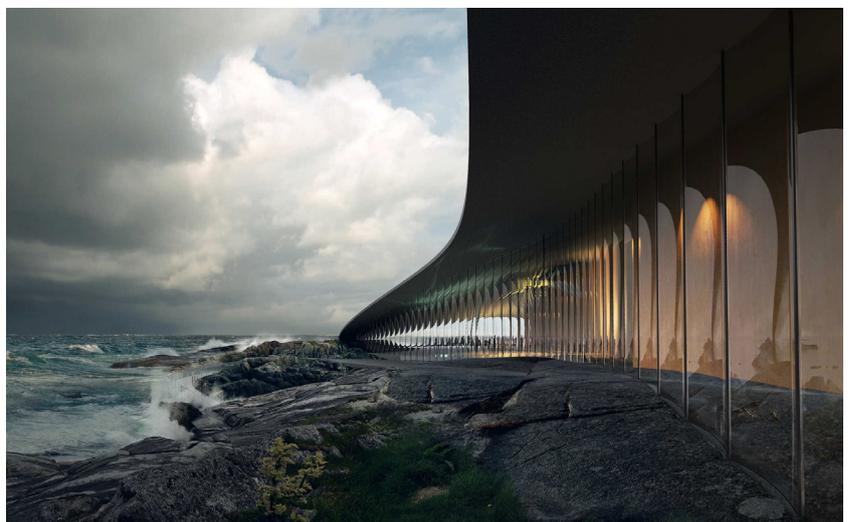
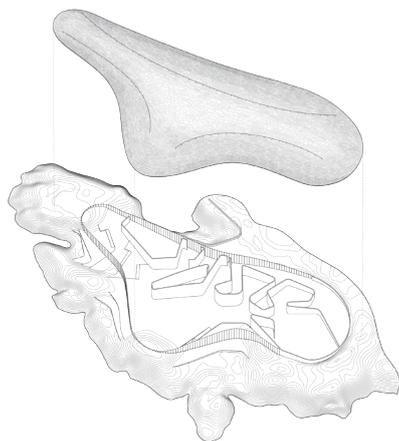
Fig. 34 - Resolução da cobertura curva, permitindo um grande vão sem pilares; relação interior/exterior.



Fig. 35 - Enquadramento na paisagem; cobertura percorrida, criando um ponto de miradouro.



Fig. 36 - Relação entre o edifício e o mar. Relação de proximidade, e preponderância do equipamento.



3.3. ARQUITECTURA DE INTEGRAÇÃO NO EXISTENTE

FAROL DE SANTA MARTA

AIRES MATEUS - (CASCAIS, PORTUGAL - 2007)

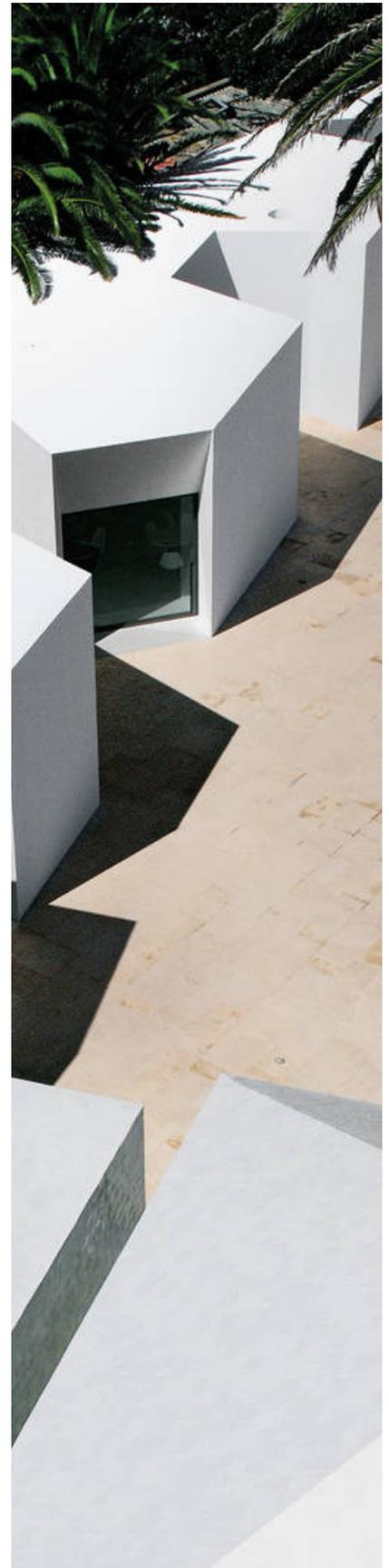
A obra em questão, foi em 2007, alvo de intervenção de reabilitação pelos arquitectos Aires Mateus. Esta obra é composta pelo equilíbrio e harmonia do palimpsesto entre o património do antigo e o contemporâneo.

O farol de Sta. Marta recebe o seguinte nome, como referência à antiga ermida dedicada à Santa, localizada nas proximidades. Erguido nos meados do séc. XVII, na designada ponta de Salmado. Nessa altura a estrutura compunha-se essencialmente de um quartel-paiol e de uma muralha que suportava a bateria alta, virada a Sul, no entanto no séc. XVIII percebeu-se que a bateria não compreendia a defesa da baía de Cascais necessitava. Tendo em conta a situação de falta de defesa, é construída uma nova muralha e outra bateria com mais canhoneiros, voltada a Nascente da qual possibilitava o fogo cruzado com a bateria dos Artilheiros da Praça. Afastada a necessidade militar foi erguido em 1868 sobre a bateria alta de Sta. Marta, o primeiro farol, assim como as outras construções de apoio à sua nova função. O farol original obtinha sensivelmente metade da altura actual. Após os ajustes verificados em 1908, a torre do farol é acrescentada em 1936, assumindo a dimensão e a imagem que contempla até hoje.

O projecto de restauro à qual foi submetido, é composto por três momentos distintos: o que reporta um restauro directo dos elementos mais relevantes; um outro que procura clarificar o processo histórico demarcando os diversos núcleos; e por fim o que sustenta a criação de um novo edifício de forma a viabilizar a adaptação ao forte.

A escolha da materialidade nasce da constante busca pelo preexistente, onde as opções foram os lajedos da bateria, azulejo (viúva Lamego) do farol, cujo passaram a revestir todos o edifícios já reabilitados e reboco nas muralhas, bem como o novo 'edifício-muro'. Oferecendo ao local uma poética visível, ainda que subtil.⁶

Fig. 37 - Vista aérea, demonstrativa da composição espacial do elemento bem como a forma integrada da reabilitação.



⁶ Disponível em: <https://www.cascais.pt/equipamento/farol-museu-de-santa-marta>

Fig. 38 - Diferenciação entre o antigo e a novo, através de das materialidades distintas, embora de tonalidades semelhantes.



Fig. 39 - Detalhe do equilíbrio entre proporção e formas.



Fig. 40 - Enquadramento paisagístico; (co)relação com o elemento da água.

Fig. 41 - Planta do piso térreo da intervenção ao farol de Sta. Marta.



MUSEU DO MAR

CÉSAR PORTELA - (VIGO, ESPANHA - 2002)

Originalmente construídos para o uso fabril de conservas, e posteriormente reutilizado como matadouro municipal, em 1992, surge a intenção de transformar este local num espaço dedicado à cultura, com o objectivo de apoiar a envolvente urbana e a relação com o plano de água numa estratégia de regeneração deste pólo industrial.

De forma a não interferir com o espaço público, bem como aumentar a área permeável do local e melhorar a ligação entre edifícios, o edifício principal e o anexo interligam-se através de um passadiço elevado. Este anexo surge da necessidade de ampliar o espaço existente, tendo sido necessário criar novos espaços ao seu desenho inicial. As suas fachadas são maioritariamente compostas por granito cinzento de Mondariz, pedra típica do local e as coberturas de chapa de cobre.

A intervenção resulta em três edifícios distintos, sendo eles: o edifício principal, edifício anexo e aquário, que vão sucedendo e sendo articulados, criando entre si uma pequena praça. Esta espaço é responsável pela função de miradouro, relacionando-se directamente com o mar a partir de uma zona de praia e um pontão que se estende para dentro do plano de água, terminando com o apoio do farol que o mesmo integra; com o objectivo de contemplar o mar, sendo este o seu grande destaque.

O resultado final acaba por gerar um espaço âncora no território, a partir do conjunto de elementos dinamizadores de actividade económica e de valorização patrimonial do lugar, enquadrando assim os planos, tanto de água como terrestres. Procurando não só valorizar a reabilitação de património industrial, como também enfatizar a forte identidade do local.⁷

Fig. 42 - Detalhe materialidade; Efeito luz/sombra através dos vãos

⁷ Disponível em: <https://www.cascais.pt/equipamento/farol-museu-de-santa-marta>



Fig. 43 - Composição espacial; Farol como elemento de foco.



Fig. 44 - Ligação elevada, de ligação entre complexo novo e antigo.



Fig. 45 - Novo complexo inspirado na existente.

Fig. 46 - Planta do implantação, Museu do Mar.



3.4. PROGRAMA E FUNÇÃO

CENTRO DE ALTO RENDIMENTO DE POCINHO

ÁLVARO FERNANDES ANDRADE - (FOZ DE CÔA, PORTUGAL - 2014)

Localizado num território de baixa densidade, e com escassos exemplos de arquitectura contemporânea, este edifício torna-se um marco de elevado potencial, tanto a nível arquitectónico, como programático. Composto por uma forma particular, cujo apresenta como premissa a integração na envolvente, aproveitado a vasta área de intervenção e o relevo que o terreno oferece, e ainda a comunicação entre todos os núcleos.

Este equipamento é ainda reconhecido pelo seu carácter funcional, uma vez que foi desenhado através de uma visão sobre o desporto, em particular o de alto rendimento, mais actual.

Sobre este olhar, este complexo desportivo visa melhorar as condições para o sucesso dos atletas, reflectidas na existência de salas de estudo e bibliotecas, de forma a dar aos atletas alguma capacidade de auxílio no campo de desenvolvimento das capacidades intelectuais, tal como na quantidade e qualidade de habitações para auxílio de treinos e deslocações. No que diz respeito às restantes instalações, é composto por todas as condições base necessárias a um centro de alto rendimento, que vão desde as zonas de treino interiores e exteriores, zona social, e áreas de especificação técnica. Este projecto é ainda denominado pela mobilidade acessível a todos, uma componente programática de elevado valor. Todos os espaços e equipamentos estão adaptados a qualquer atleta.

O centro de alto rendimento de Foz de Côa é dedicado até ao momento à prática do remo, no entanto foi pensado de forma a poder expandir a outras modalidades. Uma vez que se dedica à prática de uma mobilidade aquática, este situa-se próximo da barragem do Pocinho de forma a facilitar os treinos no seu meio privilegiado, trabalhando também a componente de frente de água e a sua incorporação arquitectónica, no equilíbrio com uma paisagem delicada.⁷

Fig. 47 - Sistemas de circulação interior, definidos pela capacidade de ritmo conseguido através da luz.

Fig. 48 - Planta de implantação do complexo desportivo. (na pág. seguinte)

⁷ Disponível em: <https://www.car-pocinho.pt/index.php/pt/o-car-2/car/arquitetura>

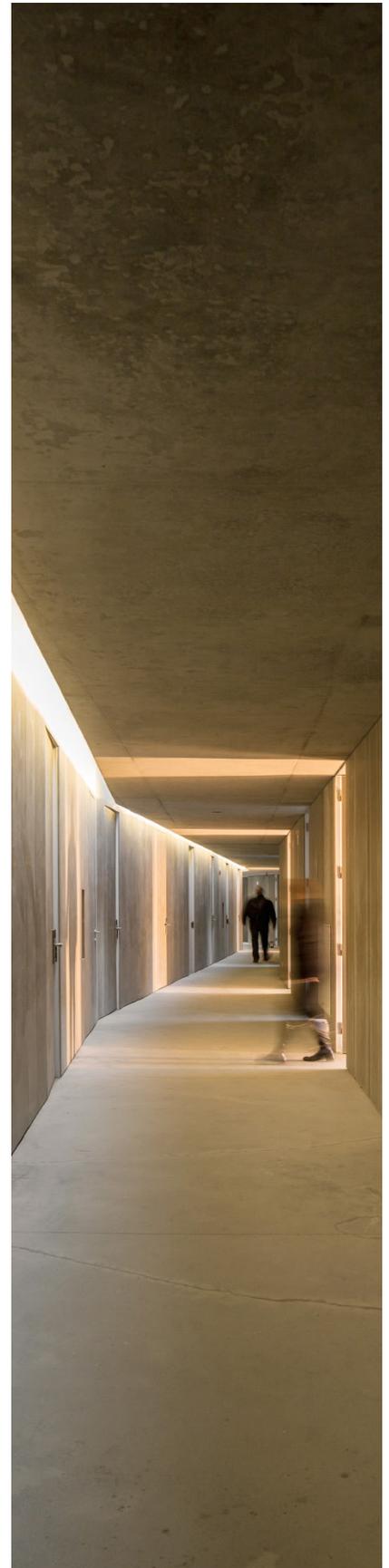


Fig. 49 - Encaminhamento para a entrada, a partir da sensação de afunilar, composta pela forma do próprio edifício, agregando a noção de profundidade através dos elementos materiais.



Fig. 50 - Interior do equipamento, correspondente à área programática da piscina.



Fig. 51 - Imposição visual através de capacidade de composição do elemento arquitectónica; Grande oscilação de cotas entre os módulos do equipamento.



CLUBE NAVAL DE CASCAIS

CONTACTO ATLÂNTICO - (CASCAIS, PORTUGAL - 2002)

O Clube Naval de Cascais, nasce a partir da recuperação do edifício histórico, como elo entre o oceano e a cidade. Este equipamento, situa-se tanto no contexto programático, reabilitação e integração no existente como no de proximidade com a linha de água. Composto por uma forma longitudinal, que procura acompanhar a muralha adjacente tendo obtido como premissa restaurar a dignidade e o esplendor de um ponto privilegiado da cidade de Cascais.

Este equipamento apesar de estar mais vocacionado à prática desportiva da vela, nas suas mais variadas formas, foi desenvolvido com a perspectiva e possibilidade de responder às diversas componentes desportivas náuticas.

O projecto é composto por dois complexos fundidos e interligados por si. Sendo eles o edificado existente, que corresponde à programática administrativa e restauração, bem como a reabilitação do antigo marégrafo; e o novo complexo, cujo é responsável pela vertente programática desportiva, composto por diversos espaços de hangar para arrumos dos materiais, balneários, ginásio e salas de aula teóricas. O espaço das salas de aula, são particularmente interessantes, pois são compostas por um espaço amplo, dividido por paredes amovíveis, cujo torna o espaço versátil para outros usos, caso necessário. No exterior denota um espaço amplo com dois amplos estacionamentos de barcos, duas rampas de acesso à água, e ainda um pontão adaptado a pessoas com mobilidade reduzida.

Devido à sua forma longitudinal e de forma a vencer a diferença de cota da muralha, este projecto apresenta uma entrada pela cobertura. Apesar da cobertura não ser percorrível, é ajardinada, promovendo uma agradável sensação não só a quem tem acesso ao clube, como também a quem observa a vista de mar através da muralha. Procurando ainda uma sensação de leveza no espaço, bem como aproveitamento da vista, a obra é maioritariamente revestida a vidro, com passagens em galeria, em madeira e aço. Criando assim, um espaço funcional à prática dos desportos náuticos, e atractivo a quem o frequenta.

Fig. 52 - Detalhe de materialidade e acessos.



Fig. 53 - Relação com o existente; Novo complexo agregado à muralha adjacente.

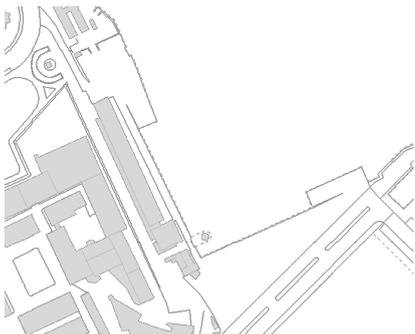


Fig. 54 - Vista longitudinal do projecto. Ambiência, Programa e Função.



Fig. 55 - Relação do novo com o existente; Relação de acesso às diferentes cotas.

Fig. 56 - Planta do implantação, Clube Naval de Cascais.



SÍNTESE

Cada uma das obras referidas neste capítulo, contribui com características específicas, para o processo de desenvolvimento do Projecto Final de Mestrado, direccionando-o através de referências na arquitectura, suportando a componente projectual.

Mais concretamente, no que diz respeito à componente da *escala urbana*, importa destacar, a eficácia de trabalhar o negativo, como é possível observar nas *Escadas de Granja* a partir da escavação na arriba, promovendo um acesso público distinto, mitigando a problemática da diferença de cotas. E também o equilíbrio entre o equipamento e a frente ribeirinha, através do exemplo do *Instituto Champalimaud* pela sua imagem preponderante em equilíbrio com o espaço, capaz de proporcionar uma ambiência harmoniosa em conformidade com a paisagem em que se insere.

Tendo em conta a sensibilidade da paisagem de água, a condição da *Integração na Paisagem* torna-se uma premissa para este projecto. Destacando assim, as obras da *Piscina de Marés* e *The Whale* por serem ambos projectos que actuam directamente com a água e procuram a partir da materialidade a capacidade de se fazerem denotar, sem que prejudiquem visualmente a envolvente. Delineando ainda a partir do *The Whale*, a relação da utilização da cobertura de forma acessível como ponto estratégico de miradouro, valorizando a arquitectura sustentável.

Devido à quantidade de arquitectura patrimonial que Arealva possui, torna-se evidente trabalhar a *Arquitectura de Integração no Existente*, partindo dos exemplos *Farol de Santa Marta* e *Museu do Mar*, pretende-se preservar a memória do local, reabilitando o património de forma equilibrada, levando à criação de novos espaços, evitando assim a propagação de espaços expectantes.

Terminando no *Centro de Alto Rendimento de Foz Côa* e *Clube Naval de Cascais*, sendo obras que se definem pelo vertente desportiva náutica, destacando-se pela harmonia da vertente do *Programa e Função*, com a ambiência interior/exterior.

Em conjunto servem como base de diferentes premissas que procuram desenvolver e conciliar as restrições técnicas referentes ao programa do novo equipamento com as intenções formais do projecto. Procurando ainda estabelecer relações com os objectivos referentes à preocupação de relacionar o espaço público e a paisagem ribeirinha envolvente e na formalização de um programa cultural, educativo e desportivo capaz de servir a cidade.

|04

TÁGIDE

INTERFACES DE PLANOS

*E vós, Tágides minhas, pois criado
Tendes em mim um novo engenho ardente,
Se sempre em verso humildes celebrado
Foi de mim vosso rio alegremente,
Dai-me agora um som alto e sublimado,
Um estilo grandíloquo e corrente,
Porque de vossas águas, Febo ordene
Que não tenham inveja às de Hipocrene.*

Camões, Canto I, estrofe 4, p.20

INTERFACE DE PLANOS

Através da sua poesia, Luís Vaz de Camões, deu a conhecer ao povo português, um ser fantástico denominado de Tágide; Ser este, que o mesmo afirma residir nas margens da foz do Tejo.

Neste capítulo, Tágide tem como objectivo personificar-se, através de um equipamento multifuncional, de vertente náutica com a perspectiva de oferecer ao local onde se encontra a harmonia com a paisagem de água em que se incorpora.

Para isso, irá tirar recurso do que o espaço oferece, bem como o que o potencial programa exige. Localizado entre planos, do vertical ao horizontal, da acentuada arriba adjacente, ao fabuloso plano de água que o rio compreende. O seguinte projecto, procura através do auxílio de novos planos, complementar os planos já existentes.

Promovendo assim Arealva bem como toda a sua área envolvente. Este projecto visa compreender como foco um equipamento náutico, com diversos programas agregados, e ainda a melhoria da proposta urbana adjacente, de maneira a enriquecer o local, de forma multifuncional e multigeracional.

Permitindo assim que a frente ribeirinha de Almada, se converta de uma área descrita como espaço expectante, mitigando a degradação e oferecendo aos residentes locais, bem como a todos os indivíduos que queriam usufruir do espaço, numa área de lazer em harmonia com o contexto em que se insere.

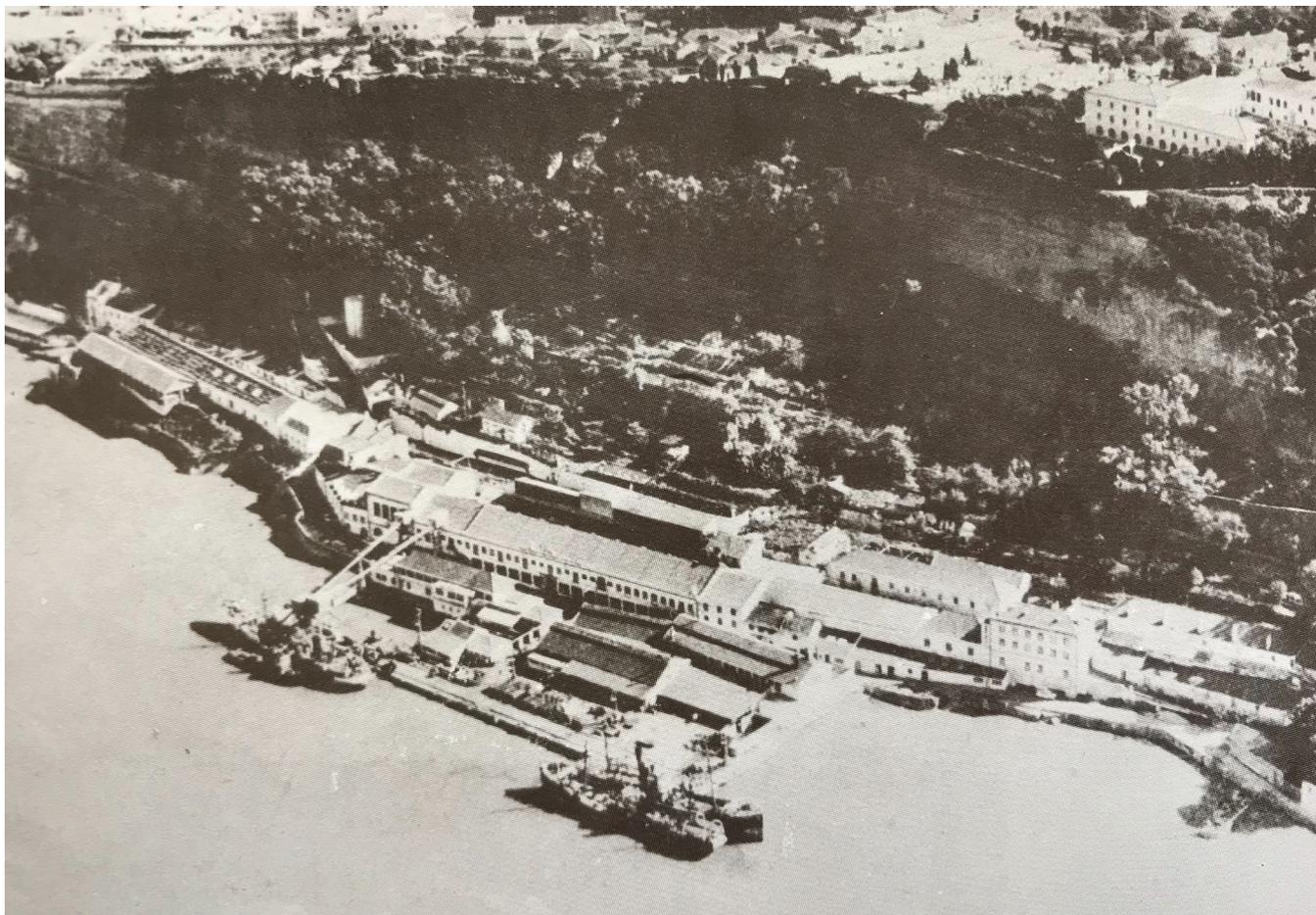
4.1. AREALVA, PONTO FOCAL

Inicialmente a Quinta-da-Arealva começou por ser um forte. Construído no reinado de D. Pedro II (1648-1706), onde antes eram os fornos de cozer telhas e tijolo, conhecido como o “Forno da Arealva”. O Forte da Fonte da Pipa foi abandonado no final do séc. XVIII, época em que se edificaram alguns edifícios pombalinos de proprietários vinícolas do Ginjal. (Soeiro e Milheiro, 2009).

No entanto a origem do nome do local, está directamente associada a uma pequena praia que outrora existiu em frente ao local.

Ainda durante o século XVIII o espaço foi reaproveitado para dar início à indústria de tanoaria (fabricação de pipas, tonéis e barris). Em 1757, João O’Niell, nobre irlandês católico e exilado em Portugal, tomou posse da propriedade, onde começou um negócio de produção e armazenamento de vinhos, tendo a quinta *“(...) albergado uma das maiores indústrias de tanoaria do concelho (de Almada) desde o século XVIII, tendo todo este espaço, até um passado muito recente, pertencido à Sociedade Vinícola Sul de Portugal, empresa armazenista de vinhos.”*

Fig. 57 - Vista panorâmica, Companhia Portuguesa de Pesca e respectivo cais.



O negócio acaba por dar nome e alguma fortuna a O'Neill que diz numa petição ao Patriarca de Lisboa que *" em muitas oucaziões sendo isso causa os maus caminhos, e refluxos do mar, se lhe dificulta o poder hir às igrejas da dieta villa (de Almada) satisfazer o preceyto da Missa, tendo hua grande família de mulheres, e crianças menores, motivo este por nas casas nobres, que proximamente fez para sua habitação (na fazenda da Arealva) mandou fabricar hua Irmida com portas para o largo da mesma fazenda como comodidade sufficiente para que não só a sua família, mas também os estranhos possam nela ouvir a missa".* (TT-CEL, Mç. 1809, nº 172). Sobre esta ermida ainda restam vestígios, cujo seria dedicada a S. João Baptista, em prole da sua nova vida, estar a ser bem sucedida.

Mais tarde, no séc. XIX, a quinta foi comprada por João Luís Lourenço, a qual é depois deixada aos seus herdeiros Domingos Afonso e mulher, que em 1861 divide com a família inglesa Palliart, toda a área de Arealva e Olho-de-Boi.

Fig. 58 - Fragata do Tejo, em transporte de mercadoria. Arealva em 2º plano.



Em pleno séc. XIX, eram diversos os armazéns localizados no Cais do Ginjal que pertenciam à família Serra. Assim, em 1913, João H. Serra, proprietário da Sociedade Vinícola do Sul de Portugal, Lda, sediada em Lisboa, aluga a quinta a Domingos Afonso e sua mulher, quando este necessitou de espaço para aumentar a sua exploração de armazenamento de vinhos. Acabando por tomar posse da Quinta em 1916 em nome de uma nova associação - Arealva, Lda.

Com os conhecimentos que foi adquirindo nos anos em que esteve no Brasil, João Serra, começa na primeira metade do séc.XX, a exportar vinho para a América do Sul. Porém, devido aos altos valores de importação sente necessidade de alterar a sua rota, optando pelas colónias de África, em particular Moçambique. (Soeiro e Milheiro, 2009).

Nesta época o vinho da Arealva era maioritariamente vendido em barris e garrações, tendo (...) *"a Casa Serra uma fragata exclusiva, a 'Arealva', que fazia o transporte de vinho entre as duas margens, com uma tripulação fixa"* (Soeiro e Milheiro, 2009, p.15).

A fragata terá sido adquirida no ano de 1913 e esteve ao serviço da família Serra até aos finais da década de setenta, onde para auxílio do embarque e desembarque do vinho, nos anos quarenta foi criado um pontão próprio.

A quinta nunca terá tido produção própria, sendo que comprava os vinhos da Estremadura e Ribatejo, que mais tarde era trabalhado, de forma a manterem as suas características. Com o aumento da procura do produto, a produção passa a ser feita também em garrafa, que na época de setenta, leva Arealva à produção e tratamentos de vinhos de diversas regiões. Tendo sido os vinhos de maior sucesso, o vinho engarrafado de “Dão Serra”, “Bairrada Serra”, “Vidigueira Serra” e “Douro Serra”.

“Nos períodos de maior desenvolvimento a Quinta era um ‘mundo’ (...)” (Soeiro e Milheiro, 2009, p.22) sendo composta por uma tanoaria privativa, sendo uma das maiores indústrias de tanoaria do concelho de Almada desde o século XVIII, e como as inovações estiveram sempre na ordem do dia nos armazéns nos anos setenta o enchimento que era feito manualmente passara a ser mecanizado, não só uma novidade no país, como levando à maximização do enchimento de 100 para 1200 garrafas por hora.

No entanto, como consequência de não existirem herdeiros, a Quinta-da-Arealva é vendida em 1998. Actualmente a Quinta pertencente a um privado, encontra-se ao abandono, e num elevado estado de degradação, devido a um incêndio, e queda de blocos da Arriba.

Fig. 59 - Vista parcial do cais e da fragata em transporte, com o mesmo nome da Sociedade Vinícola Sul de Portugal.

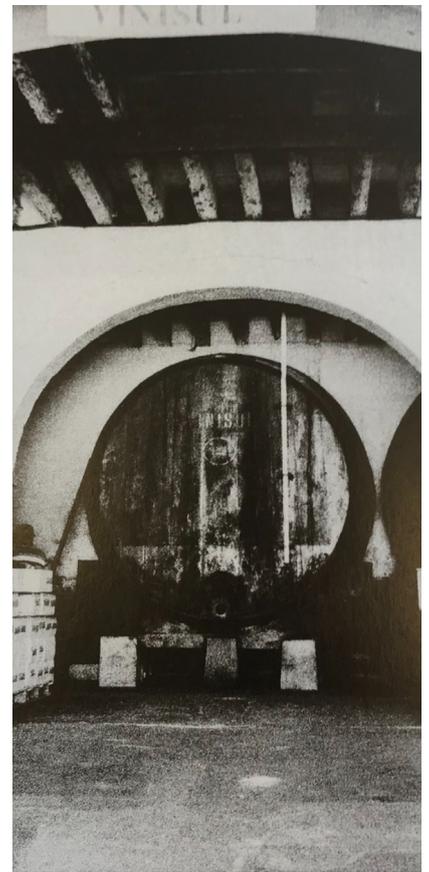
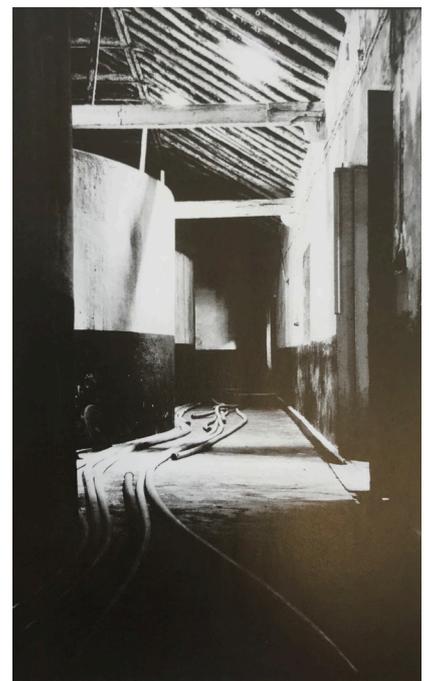
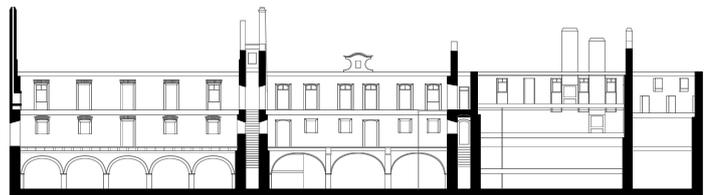
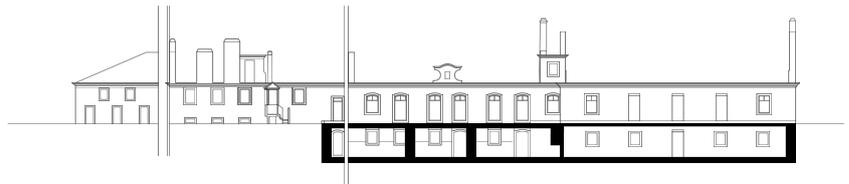


Fig. 60 - Área de pipas de armazenamento do vinho. Quinta-da-Arealva.

Fig. 61 - Área de cilos de produção de vinho.

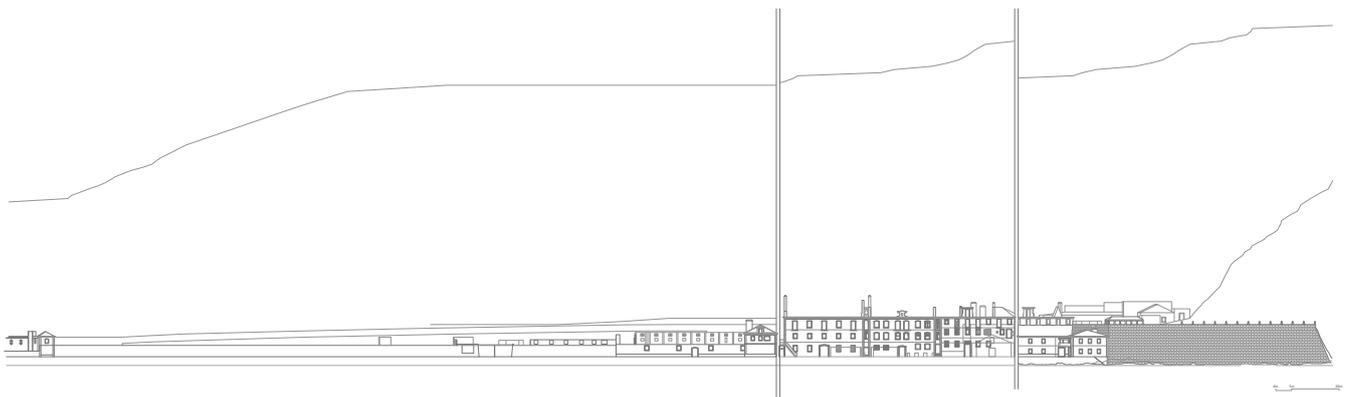




0m 5m 20m

Fig. 62 - 3 cortes longitudinais do edificado existente. Mansão senhorial.

Fig. 63 - Alçado longitudinal do edificado existente. Quinta-da-Arealva.



Para melhor compreensão da análise do território, optou-se por analisar a morfologia e composição do território, a partir do estudo da geologia, topografia, declives e também hidrografia.

Desta forma, Almada encontra-se no quadrante norte-ocidental da Península de Setúbal, e o concelho divide-se em duas áreas principais: a superfície de aplanção e a aplanção litoral, dos quais abrangem intervalos regulares que variam entre os 0 e os 125 metros de altitude (Câmara Municipal de Almada, 2005).

GEOLOGIA

Estruturalmente o estuário do Tejo apresenta uma geologia e parâmetros morfológicos bastante variáveis, podendo ser dividido em quatro zonas distintas.

A presente área de estudo, encontra-se integrada na terceira zona do estuário, delimita a norte pelos calcários do Cretácico e a sul pelas rochas detríticas (areias, argilitos, arenitos) do Miocénico, nas suas margens localizam-se as cidades de Lisboa e de Almada. (Câmara Municipal de Almada, 2005). Nesta compreensão de espaço, o estuário apresenta uma forma de canal, com uma profundidade que, em alguns pontos, chega a atingir perto de 40 metros.

TOPOGRAFIA E DECLIVES

A nível de topografia do território esta é caracterizada por elevadas diferenças de cota; Esta lógica de elevada diferença de cotas, torna-se verdadeiramente interessante de trabalhar, sendo definida por uma arriba, adjacente ao terreno, com cerca de 120 metros, que termina numa longa língua de terreno de baixo declive, ao nível da linha de água.

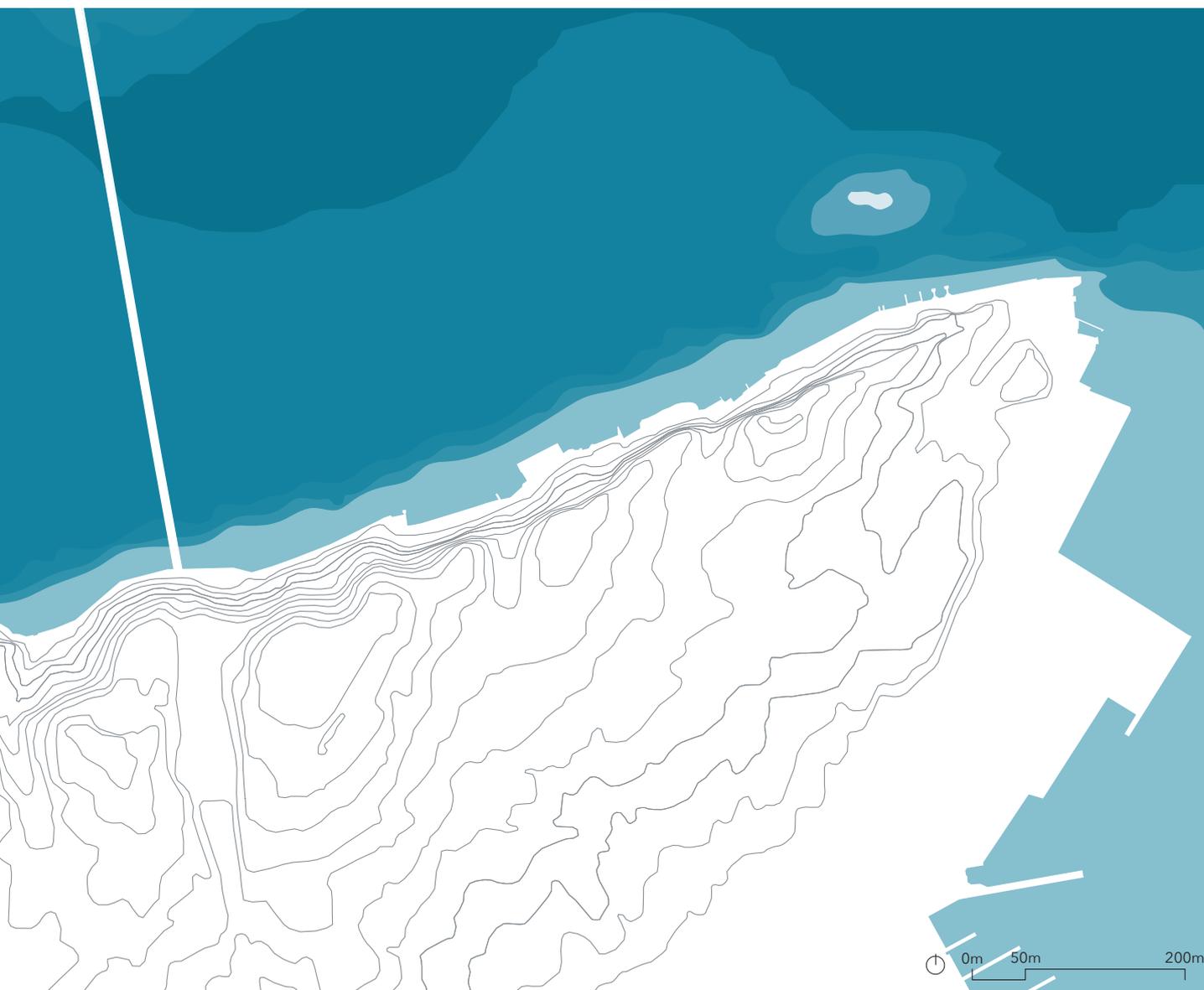
Fig. 64 - Mapa topográfico do território, onde é possível observar a arriba e a profundidade do rio junto à margem Sul.



HIDROGRAFIA

O concelho de Almada, apresenta diversas linhas de água, sendo que o escoamento pode acontecer de forma superficial ou subterrânea. Uma vez armazenada em profundidade a água é armazenada em formações geológicas, como é o caso dos aquíferos.

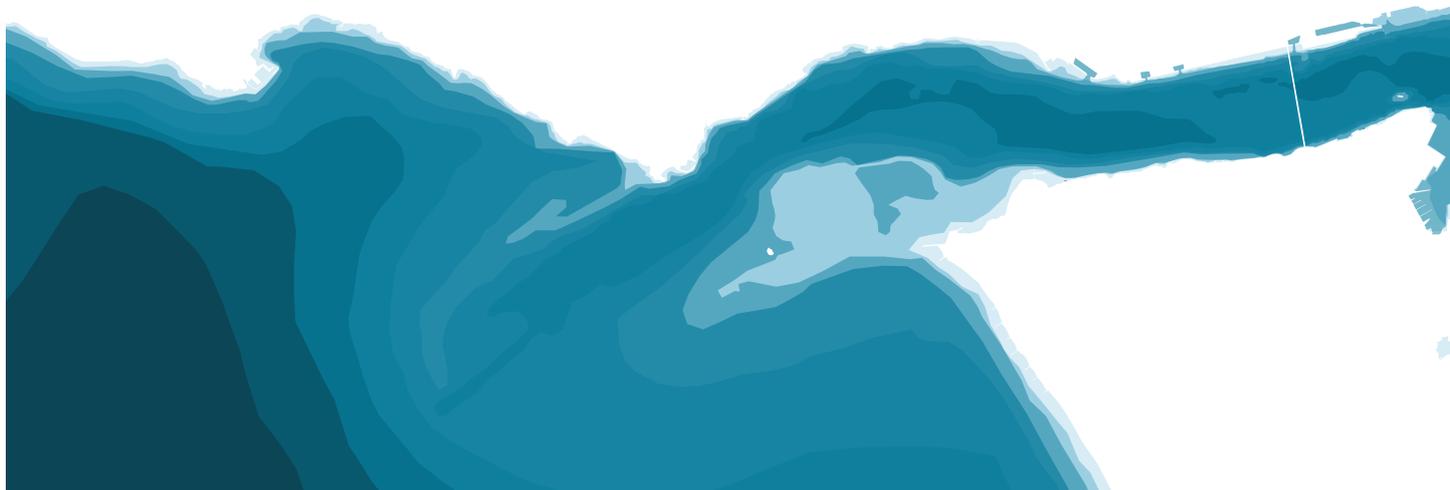
Almada localiza-se no aquífero da Bacia do Tejo e Sado, vulgarmente denominado "Aquífero Mio-Pliocénico do Tejo e é composto por dois sistemas predominantes, formados essencialmente por depósitos arenosos - correspondente à Península de Setúbal; e composição geológica arenosa, calcária e argilosa - correspondente à parte Norte do concelho (Câmara Municipal de Almada, 2005).



A maré é ainda um factor impactante no estuário do Tejo, dado que o volume médio de maré é significativo face ao volume de água abaixo do nível inferior da maré. Este estuário corresponde a um estuário do tipo positivo, sendo também caracterizado como um estuário parcialmente estratificado, e onde o regime de marés se caracteriza como semidiurno, querendo isto dizer que os tempos de enchente são mais longos do que os de vazante. É ainda considerado de água salobra, até cerca de 50km desde a sua foz, devido ao encontro com o Oceano. A amplitude de maré observada e as características geomorfológicas da sua foz, tanto a montante como a jusante, permitem incluir o estuário do Tejo na classe dos estuários mesotidais.

Orograficamente a linha de costa da margem sul, apresenta um declive acentuado em comparação à margem norte, sendo por isso um espaço privilegiado à prática naval, devido ao calado das embarcações, na aproximação a terra.

“Toda a água está ligada por uma cadeia contínua global, de modo a que nunca se torne num acontecimento isolado ou pertença exclusivamente a tempo ou lugar específico. Mesmo a gota mais pequena de água partilha um património com o maior dos oceanos.”
(Moore, 1994, p.29).



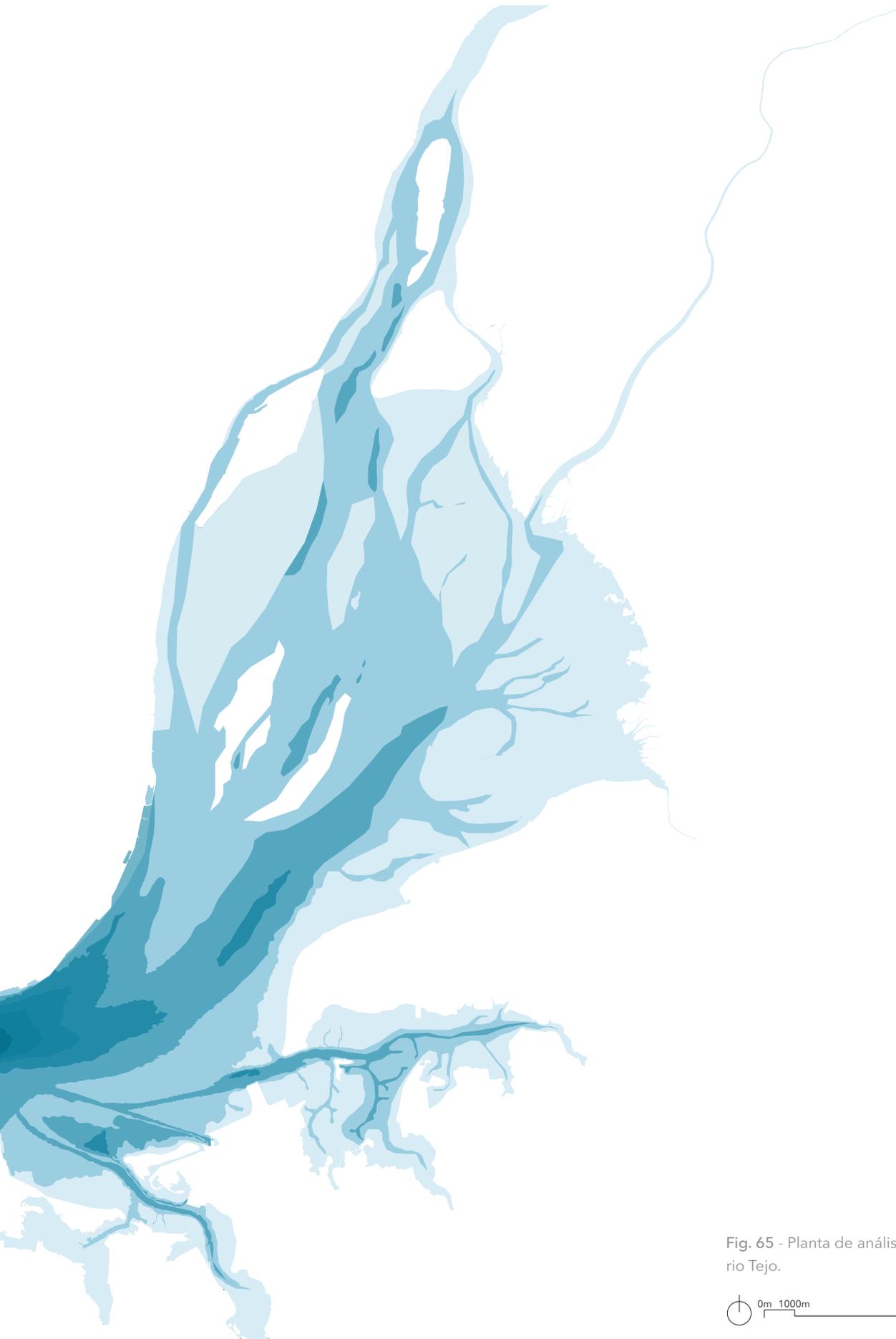


Fig. 65 - Planta de análise morfológica do rio Tejo.



4.2. PROJECTAR NA FRENTE DE ÁGUA

“O termo frente de água, ou “waterfront”, como é conhecido internacionalmente, é bastante amplo e engloba qualquer território fronteiro a um curso hídrico, podendo este ser: um mar, um rio, um canal, um lago ou mesmo uma lagoa artificial. Trata-se de um território intimamente ligado à paisagem e aos sistemas ambientais, particularmente aos rios e mares. Envolve, portanto, uma íntima relação com bacias hidrográficas e com o ciclo hidrográfico.” (AA.VV., 2014, p.346).

As frentes ribeirinhas são hoje, associadas ao desenvolvimento das cidades. Estas têm sido exploradas de diversos modos, como sendo uma das principais oportunidades para as tornar em novas centralidades urbanas. Abraçando todo o potencial que apresentam, de forma a criarem novas dinâmicas com o objectivo de se reinventarem e expandirem de dentro para fora, através da contemporaneidade.

Portas (1998) refere que este tipo de projectos tiveram início com maior expressão em países da Europa, entre 1960 e 1980, assumindo e afirmando o sucesso da intervenção na margem das cidades, como fórmula de intervenção.

Assim sendo, os projectos de reconversão de frentes de água não só valorizam a cidade como, vão ao encontro das novas exigências globais, evidenciando assim diversos sectores, como é o caso da economia, gestão e ambiente. Criando as aptidões necessárias ao desenvolvimento dessa dinamização, tendencialmente emergente no sistema global das cidades do século XXI.

Observando directamente a frente ribeirinha de Almada, podemos constatar uma cidade cuja relação Cidade-Rio se perdeu no tempo. Deste modo, a presente frente de água é caracterizada pela abundância em património industrial, e beneficiada com uma paisagem de eminente qualidade, incorporando ainda a cidade metropolitana de Lisboa como plano de fundo.

No entanto, uma vez que se pretende projectar numa frente de água, é gerado um conjunto de adversidades, devido à sua índole sensível, porém preponderante. Essa dualidade de carácter cria na cidade ribeirinha a necessidade de vertente revitalizadora e requalificadora

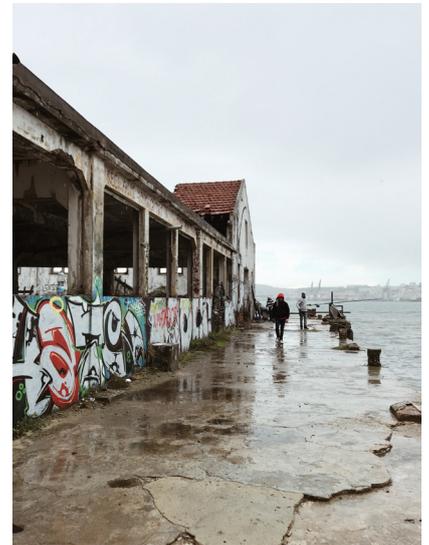


Fig. 66 - Pontão Quinta-da-Arealva. Relação com a frente de água.

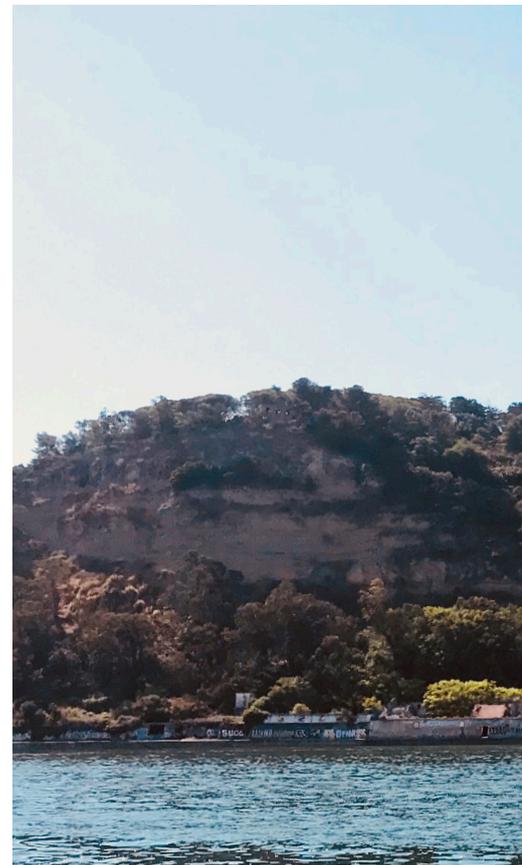




Fig. 67 - Pontão marginal Quinta-da-Arealva. Relação com a frente de água.

Fig. 68 - Fotografia panorâmica. Relação Quinta-da-Arealva com os planos vertical/horizontal | Arriba/Rio. Preponderância do Cristo-Rei.



da visão das cidades, tratando-se de territórios abandonados e expectantes, compostos pela sua estrutura edificada de valor patrimonial, tornando-se assim um local efectivamente impactante.

Desta forma, apesar de Almada apresentar uma frente de água pouco imponente e degradada, esta apresenta alguns marcos de relevância destacando-se: a arriba fóssil adjacente, o Cristo-Rei e a Ponte 25 de Abril e o Elevador Panorâmico da Boca do Vento.

Assim, compreendida a delicadeza do território, o seguinte trabalho deteve como ponto de partida a intenção de evidenciar o novo equipamento, sem que este fosse demasiado preponderante de forma a não sobrecarregar a paisagem. A partir da conotação dos elementos existentes, o novo equipamento trabalha como um todo no território, sem que este seja externamente invasivo. Surgindo assim, como elemento fundamental, favorecendo novas dinâmicas requalificadoras e inovadoras para a cidade, através da valorização da envolvente, a valorização e a aproximação à água.

4.3. REQUALIFICAÇÃO URBANA COMO ESTRATÉGIA DE INTERVENÇÃO

Requalificação urbana trata-se de um tema de interesse devido ao seu conceito tematicamente amplo. Este termo, refere-se a todo o desenvolvimento de transformação do espaço urbano compreendendo a execução de obras de conservação, no objectivo de melhorar as mais varias condições de uso /habitabilidade. (Moreira, 2007).

Desta forma, *“a requalificação urbana é sobretudo um instrumento para a melhoria das condições de vida das populações, promovendo a construção e recuperação de equipamentos e infra-estruturas e a valorização do espaço público com medidas de dinamização social e económica. Procura a (re)introdução de qualidades urbanas, de acessibilidade ou centralidade a uma determinada área (sendo frequentemente apelidada de uma política de centralidade urbana).”* (Moura, et al. 2005, p.10).

Caracterizando-se por ser um processo de transformação urbana que respeita a imagem global dos territórios, alterando as suas condições de uso contudo prevalecendo o respeito pelo carácter arquitectónico. Sendo um conceito muitas vezes associado ao processo de desindustrialização das cidades através do património histórico, apresentando como objectivo, regeneração dos tecidos tanto sociais, como físicos.

Podendo desta forma, definir-se como um conjunto de acções de transformação e revitalização, através novos elementos urbanos, como: habitação, serviços, equipamentos e circulações, desenvolvidas de forma integrada com as características do território.

Actualmente o Estudo de Enquadramento Estratégico do Santuário do Cristo Rei promovido pela Câmara Municipal de Almada (2011), propõe para o local a sua qualificação, numa óptica de sacralização e de valorização do espaço público através da paisagística das arribas, incrementando a articulação do corredor ribeirinho e a sua articulação do Cristo-Rei e a Cidade.

Assim, compreendendo que *“Almada é hoje um todo feito de partes distintas, na forma, na intensidade e diversidade dos usos, lugar comum de modos de vida caracteristicamente urbanos, transcendendo a cidade até para lá dos limites administrativos do Concelho.”* (Luzia, 2013, p.35) torna-se uma das principais premissa deste projecto promover estrategicamente a requalificação urbana do território de forma a mitigar o seu carácter fragmentado e disperso.

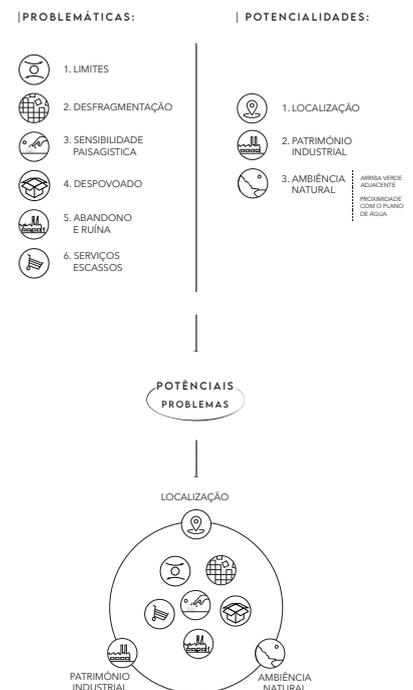


Fig. 69 - Diagrama composivo problemáticas e potências.

- Mapa de espaços verdes de Almada.

- Mapa de equipamentos de Almada.

- Mapa de edificado urbano de Almada.

- Mapa de quarteirões de Almada.

- Mapa da hierarquia de vias e acessos de Almada.

- Mapa do tecido complexo de Almada.



Fig. 70 - Isometria explodida da análise morfológica. O tecido; as vias principais; as vias secundárias; os quarteirões, o edificado.

De acordo com os Instrumentos de Gestão Territorial analisados no decorrer do trabalho, determinam o local de intervenção como sendo uma das “áreas diferenciadas do restante tecido construído atendendo ao seu interesse patrimonial”, através de grandes conjuntos de edifícios isolados, em área urbana.

Desta forma, como já referido anteriormente a estratégia inicial do projecto destacou-se pela definição e compreensão das problemáticas e das potencialidades do local. Tendo sido definida como linha de pensamento a transformação dos problemas em factores potenciais.

Criando uma estratégia de intervenção, com base no estudo dos casos de referência, no que diz respeito ao desenho da proposta urbana de intervenção, o projecto visa promover a melhoria dos acessos até ao plano de água, melhorando assim as vias existentes de acesso entre o topo da arriba com a cota mais baixa, bem como a criação de um corredor de acesso pedonal orgânico, de optimização de ligação entre o Cristo-Rei e o Elevador Panorâmico da Boca do Vento, deste o topo da arriba, até ao plano marginal.

O acesso pedonal, será responsável por compreender umas escadarias escavadas no negativo da encosta, de forma a não danificar a imagem da paisagem, e assim aproveitar para usufruir da vista da paisagem, através de miradouros ao longo da descida estrategicamente definidos para pontos de referência da cidade de Lisboa (3.1 - 1º caso de referência). Pensa-se ainda no desenho urbano melhorar e revitalizar a área (3.2 - 2º caso de referência), propondo um espaço distinto, definido por uma imagem preponderante em equilíbrio com a frente ribeirinha, capaz proporcionar a sensação de um espaço que se vai descobrindo em conformidade com a paisagem.

Referente a Olho de Boi, embora a proposta não complemente uma escala de detalhe, esta apresenta a intenção de requalificação urbana e clarificação de valor patrimonial dos edifícios, sugerindo novos usos pertinentes a práticas que promovam o local como restauração, comércio, mercado, e museus. Sendo a antiga Companhia Portuguesa de Pescas o edifício mais relevante de Olho de Boi, o seu programa específico proposto passa pela extensão do núcleo museológico já existente na área. O novo equipamento referente ao centro de alto rendimento que será também responsável pela promoção da dinamização do local, através de locais de lazer, áreas lúdicas e culturais e ainda espaços de cafetarias e restauração.

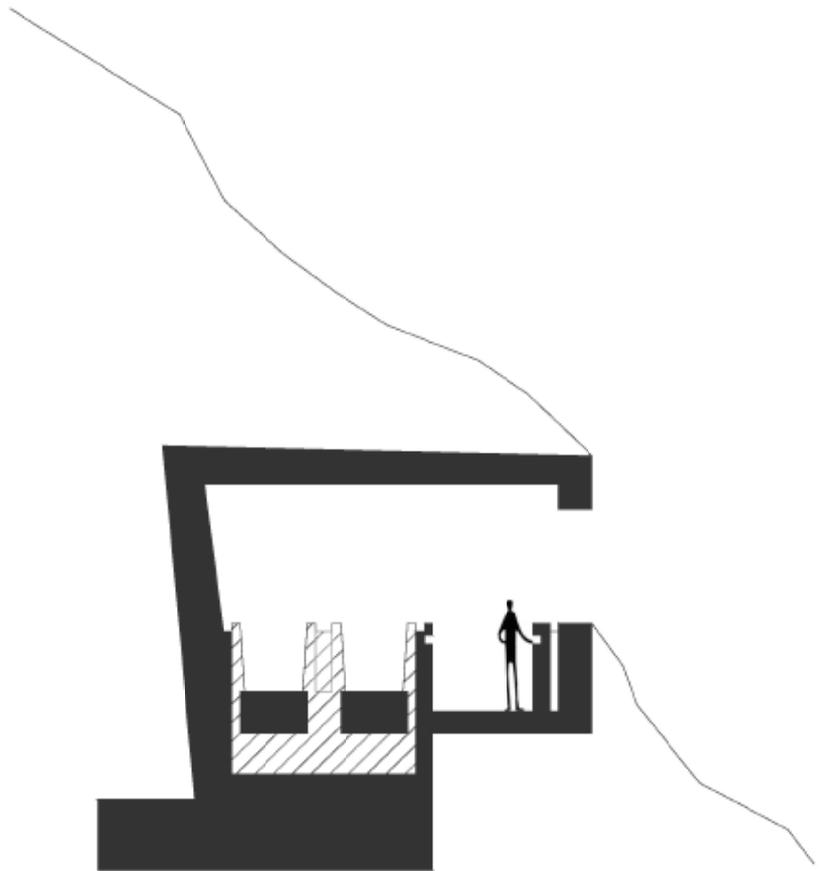
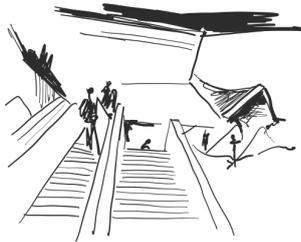
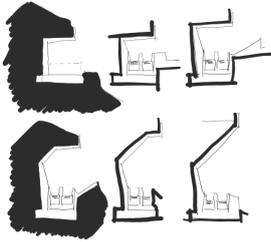
(Na página seguinte, da direita para a esquerda).

Fig. 71 - Esboços da composição do percurso pedonal. Eixo conector de planos e referenciais.

Fig. 72 - Corte de detalhe da proposta de passadiço pedonal na arriba.

Fig. 73 - Planta do desenho urbano. Conexão entre elementos de referência.





0m 0.5m 2m



4.4. EQUIPAMENTO REVITALIZADOR DA CIDADE

Na órbita da revitalização do território, pretende-se com o projecto oferecer à cidade um equipamento de índole multifuncional, dinamizadora de conexão. Uma vez que *“... a falta de equipamentos que fomentem a interacção com este espaço faz dele um território de vertente natural parcialmente abandonado e só explorado pelos agentes privados ou por um grupo restrito de indivíduos que da actividade piscatória extraem o necessário para o seu usufruto.”* (Neves e Veiga, 2013, p.19).

Apoiada na premissa de que o equipamento é um elemento imprescindível dentro do meio urbano, permitindo não só atribuir lógicas no ordenar do território, como também a capacidade de criar novas redes de interacção social. A natureza deste complexo tem como objectivo criar uma centralidade voltada para a educação da componente náutica, complementada com a vertente social e cultural.

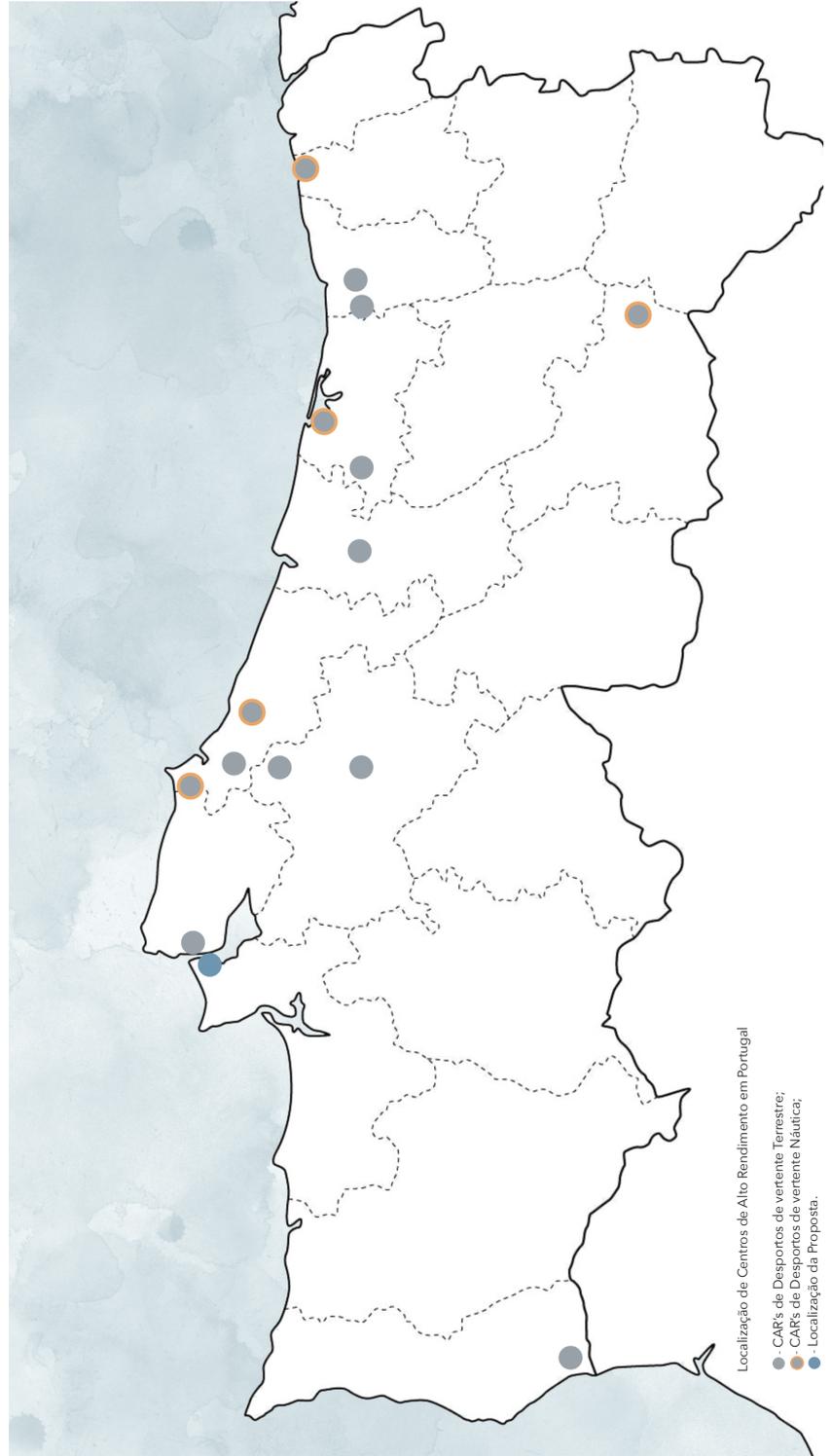
Desta forma, analisando o mapa da rede nacional de Centros de Alto Rendimento, deparamo-nos com a falta de Centros desta natureza, em toda a área da grande Lisboa. Como é possível observar (fig.71), o Centro mais próximo, com tais características está localizado na região de Peniche, e com a vertente náutica de desportos com prancha, não existindo nenhum nacionalmente que apoie a prática da vela.

Este tipo de equipamentos são responsáveis por promover a prática e cultura dos desportos, bem como locais de apoio a actividades da mesma natureza. Assim, tendo em conta a dimensão costeira compreendida entre Cascais - Costa da Caparica, que não apresentam qualquer auxílio às diversas modalidades náuticas, entre elas compreendidas: a vela, remo, windsurf, kitesurf, surf, bodyboard, SUP.

Desta forma, este equipamento, apesar de estar directamente vocacionado à prática da vela e remo, foi concebido a integrar condições necessárias ao auxílio das restantes acima descritas. Podendo dar apoio como local de hospedagem em competição, como nos espaços de treinos físicos, componentes teóricas, depósito de material e áreas de apoio médico.

Arealva torna-se assim, um sítio estrategicamente bem localizado tanto por dois motivos elementares: trajectória - uma vez que fica a meio caminho da rota costeira da área envolvente; na topografia submersa que apresenta junto à margem, comparativamente à

Fig. 74 - Esquema de localização da rede nacional de Centros de Alto Rendimento.
Fig. 75 - Esquema síntese representativo da linha de pensamento de estratégia de intervenção da proposta.



Novo Centro de Alto Rendimento da Arealva

Vocacionado à prática de Vela e Remo

Oferecendo apoio ao Surf, Longboard, Bodyboard, SUP, Windsurf, Kitesurf

Unidade Cultural

Turismo Jovens
Crianças
Adultos
Idosos
Desportistas,
Habitantes
Pescadores

POTENCIALIDADES:



PROBLEMÁTICAS:



ESTRATÉGIAS:

ESCALA URBANA

INTEGRIDADE NA PAISAGEM

ARQUITECTURA DE INTEGRAÇÃO NO EXISTENTE

PROGRAMA E FUNÇÃO

ELEMENTOS PROJECTUAIS:



CONEXÃO DE PLANOS

CAMINHOS PEDONAIS

REQUALIFICAÇÃO

EQUIPAMENTO

margem Norte, esta profundidade torna-se extremamente favorável à prática das modalidades requerentes de embarcação, uma vez que as estas podem apresentar calados variados e assim não ser necessário intervir na topografia existente.

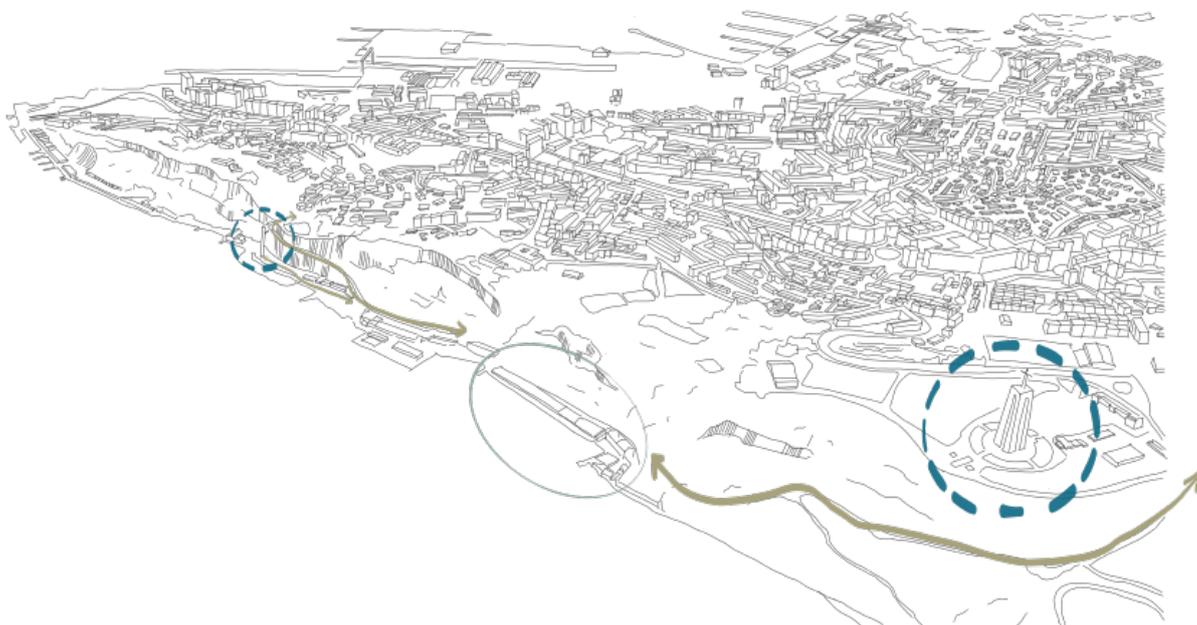
O EQUIPAMENTO

Um Centro de Alto Rendimento é uma unidade desportiva onde o intuito visa melhorar e otimizar o rendimento desportivo, responsável por compreender um conjunto específico e diversificado de instalações, equipamentos e serviços de apoio multidisciplinar. Encarregue de responder a competências de: treino, investigação, medicina, psicologia, fisioterapia, nutrição, entre outras; podendo ser classificados como especializados de índole multi ou mono desportiva.

Assim, de forma a responder às variáveis impostas da composição morfológica do equipamento, e tendo em conta a vulnerabilidade do local, esta proposta irá consistir numa primeira fase na demolição e anulação das estruturas e elementos dissonantes, resultantes da construção acrescida ao projecto inicial.

Salvaguardando a mansão senhorial do séc.XIX bem como os edifícios que pontuam a entrada do local, evidenciando a memória e a identidade do lugar.

Fig. 76 - Esquema dos acessos existentes.

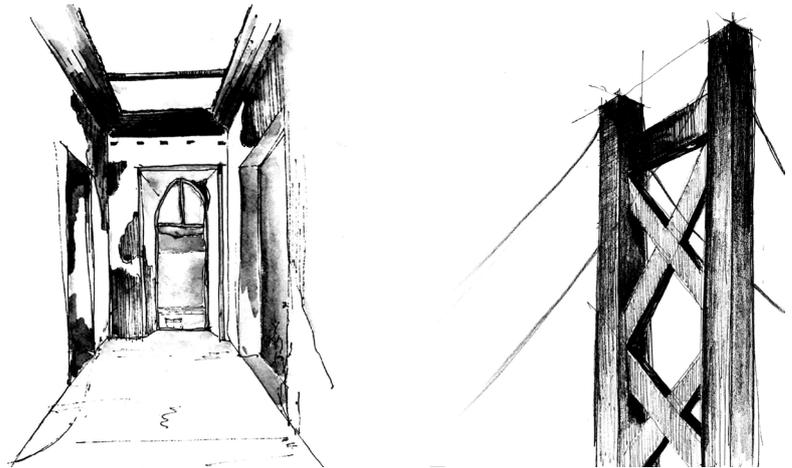


Embora o projecto apresente como base a anulação de elementos pré-existentes divergentes, este recorre a essa mesma memória de dualidade temporal para criar um novo elemento assumidamente distinto, todavia em consonância com os elementos existes.

Fig. 77 - Desenho aguarela do local. Vista para Lisboa.

Fig. 78 - Esboço ponte 25 de Abril.

Fig. 79 - Esquema da proposta do edificado a manter/demolir.



A FORMA

Como já referido anteriormente, o motivo de escolha deste local advém da necessidade de um equipamento com as devidas valências, de forma a apoiar a prática desportiva, capaz de trabalhar como elemento revitalizador da margem e conseqüentemente dar apoio à cidade.

Tendo em conta as características do local e procurando intervir na sua dualidade inerente de planos, o desenho do projecto nasce da interacção do território.

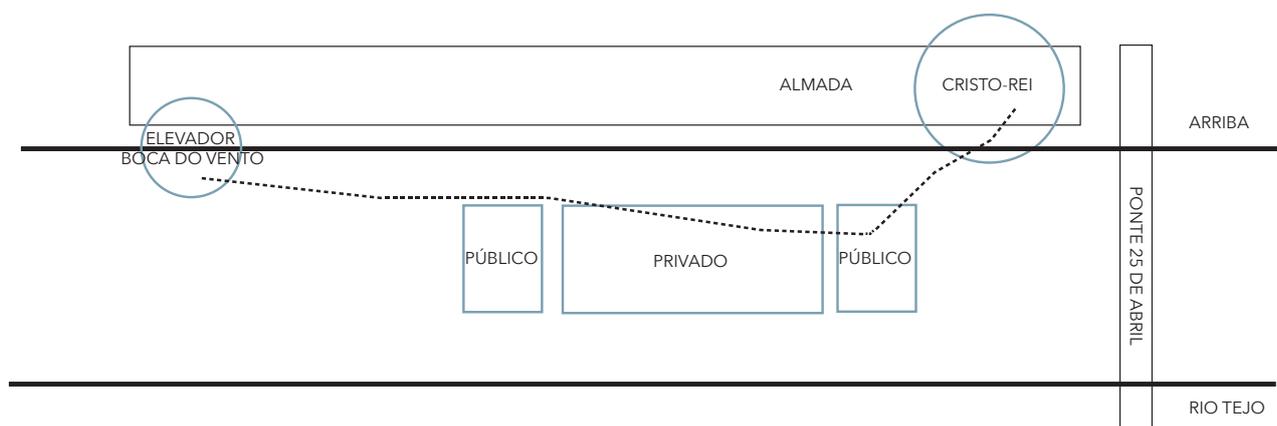
Definida a proposta da criação de percursos como eixos conectores, estes levaram à caracterização da forma, cujo pretende evidenciar-se sem que interfira na vulnerabilidade da paisagem envolvente, através de ambiências na passagem entre espaços, nas materialidades, na forma e na luz (3.2 - 1º e 2º caso de referência).

Desta forma, a composição do novo elemento parte da premissa de manter a linguagem da imagem zigzagueada utilizada na intervenção urbana, através da rotação da forma do plano vertical para o plano horizontal. Esta concepção enfatiza através do uso da cobertura, a preservação da paisagem criando pontos de miradouro (3.2 - 2º caso de referência).

Caracterizado por uma área estreita, a forma da proposta dá-se sobretudo longitudinalmente, providenciando não só o equilíbrio entre o património do antigo com o contemporâneo (3.3 - 1º caso de referência), como com o meio envolvente de forma a interagir directamente com a intervenção urbana.

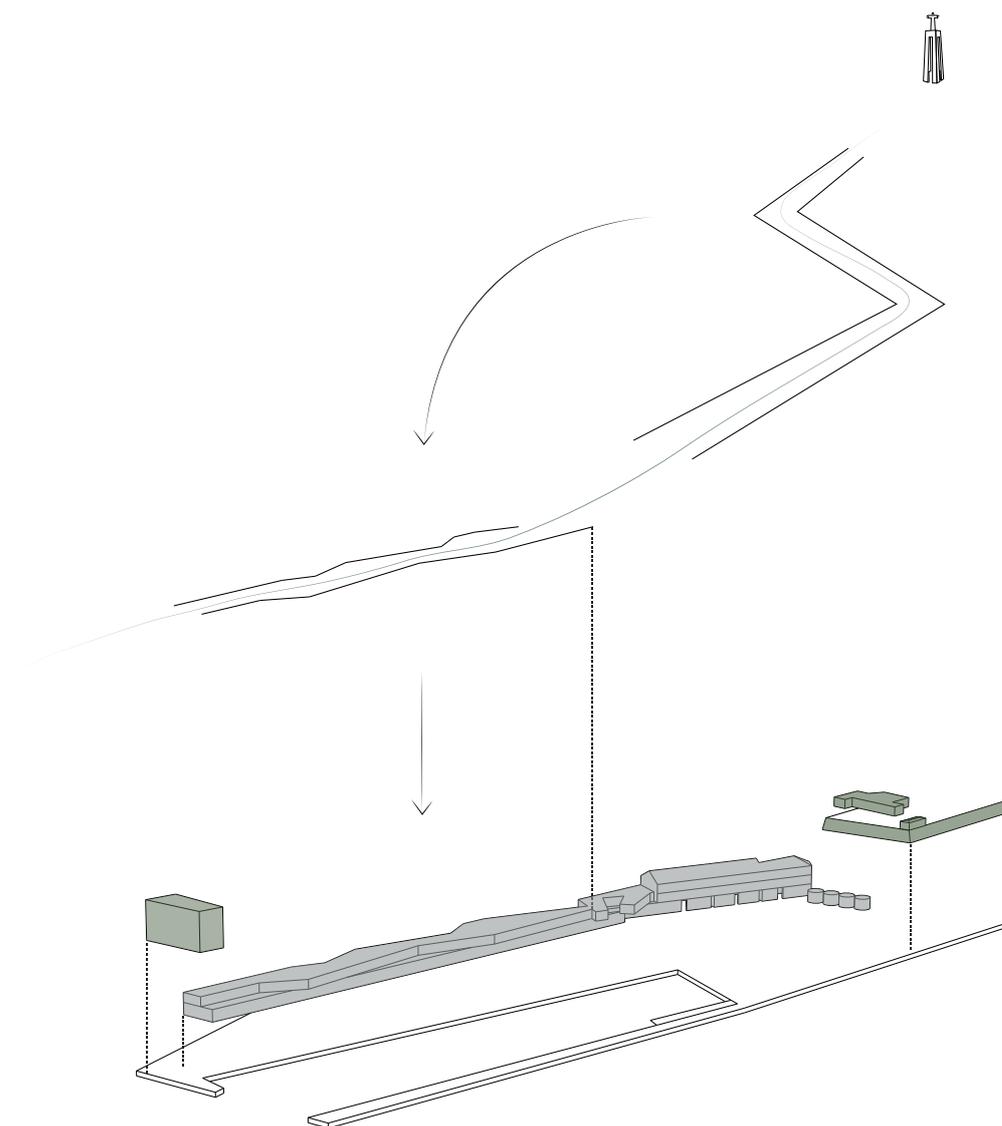
Fig. 80 - Representação esquemática da ordem compositiva do espaço, com separação do público e privado.

Fig. 81 - Representação esquemática da morfologia do forma.



Sendo o equipamento de componente privada, e alvo de um público particular, procurou-se criar espaços que respondessem a uma índole social e cultural de âmbito público como agentes dinamizadores do território.

Desta forma, procurou-se ainda utilizar a própria forma do edifício como elemento compositivo e delimitador do espaços, colocando estes elementos nos extremos do equipamento de forma em conformidade com o plano urbano exercer a função de ligação aos elementos âncora já existentes (3.3 - 2º caso de referência). A concepção do desenho, foi ainda concebida a fornecer locais de constante vista para o Tejo e Lisboa.



O PROGRAMA

A ordem compositiva do projecto estabelece-se a partir da directriz de interfaces de planos. Esta será composta pela morfologia do terreno; áreas de teor público/privado; edifício patrimonial requalificado/novo edifício.

Assim, tendo em conta a natureza do equipamento, compreendemos que este exige a necessidade de que seja um espaço fechado, de forma a garantir a segurança dos atletas e alunos que usufruam do mesmo. No entanto, paradoxalmente devido à sua localização e sendo premissa, o desenvolvimento de um espaço revitalizador da cidade, este requer que seja um elemento aberto e dinamizador de multigeracionalidade e funcionalidade para a cidade.

Como tal, pretendeu-se criar a partir da forma e das características do terreno, um equipamento capaz de se delimitar sobre ele mesmo, evitando assim quebras visuais com a paisagem e elementos espaciais (3.4 - 2º caso de referência). Desta forma, na presente proposta as áreas públicas foram estrategicamente colocadas na extremidades do projecto, virando o equipamento para dentro, delimitado pela forma e pela diferença de cotas, em formato de praça.

Assim, podemos observar no extremo Oeste, o acesso viário melhorado até ao local, apresentado um espaço publico/privado, onde estão localizados: o estacionamento; um miradouro; serviços administrativos, seguidos de auditório cujo pode funcionar de forma independente/apoio ao equipamento; e ainda a área de acesso ao restauração do clube. Este extremo do projecto é definido por elementos patrimoniais reabitados, à excepção do auditório. No entanto, este espaço encontra-se escavo na arriba, de forma a aproveitar a topografia não invadindo a paisagem.

No centro, encontramos a área elementar de Centro de Alto Rendimento, responsável por toda a área de treino de âmbito privado (3.4 - 1º caso de referência). Definida pela simbiose dos edifícios em conjunto com a criação de um pontão para auxilio da prática desportiva. Programaticamente o piso térreo é maioritariamente definido pela componente de treino físico, composta por áreas em contacto com a água, enquanto os pisos superiores são responsáveis pela logística de dormitórios, áreas sociais e estudo.

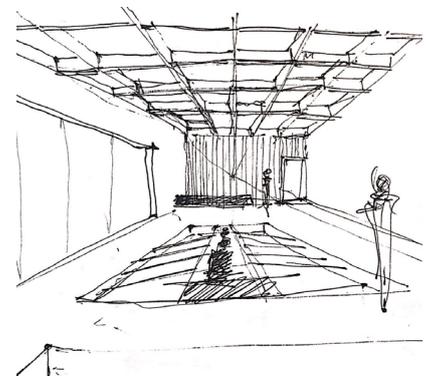
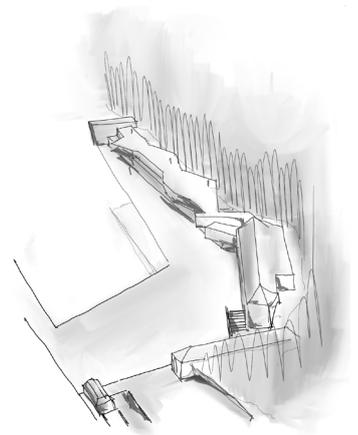


Fig. 82 - Três esboços de estudo compositivo do espaço.

Por fim, no extremo Este, obtemos um espaço independente, cujo apresenta uma forma vigorosa como elemento de fecho. Esta área será destinada a um pequeno espaço cultura, de espaços expositivos, revigorando o território, aliciando a conexão dos equipamentos compositivos do espaço.

A presente proposta define-se ainda por ser um equipamento inclusivo, tendo sido desenhado de forma a que todos os espaço sejam acessíveis a qualquer tipo de mobilidade. Ajudando assim a promover a prática das modalidades adaptadas.

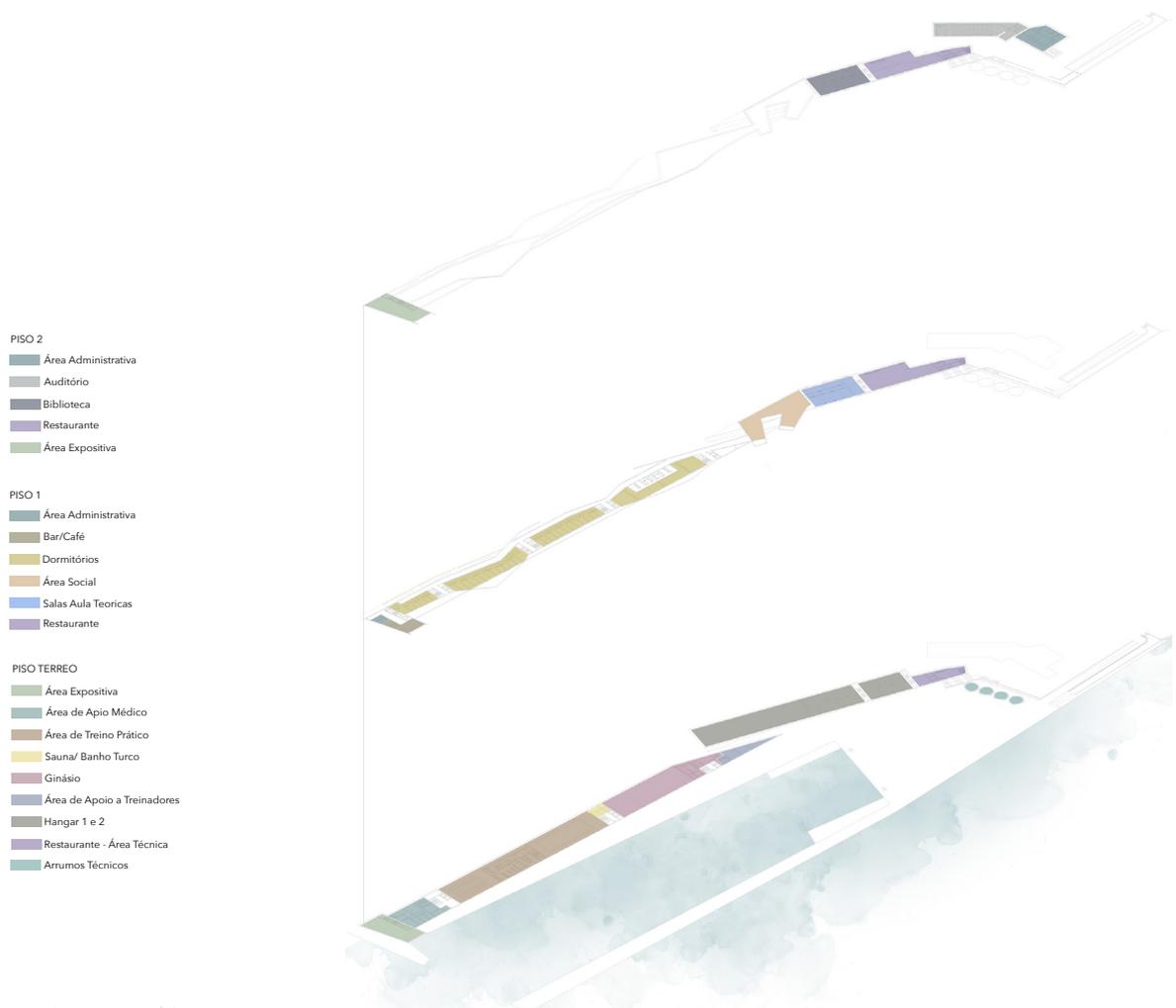


Fig. 83 - Representação esquemática com a indicação dos usos propostos em cada piso.

| 05

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolver das actividades portuária, os portos passam a requerer maiores dimensões, sendo levados a deixar a maioria das cidades pelas periferias, deixando as frentes ribeirinhas desocupadas. Esta desocupação, resultado da obsolescência industrial, traz à cidade vazios urbanos, resultado de edifícios cujo não respondem às funções para o qual foram criados. Todavia com a oportunidade de reinterpretar estes espaços estabelecendo uma ponte entre o passado e o presente, promovendo assim a cidade.

Desta forma, a frente ribeirinha de Almada torna-se alvo deste processo, caracterizando-se como um território desfragmentado cuja relação entre a Cidade e o Rio se perdeu ao longo dos tempos. Compreendida assim a necessidade de requalificar este espaço expectante, decorre a análise de elementos referenciais do território, usando-os como elementos âncora para conexão dos espaços, e membro de captação alusiva do equipamento. Tendo a programática da proposta para o plano urbano, o propósito de transformar e unir a área ribeirinha à cidade.

Através de uma expressão que busca revitalizar a frente ribeirinha enquanto espaço público, o equipamento proposto, assume-se sobre Almada partindo da fusão de uma arquitectura patrimonial delicada com o contemporâneo, respondendo à necessidade de apoio à prática das modalidades à escala nacional.

Procurando responder às necessidades das problemáticas locais através das suas potencialidades, o uso dos exemplos estudados foi preponderante, como forma estratégica para definição dos elementos projectuais partindo da observação e compreensão das diversas escalas, bem como a fragilidade da paisagem e a sua integração no existente, através programas e dinâmicas de encontro social e privado.

O local da proposta parte da peculiar característica de estar inculcado entre dois grandes planos - Arriba e Tejo. Partindo desta particularidade, a proposta procura responder através da formação de novos planos, à conexão do território. Tágide, pretende assim personificar-se através de um equipamento requalificador, capaz de responder à urgência de intervenção na frente ribeirinha.

Tendo a proposta partido da criação de percursos como eixos conectores, estes levaram ao pensamento da construção de diferentes ambiências, integrantes da paisagem, definidas pela passagem entre espaços, materialidades, forma e luz. A configuração deste percurso leva consequentemente à forma do equipamento, tornando-se parte do próprio elemento.

O equipamento, alvo de um público particular procura através da forma e morfologia do terreno compor a delimitação dos espaços, com vertentes culturais e sociais de forma a não criar barreiras visuais, promovendo assim a vertente pública, ainda que o mesmo se evidencie como privado.

O programa do projecto procurou trabalhar as diversas escalas, proporcionando espaços funcionais em conformidade com a arquitectura do antigo, e a paisagem de água onde se insere.

Muito embora as frentes ribeirinhas, sejam alvo de vulnerabilidade à intervenção, são elementos cativantes devido à sua constante capacidade de adaptação aos tempos em que se inserem.



Fig. 84 - Vista do Cristo-Rei, com a ponte 25 de Abril em 1º plano e Lisboa como pano de fundo.

BIBLIOGRAFIA

AA.VV. *Arquiteturas do mar, da terra e do ar - Arquitetura e urbanismo na geografia e na cultura - As ordens do território eco-arquiteturas - Vol. II*. Academia de Escolas de Arquitetura e Urbanismo de Língua Portuguesa. Fundação para a Ciência e Tecnologia. 2014;

AA.VV. *Water/Água*. Valência, *Via architectura* N°10, 2001;

BOADA, Luis. *O Espaço Recriado*. São Paulo: Nobel, 1991;

BRANDI, Cesare. *Teoria do Restauro*. Lisboa: Edições Orion, 2006;

CHOAY, Françoise. *A Alegoria do Património*. Lisboa: Edições 70, Lda, 2017;

FIDALGO, Vanessa. *Lugares Abandonados de Portugal*. Lisboa: A Esfera dos Livros, 2017;

FLORES, Alexandre M. *Almada Antiga e Moderna - Roteiro Iconográfico. Vol.I: Freguesia de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 1985;

LUZIA, Ângela (coord.) - *Ver Almada Crescer: 10 Anos do Museu da Cidade*. Divisão de Museus e Património Cultural / Museu da Cidade, Câmara Municipal de Almada, 2013

LYNCH, Kevin. *A imagem da cidade*. Lisboa: Edições 70, 1960.

LYNCH, Kevin. *A Boa Forma da Cidade*. Edições 70, 1989;

MATHUR, Anuradha; DA CUNHA, Dilip; MEEKS, Rebekah; WIENER, Matthew. *Design in the Terrain of Water*. Applied Research & Design, 2014;

MEYER, Han. *City and Port: The Transformation of Port Cities: London, Barcelona, New York and Rotterdam*. 1o ed. Utrecht: International Books, 1999.

MOORE, Charles W. *Water and Architecture*. London: Thames and Hudson, 1994;

MOREIRA, Graça. *Requalificação Urbana - Alguns Conceitos Básicos*. Lisboa: *ArtTextos* N°5, p 117-129. 2007;

RIBEIRO, Orlando. *Opúsculos Geográficos. Volume V - Temas Urbanos*. Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1994;

RYAN, Zoë. *Building with Water: Concepts, Typology, Design*. Suíça: Birkhauser, 2010;

PORTAS, Nuno; VIEGAS, Luis; GRANDE, Nuno; TEIXEIRA, Miguel Branco. *Água: Cidades E Frentes de Águas, Cities & Waterfronts*. Porto: FAUP publicações, 1998;

PROMINSKI, Martin; STOKMAN, Antje; STIMBERG, Daniel; VOERMANEK, Hinnerk; ZELLER, Susanne. *River.Space.Desing. Planning Strategies, Methods and Projects for Urban Rivers*. Suíça: Birkhauser Verlag AG, 2012;

SANTOS, Maria José; ANTUNES, Luís Pequito (coord.) . *Actas das 2^{as} Jornadas de Estudos sobre o Concelho de Almada*. Almada: Câmara Municipal de Almada, Museu Municipal, 1998;

SARAIVA, Maria da Graça. *Cidades e Rios, Perspectivas para uma relação sustentável*. Lisboa: Parquexpo, 2010;

SOEIRO, João; MILHEIRO, Luís Alves. *Arealva: memórias dispersas no tempo*. Almada, 2009;

SOUSA, R. H. *Almada. Toponímia e História*. Almada: Câmara Municipal de Almada, 2003;

TABORDA, Cláudia. Silêncio Parlante. In: Ana David (coord.), *Vazios Urbanos-Urban Voids*. Caleidoscópio, SA, 2007;

TICCIH. *Carta de Nizhny Tagil sobre o Património Industrial. The International Committee For The Conservation Of The Industrial Heritage*, 2003;

VAZ DE CAMÕES, Luís. *Os Lusíadas*. Mem Martins: Europa-América, 2002.

LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

ROSSI, Aldo. *A Arquitectura da Cidade*. Lisboa: Edições Cosmos. 2001.

ZEVI, Bruno. *Saber Ver a Arquitectura*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

ZUMTHOR, Peter. *Pensar a Arquitectura*. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2009.

WEBGRAFIA

BALDWIN, Eric - *Piscinas de Leça da Palmeira de Álvaro Siza são contempladas no programa de preservação da Getty Foundation*. [Em linha] Projectos. [Consult. 09 Abr 2020]. Disponível em: [www:<URL: https://www.archdaily.com.br/br/944208/piscinas-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-sao-contempladas-no-programa-de-preservacao-da-getty-foundation?ad_source=search&ad_medium=search_result_all>](http://www.archdaily.com.br/br/944208/piscinas-de-leca-da-palmeira-de-alvaro-siza-sao-contempladas-no-programa-de-preservacao-da-getty-foundation?ad_source=search&ad_medium=search_result_all).

BRITTO, Fernanda - *Champalimaud Centre*. [Em linha] [Consult. 09 Jun 2020] Disponível em: [www: <URL:http://www.archdaily.com.br/>](http://www.archdaily.com.br/).

DORTE - *The Whale*. [Em linha] Work. [Consult. 09 Abr 2020]. Disponível em: [www:<URL: https://www.dortemandrup.dk/work/whale-norway>](https://www.dortemandrup.dk/work/whale-norway).

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (CMA). Almada na história. [Em linha]. Almada: Camara Municipal de Almada. [Consult. 09 Abr 2020]. Disponível em: [www:<URL:https://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericMenuContent&menu_title_generic_qry=BOUI=17103643&menu_generic_qry=BOUI=17103643&genericContentPage_qry=BOUI=22086077&actualmenu=17103643>](https://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericMenuContent&menu_title_generic_qry=BOUI=17103643&menu_generic_qry=BOUI=17103643&genericContentPage_qry=BOUI=22086077&actualmenu=17103643).

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (CMA). Ambiente Natural e Biodiversidade - Carta Geológica do Concelho de Almada. [Em linha]. Almada: Almada Informa. [Consult. 14 Jun 2020]. Disponível em: [www:<URL: http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/AMB_NAT_BIO/?amb=0&ambiente_ambiente_bio=12240374&cboui=12240374>](http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/AMB_NAT_BIO/?amb=0&ambiente_ambiente_bio=12240374&cboui=12240374).

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (CMA). Ambiente Natural e Biodiversidade - Carta Hipsométrica do Concelho de Almada. [Em linha]. Almada: Almada Informa. [Consult. 14 Jun 2020]. Disponível em: [www:<URL: http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/AMB_NAT_BIO/?amb=0&ambiente_ambiente_bio=12757660&cboui=12757660>](http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/AMB_NAT_BIO/?amb=0&ambiente_ambiente_bio=12757660&cboui=12757660).

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (CMA). Ambiente Natural e Biodiversidade - Recurso Hídricos. [Em linha]. Almada: Almada Informa. [Consult. 15 Jun 2020]. Disponível em: [www:<URL:http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/RECUR_HIDR_EFLU/?amb=0&ambiente_rec_hid_eflu=12908888&cboui=12908888>](http://www.m-almada.pt/portal/page/portal/AMBIENTE/RECUR_HIDR_EFLU/?amb=0&ambiente_rec_hid_eflu=12908888&cboui=12908888).

CÂMARA MUNICIPAL DE ALMADA (CMA). Estudo de Enquadramento Estratégico do Santuário Nacional do Cristo-Rei - Enquadramento. [Em linha]. Almada: Almada Informa. [Consult. 16 Jul 2020]. Disponível em: [www:<URL: http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_qry=BOUI=404258972&actualmenu=404240599>](http://www.m-almada.pt/xportal/xmain?xpid=cmav2&xpgid=genericPage&genericContentPage_qry=BOUI=404258972&actualmenu=404240599).

CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS (CMC) - *Museu Farol Santa Marta*. [Em linha] Faróis de Portugal. [Consult. 09 Abr 2020]. Disponível em: [www:<URL: https://www.cascais.pt/equipamento/farol-museu-de-santa-marta>](https://www.cascais.pt/equipamento/farol-museu-de-santa-marta).

CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA (CML). Uma Breve História da Arqueologia de Lisboa. [Em linha]. Arqueologia. [Consult. 16 Jul 2020]. Disponível em: [www:<URL:https://visitar.lisboa.pt/sobre-lisboa/arqueologia-de-lisboa>](https://visitar.lisboa.pt/sobre-lisboa/arqueologia-de-lisboa).

CAR POCINHO - O CAR. [Em linha]. Arquitectura [Consult. 14 Jun 2020]. Disponível em: [www:<URL: https://www.car-pocinho.pt/index.php/pt/o-car-2/car/arquitetura>](https://www.car-pocinho.pt/index.php/pt/o-car-2/car/arquitetura).

MACHADO, Nélio Soares - *A complexa relação entre as cidades e os rios*. [Em linha]. São Paulo: Portal Educação. [Consult. 09 Abr 2020]. Disponível em: [www:<URL:https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/a-complexa-relacao-entre-as-cidades-e-os-rios/73372>](https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/administracao/a-complexa-relacao-entre-as-cidades-e-os-rios/73372).

MENDES, Rui - *Lda Fonte da Pipa à Arealva, passando pelo Olho de Boi*. [Em linha] Lugares de Almada. [Consult. 09 Nov 2019]. Disponível em: [www:<URL:http://lugaresdealmada.blogspot.com/>](http://lugaresdealmada.blogspot.com/) .

ROSA, ALONSO - *Arquitecturas y Objetos Prefabricados, Arquitectura del Jardín, Infraestructuras*. [Consult. 09 Jun 2020] Disponível em: [www:<URL: https://proyectos4etsa.wordpress.com/2016/02/07/escaleras-de-la-granja-toledo-2000-jose-antonio-m-lapena-elias-torres/>](https://proyectos4etsa.wordpress.com/2016/02/07/escaleras-de-la-granja-toledo-2000-jose-antonio-m-lapena-elias-torres/).

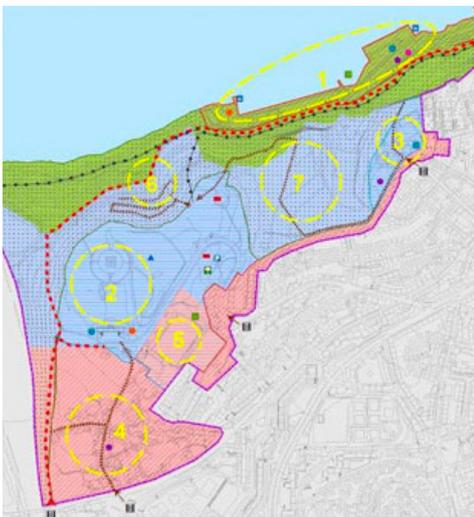
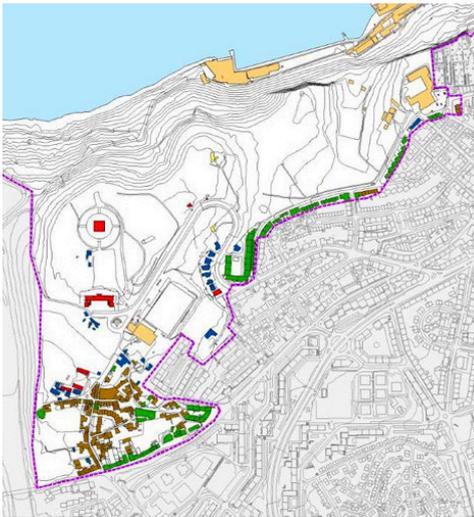
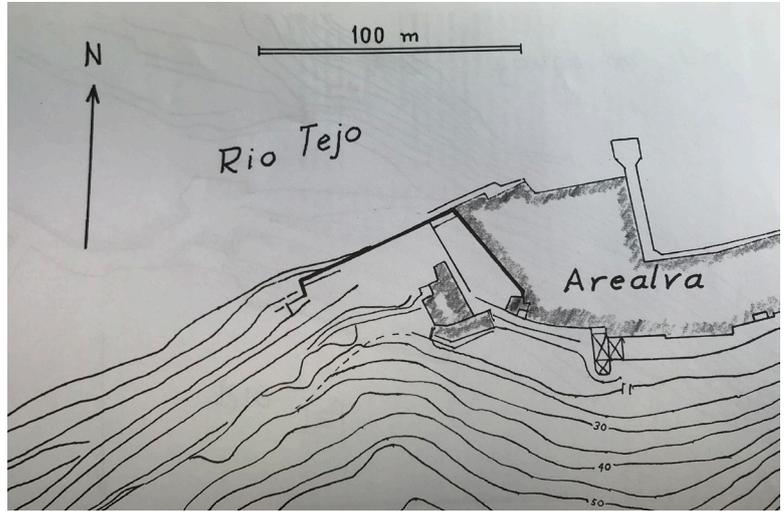
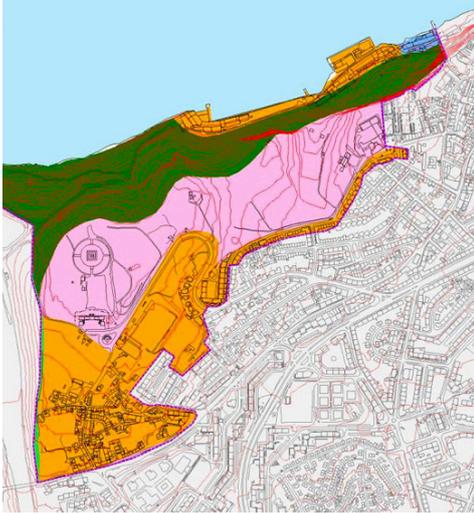
SVOLD, Mathias - *Somehow the coast is always the same and never alike*. [Em linha]. WePresent. [Consult. 09 Abr 2020]. Disponível em: [www:<URL:https://wepresent.wetransfer.com/story/mathias-svold-ulrik-hasemann-coastland/>](https://wepresent.wetransfer.com/story/mathias-svold-ulrik-hasemann-coastland/).

TELES, Paula (coord.) - *Acessibilidade e Mobilidade para Todos*. [Em linha] Instituto Nacional para a Reabilitação. [Consult. 01 Mar 2019] Disponível em: www: <URL: <http://www.inr.pt/documents/11309/59516/Acessibilidade+e+mobilidade+para+todos/69ec738b-10a8-40e0-9370-e6aa9d8cf395>>.

| 06
ANEXOS

ANEXOS

- Plantas e Mapas;
- Registos Fotográficos Históricos;
- Outros Registos Fotográficos;
- Referências Complementares ao Projectos;
- Esboços e Desenhos;
- Maquetas do Projecto Final de Mestrado;
- Painéis Finais.



FUNDADORES/CURADORES
FOUNDERS / CURATORS

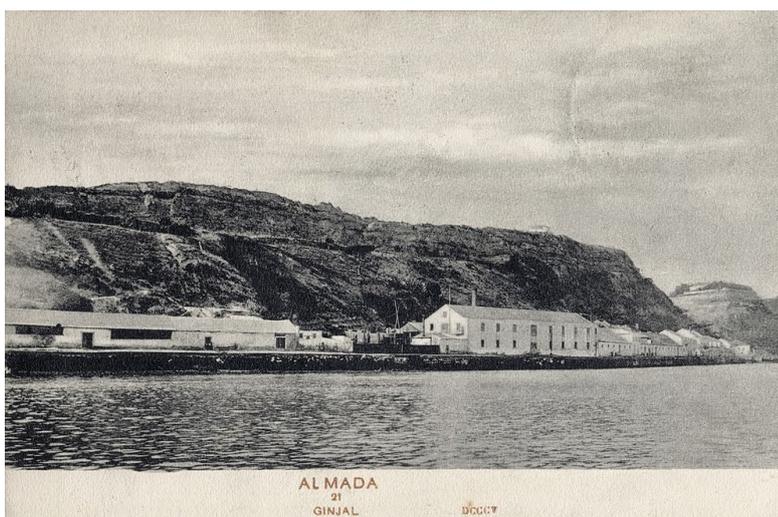
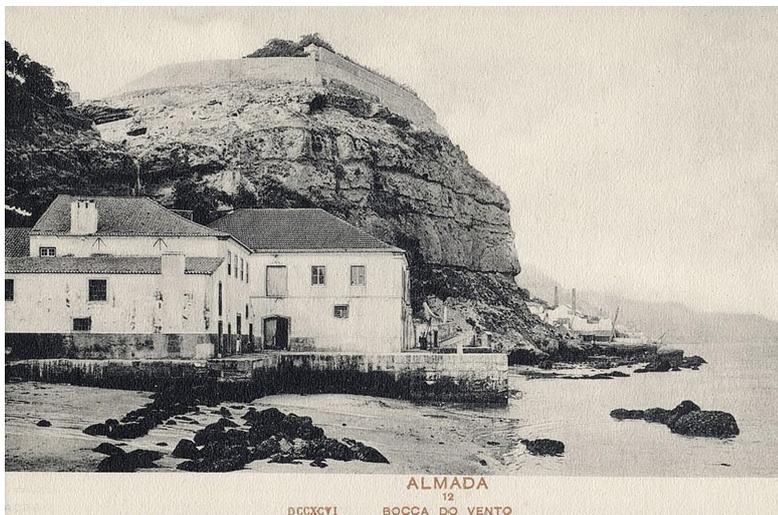
FUNDAÇÃO DO DESPORTO

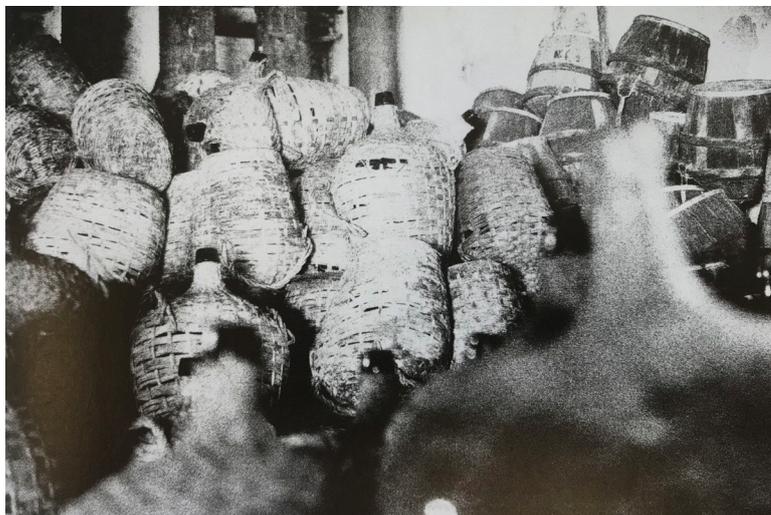
Rede Nacional dos Centros de Alto Rendimento
Fundação do Desporto | Entidade Coordenadora Nacional
National High Performance Sport Facilities
Fundação do Desporto | National Coordinating Entity

- Viana do Castelo**
Surf, Bodyboard & Longboard
- Maia**
Atletismo, Ténis e Ginástica
Athletics, Tennis and Gymnastics
- Vila Nova de Gaia**
Ténis Mesa e Taekwondo
Table Tennis and Taekwondo
- São Jacinto | Aveiro**
Surf, Bodyboard & Longboard
- Sangalhos | Anadia**
Velódromo Nacional | Nacional velodrome
Ciclismo, Judo, Ginástica, Trampolins e Desportos
Acrobáticos, Esportes e Ponto Moderno
Cycling, Judo, Gymnastics, Trampolines and Acrobatic Sports,
Fencing and Modern Pentathlon
- Nazare**
Surf, Bodyboard & Longboard
- Caldas da Rainha**
Centro de Excelência, Alto
Rendimento para o Badminton
Center for Excellence and High
Yield for Badminton
- Peniche**
Surf, Bodyboard & Longboard
- Pocinho | V. N. de Foz Coa**
Remo, Canoagem
Rowing and Canoeing
- Montemor-o-Velho**
Centro Náutico Nacional Center
Remo, Canoagem, Triatlo e Natacao
(Raças Abertas)
Rowing, Canoeing, Triathlon and
Open Water Swimming
- Golegã**
Desportos Equestres
Equestrian Sports
- Rio Maior**
Natação
Swimming
- Vila Real de St.º António**
Atletismo, Judo, Futebol,
Triatlo e Natacao
Athletics, Judo, Football (Soccer),
Swimming and triathlon

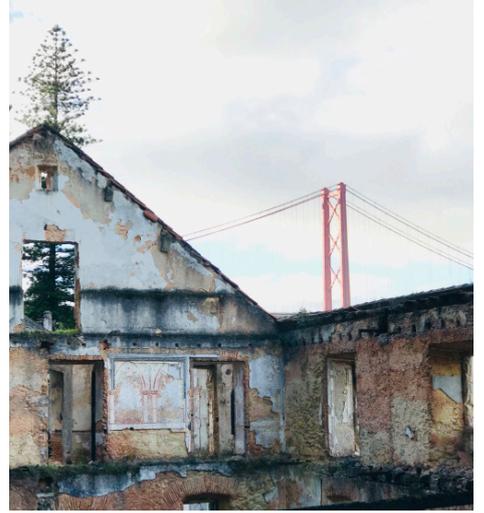
www.fundacaodesporto.pt
facebook.com/fundacaodesporto
twitter.com/FDesporto

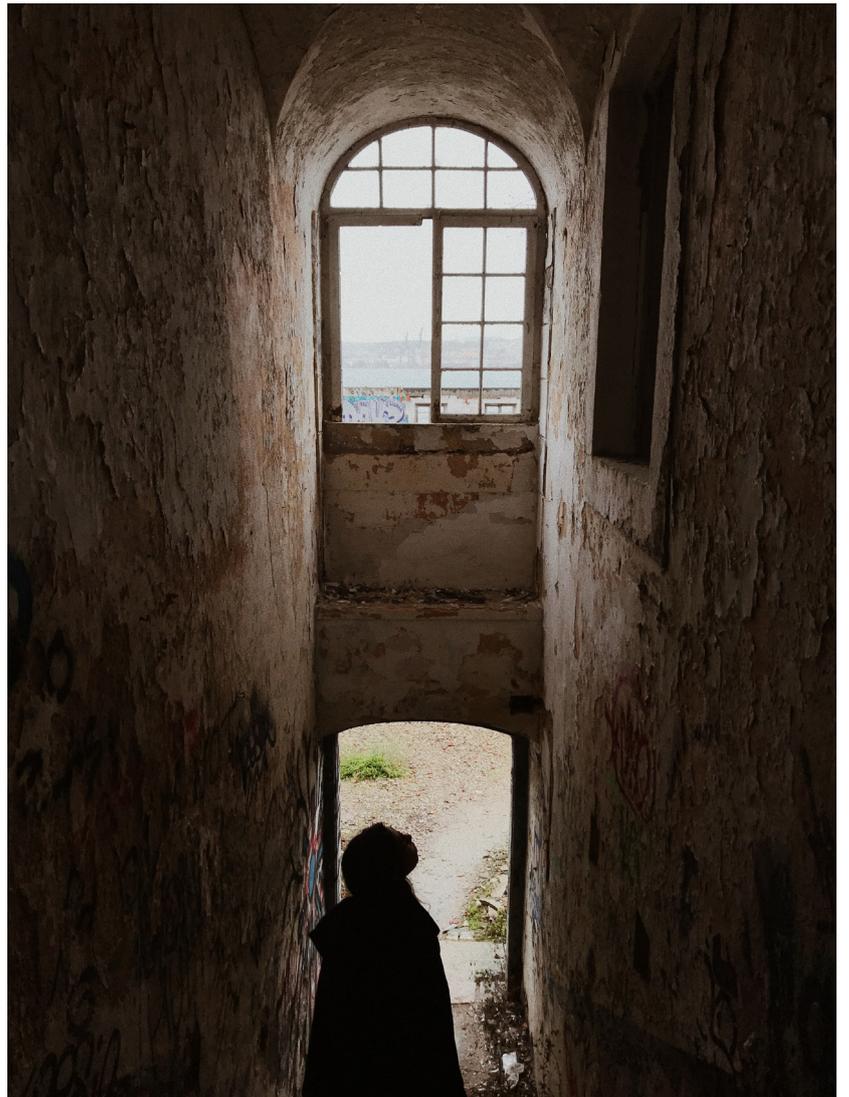
- REGISTOS FOTOGRÁFICOS HISTÓRICOS

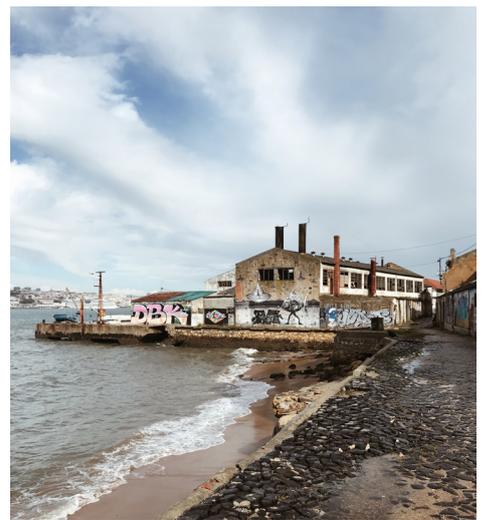
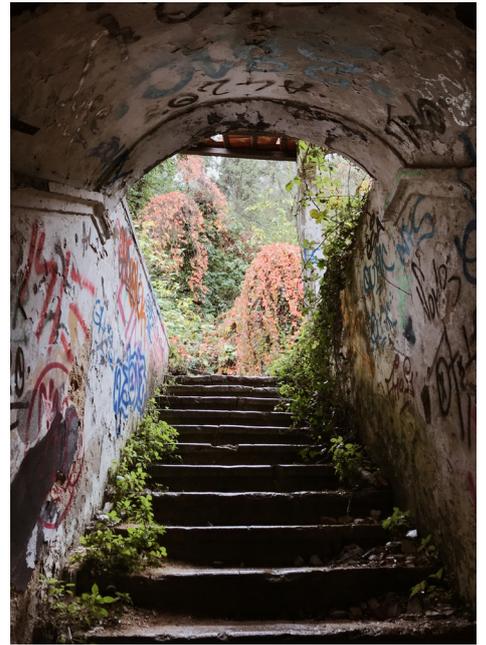


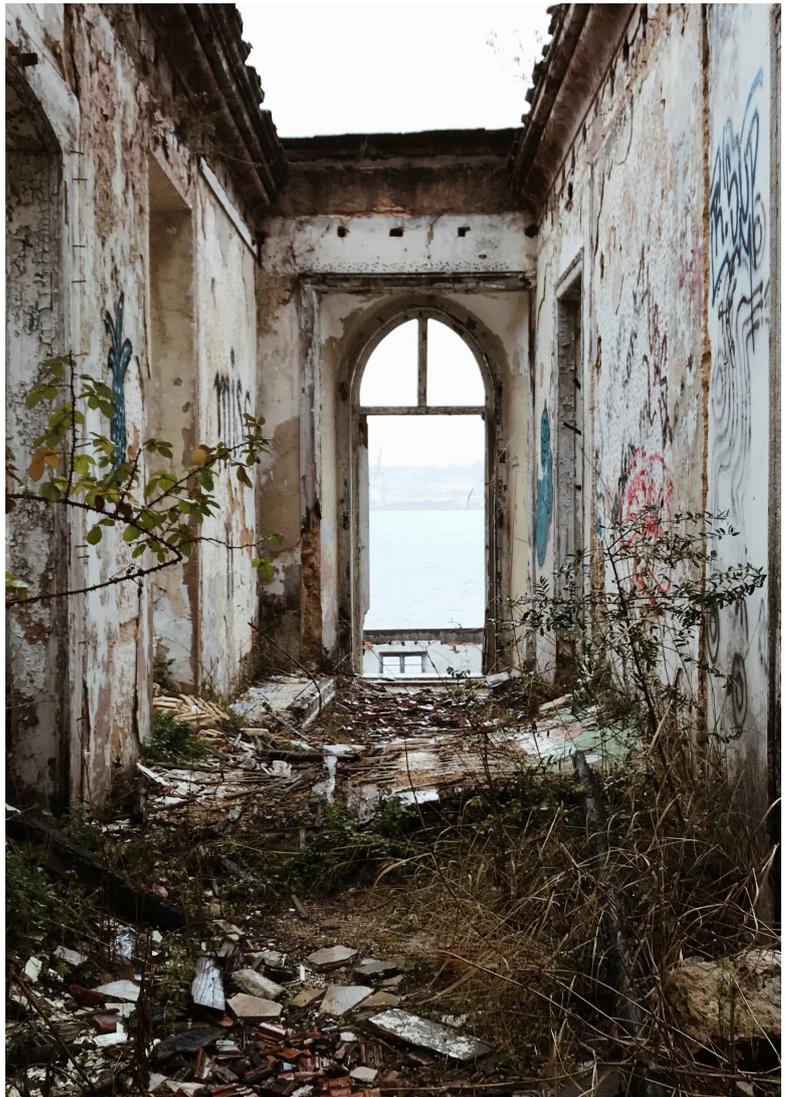


- OUTROS REGISTOS FOTOGRÁFICOS





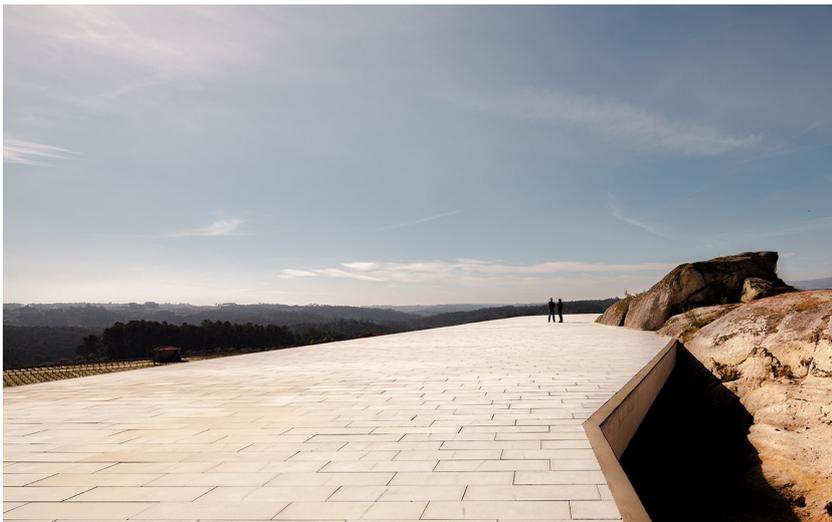
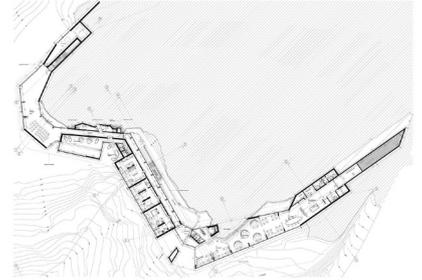




- REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES AO
PROJECTOS

DE LEMOS

CARVALHO ARAÚJO- (VISEU, PORTUGAL - 2012)

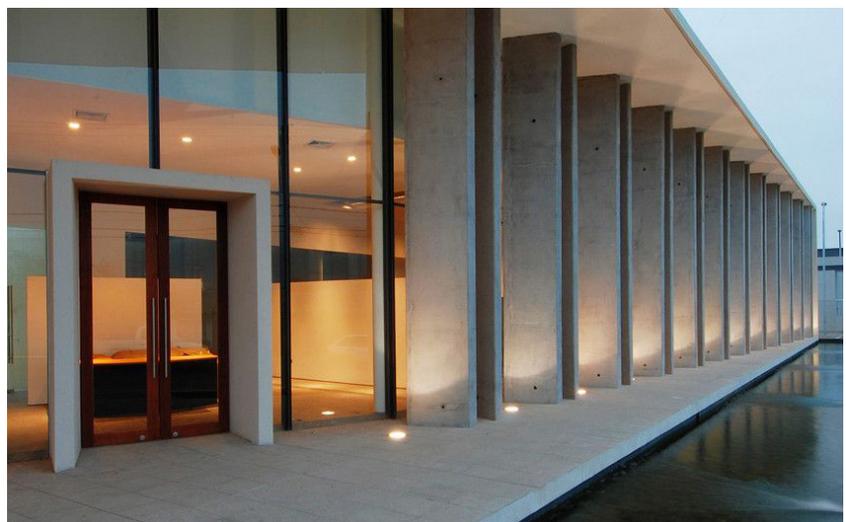
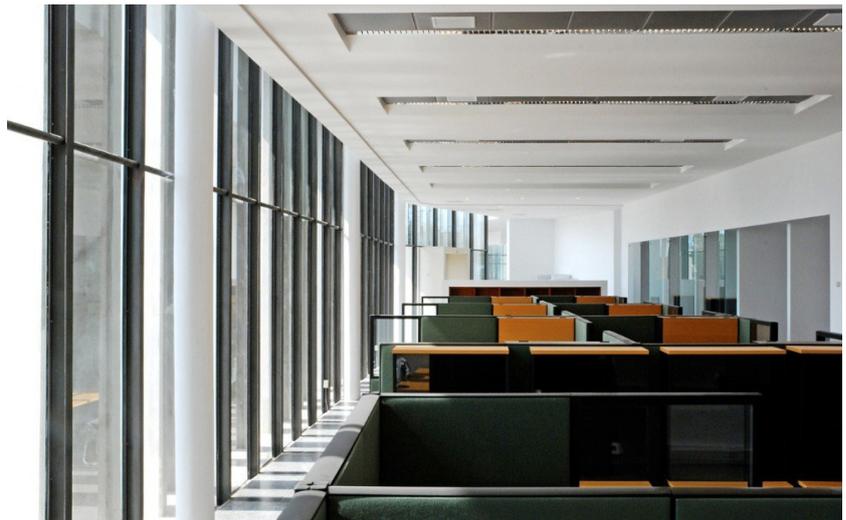


MUSEU GALO-ROMANO
BERNARD ZEHRFUSS - (LYON, FRANÇA - 1975)



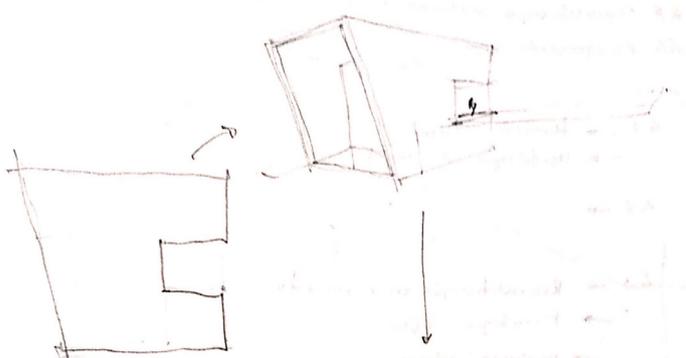
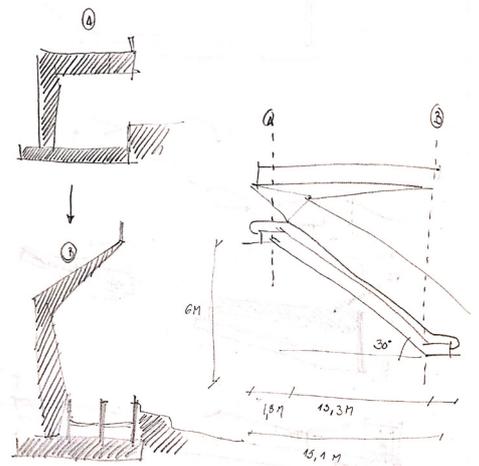
OFICINA COMERCIAL CONAFE

OFICINA COMERCIAL CONAFE - (LA LIGUA, CHILE - 2009)

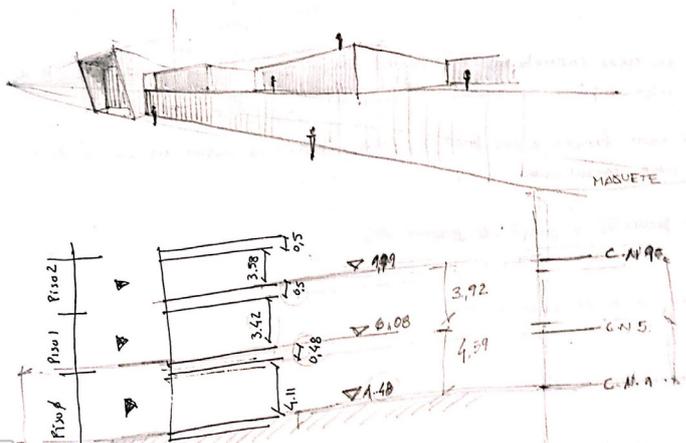


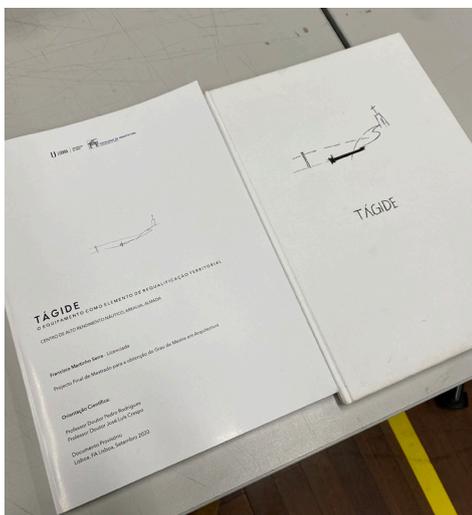
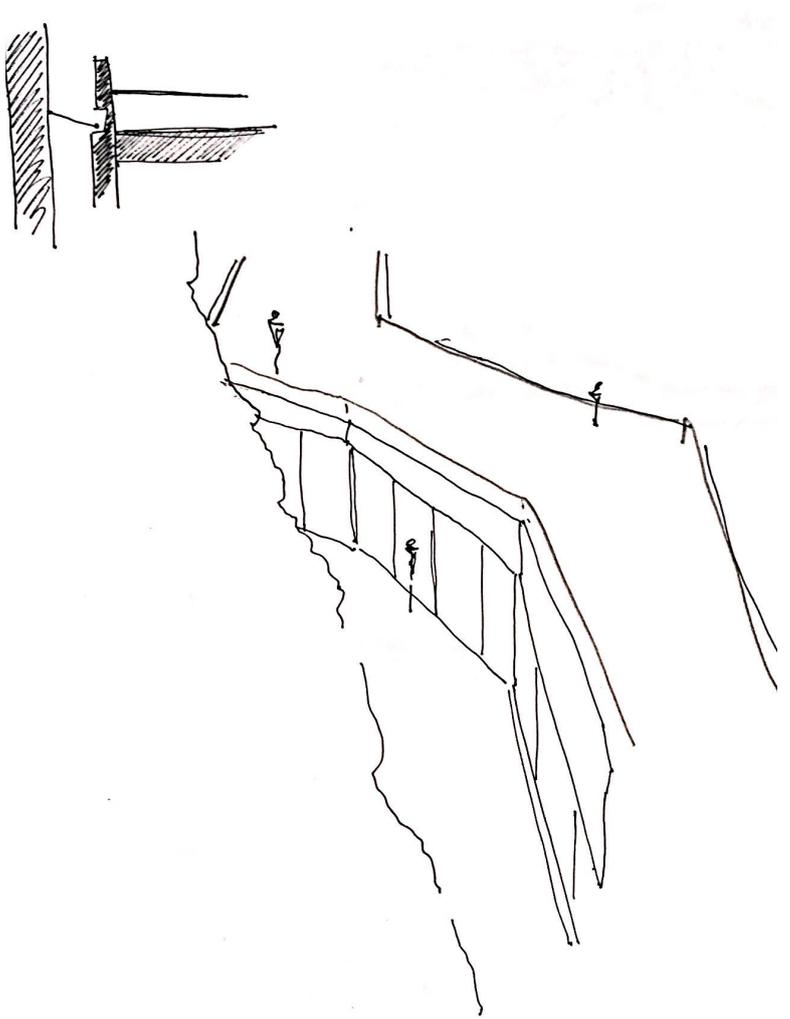
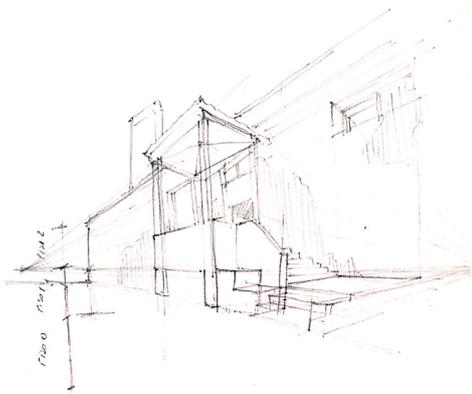
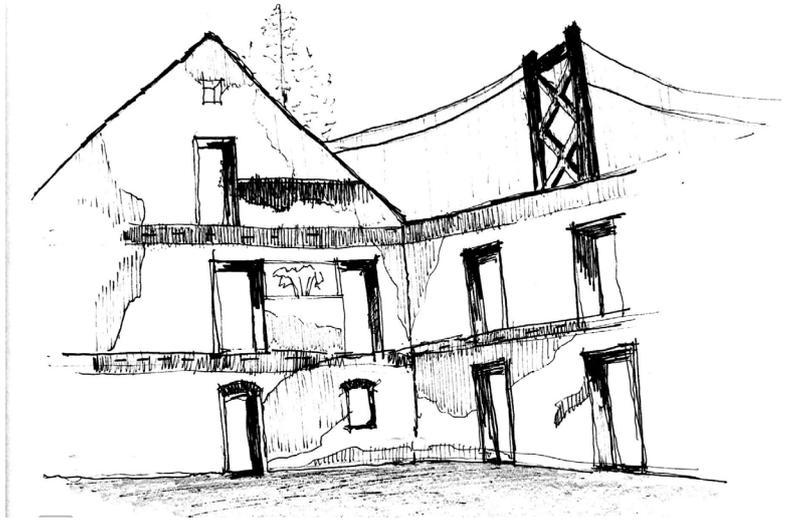
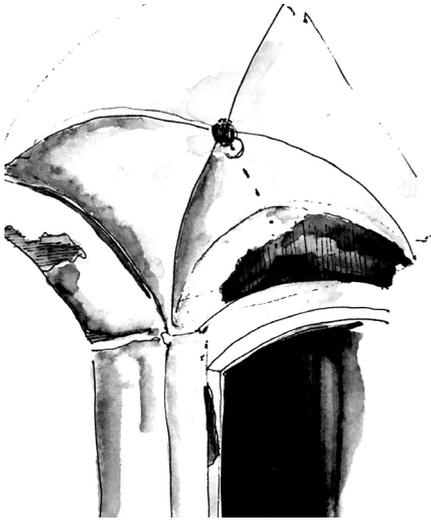
- ESBOÇOS E DESENHOS

CS! Escaneado com CamScanner



Rio Tejo - como fazer elemento fixo de separação das margens ou muro de contenção das mesmas?

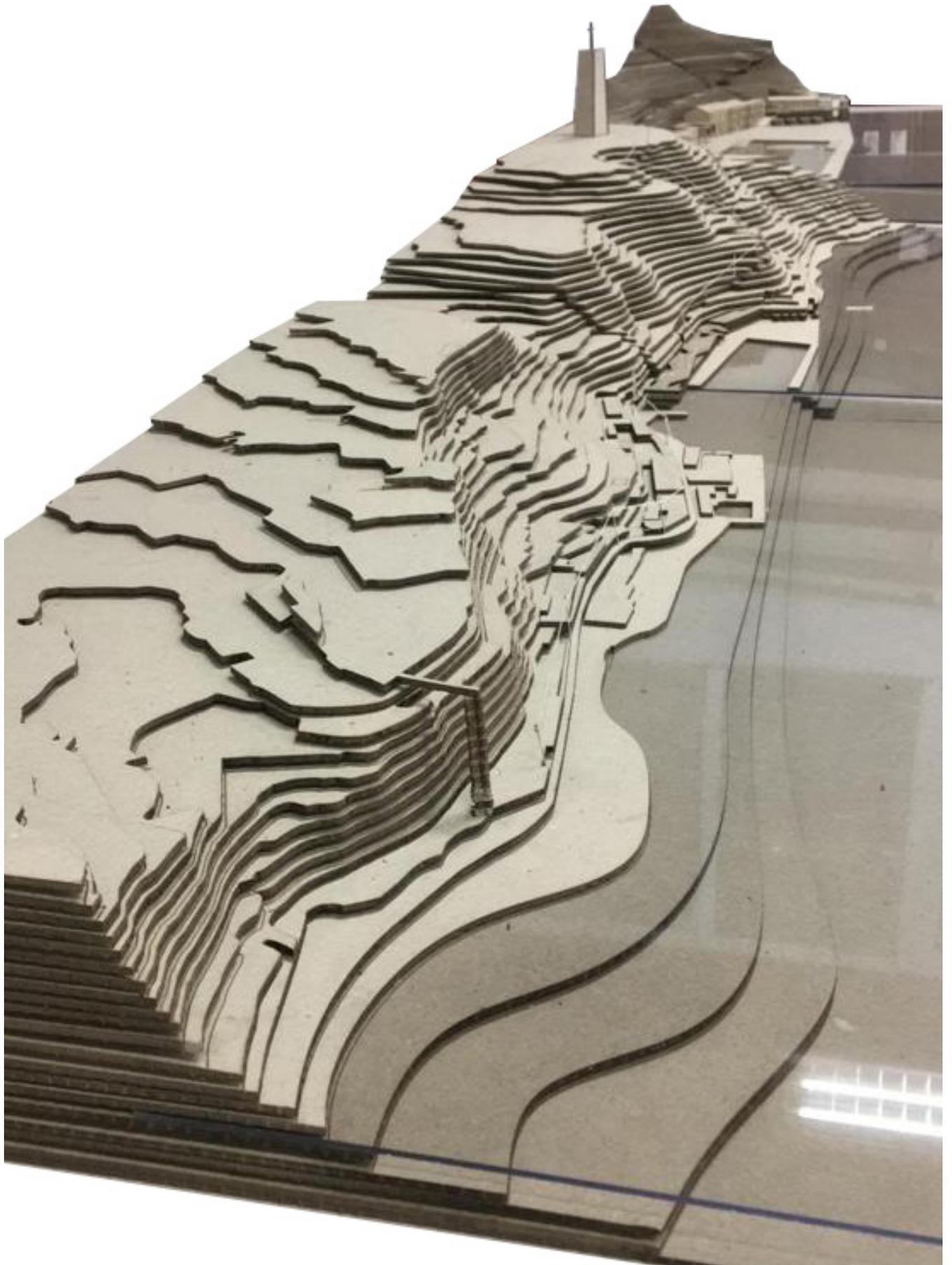




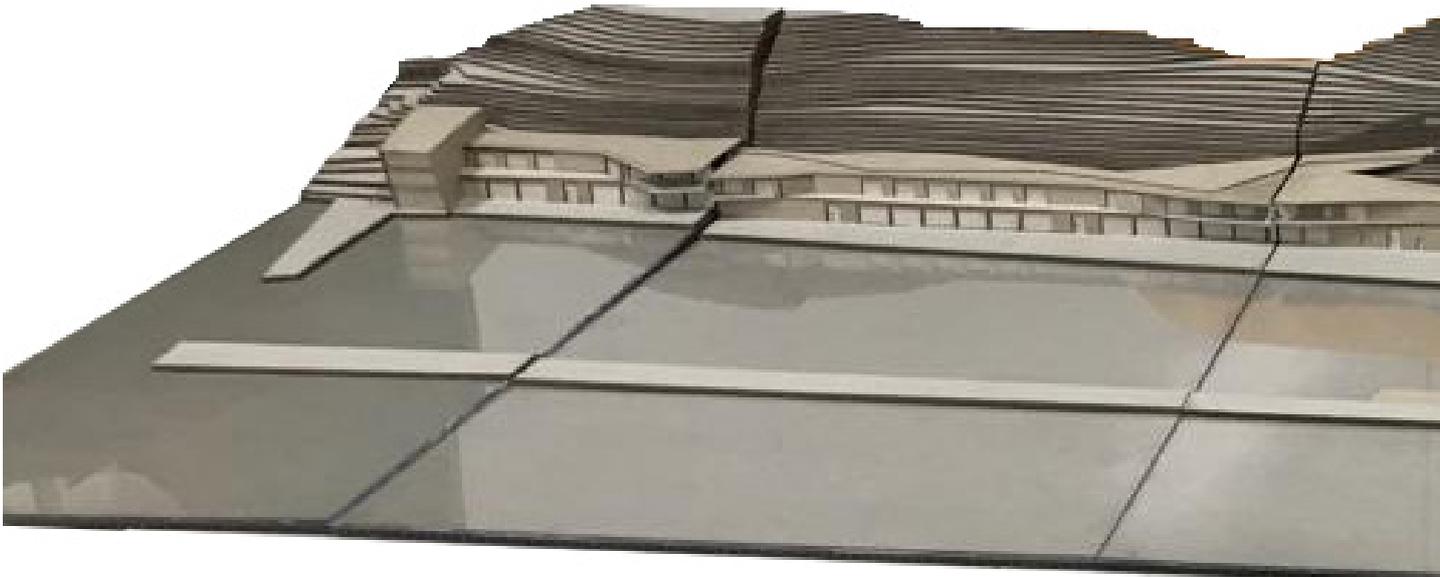
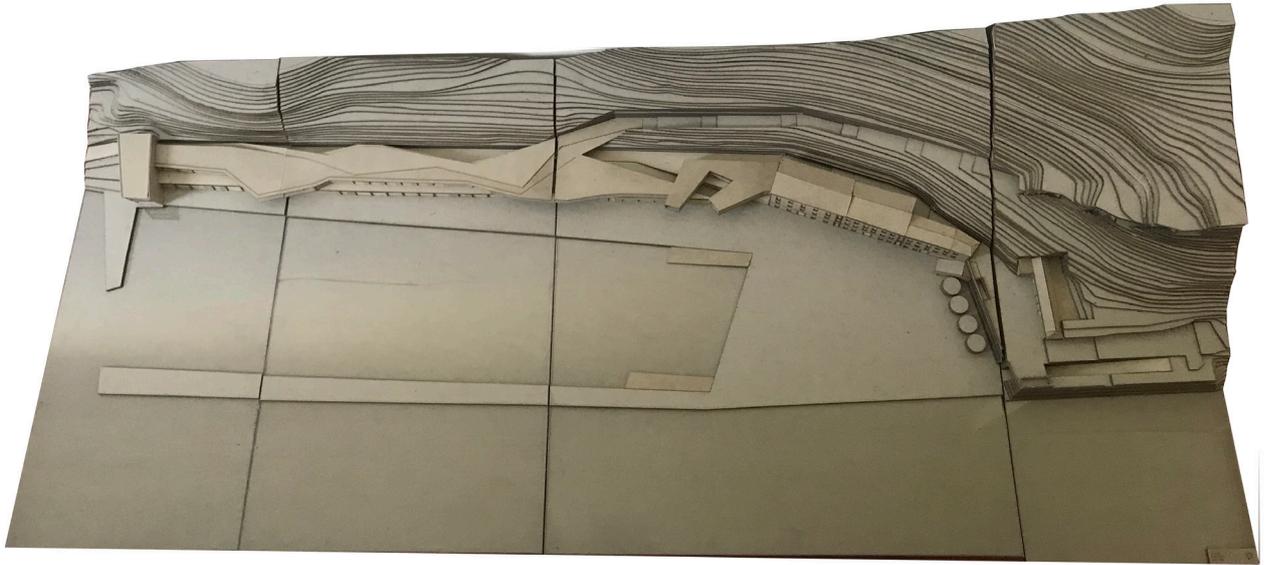
- MAQUETAS DO PROJECTO FINAL DE MESTRADO

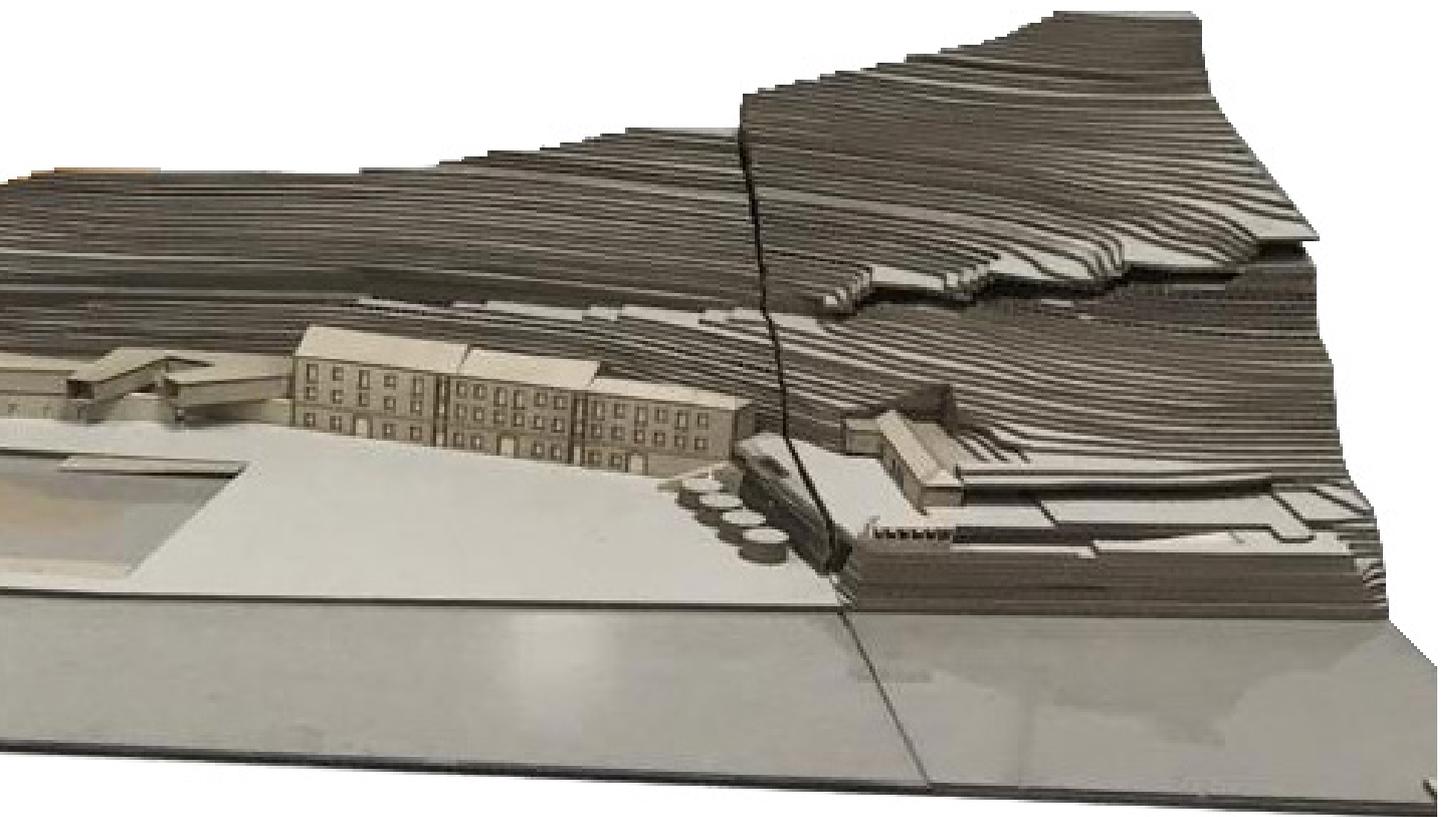
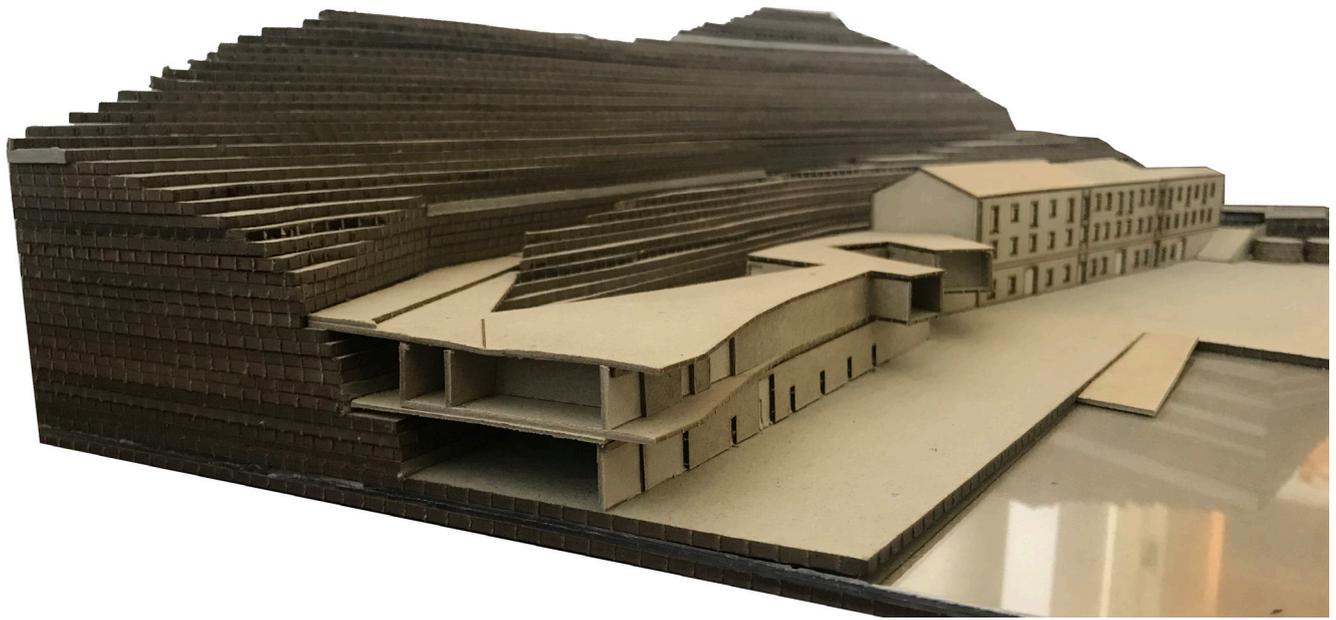




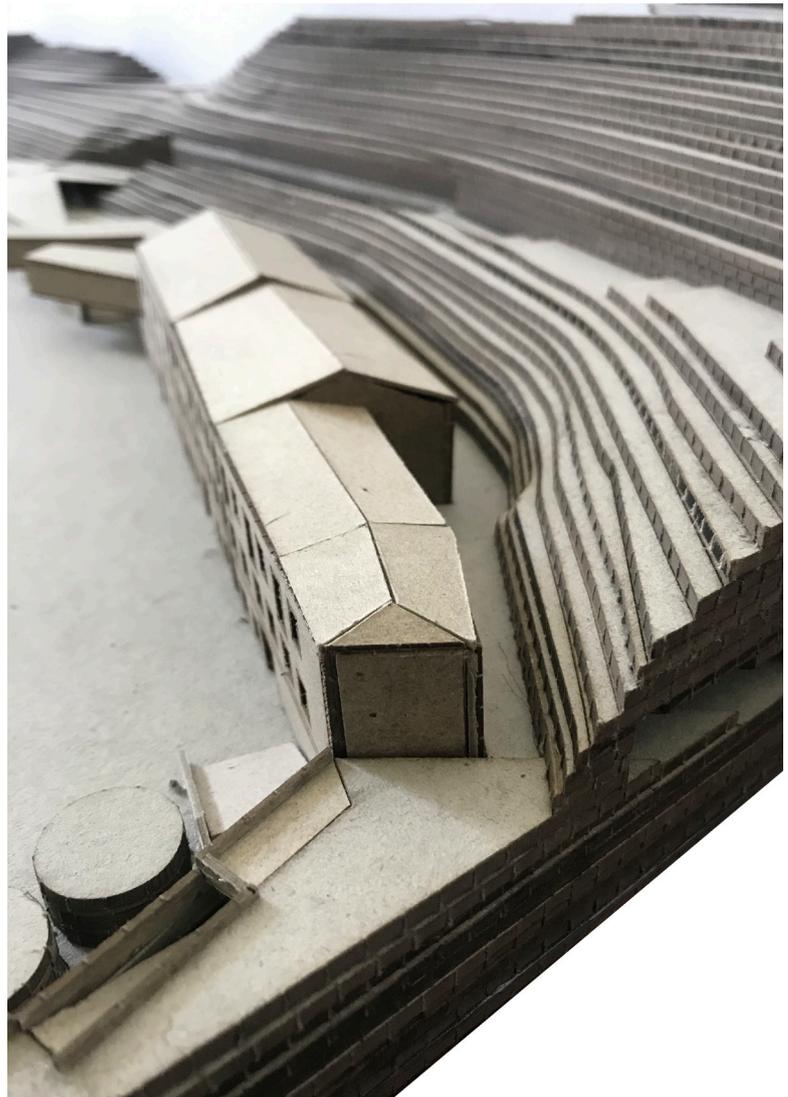
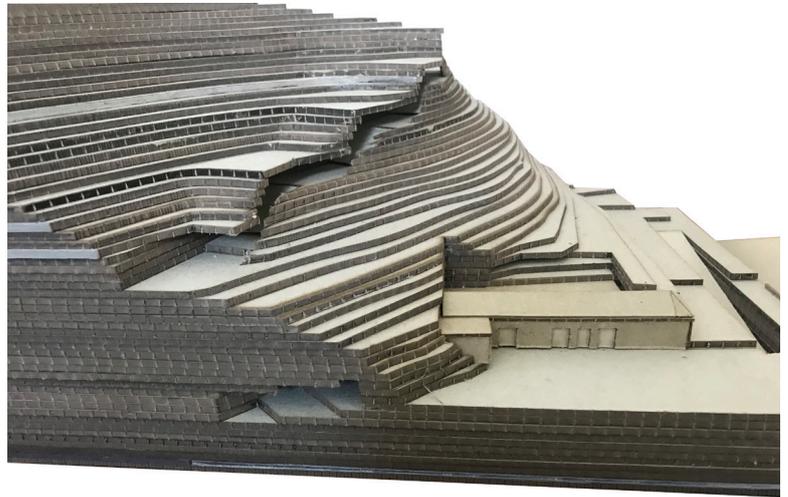








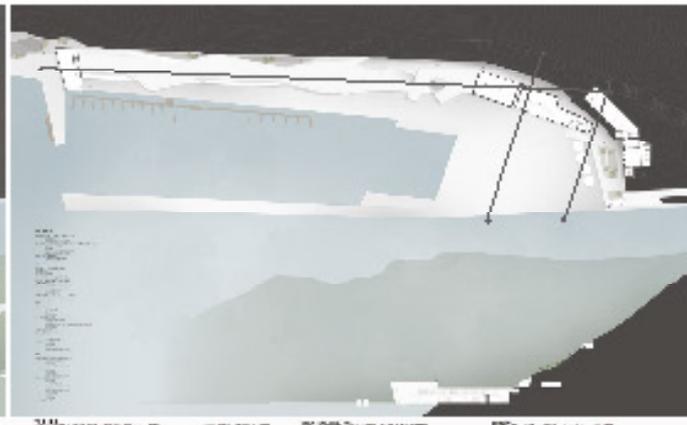
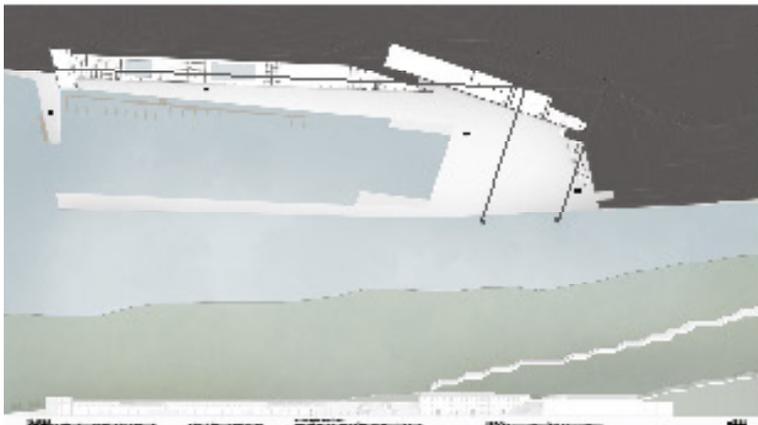
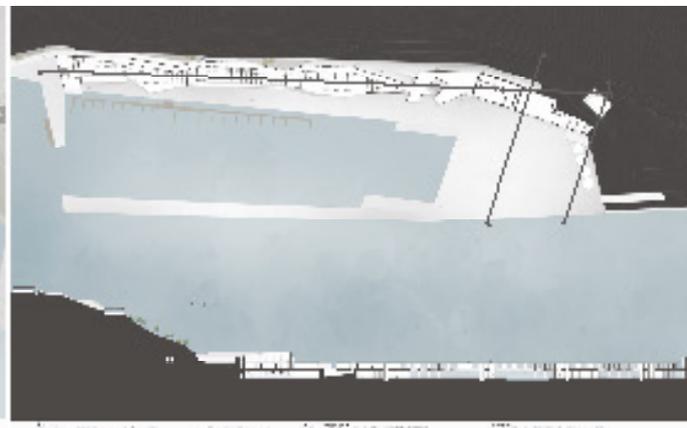








- PAINÉIS FINAIS

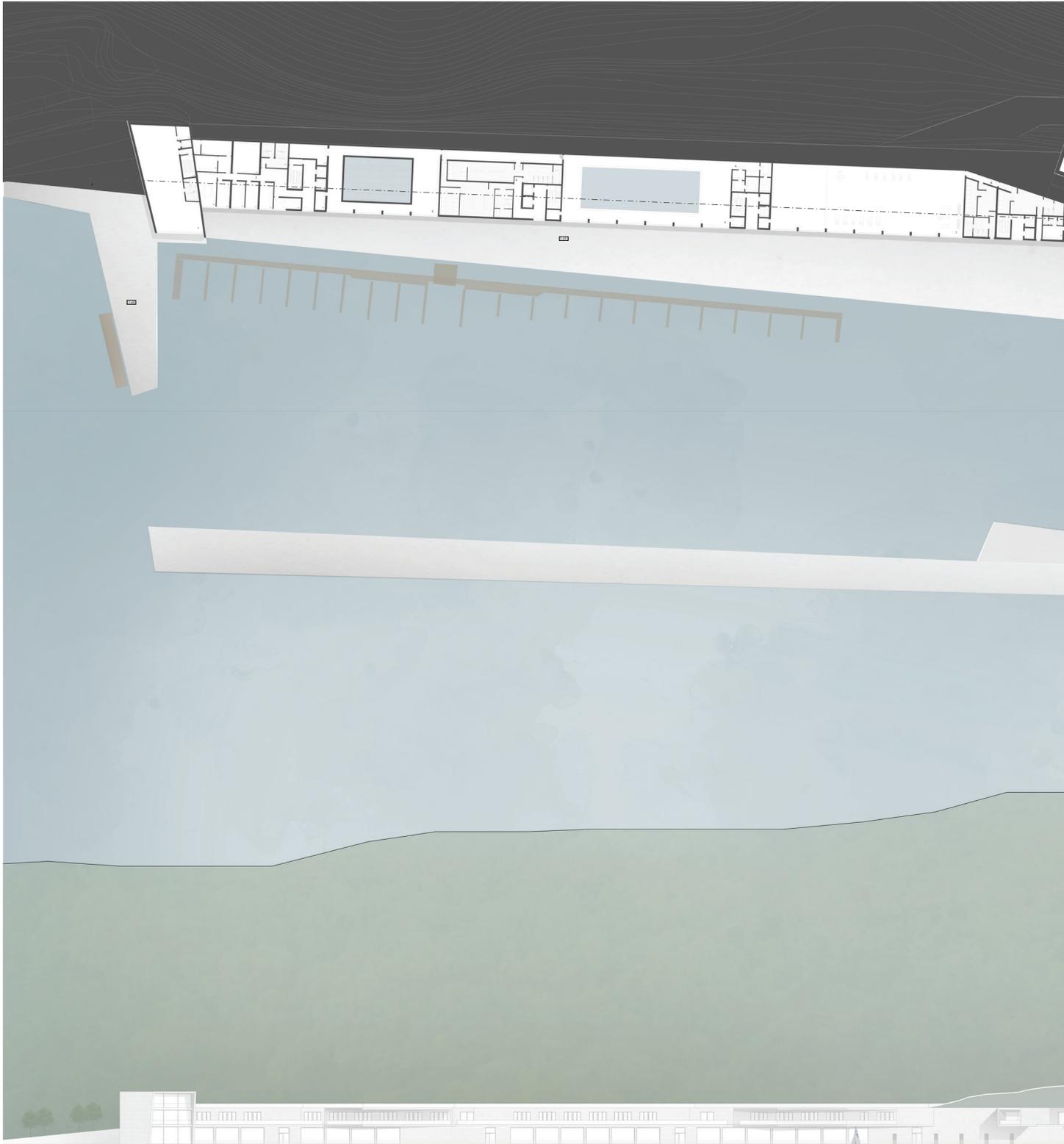








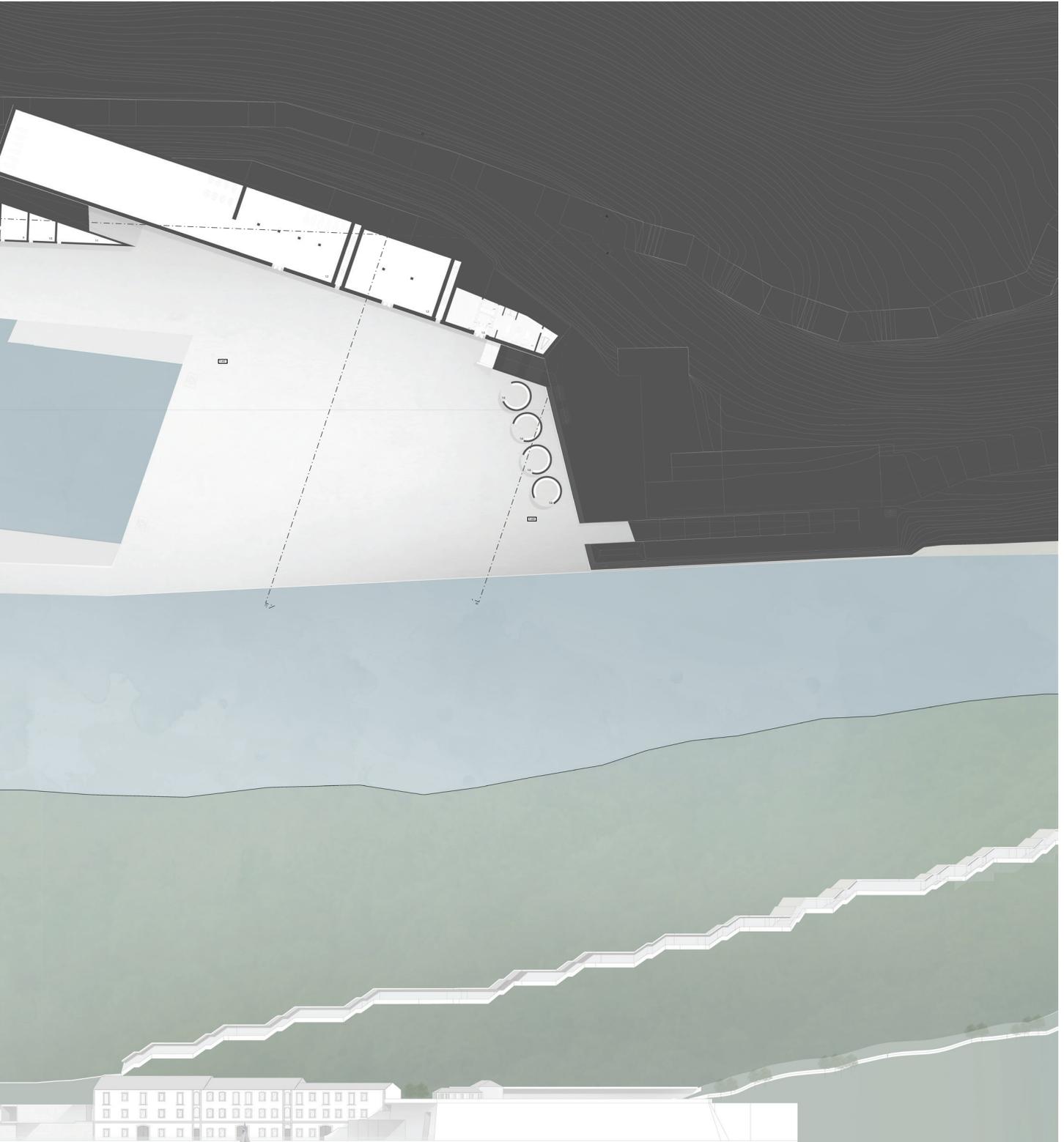
LEGENDA: ANÁLISE DO TERRITÓRIO - ESC.1:10000 | PLANTA DE IMPLANTAÇÃO - ESC.1:1000 | ANÁLISE PROJECTUAL



TÁGIDE
O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REQUALIFICAÇÃO TERRITORIAL

FRANCISCA MARTINHO SERRA-20141200

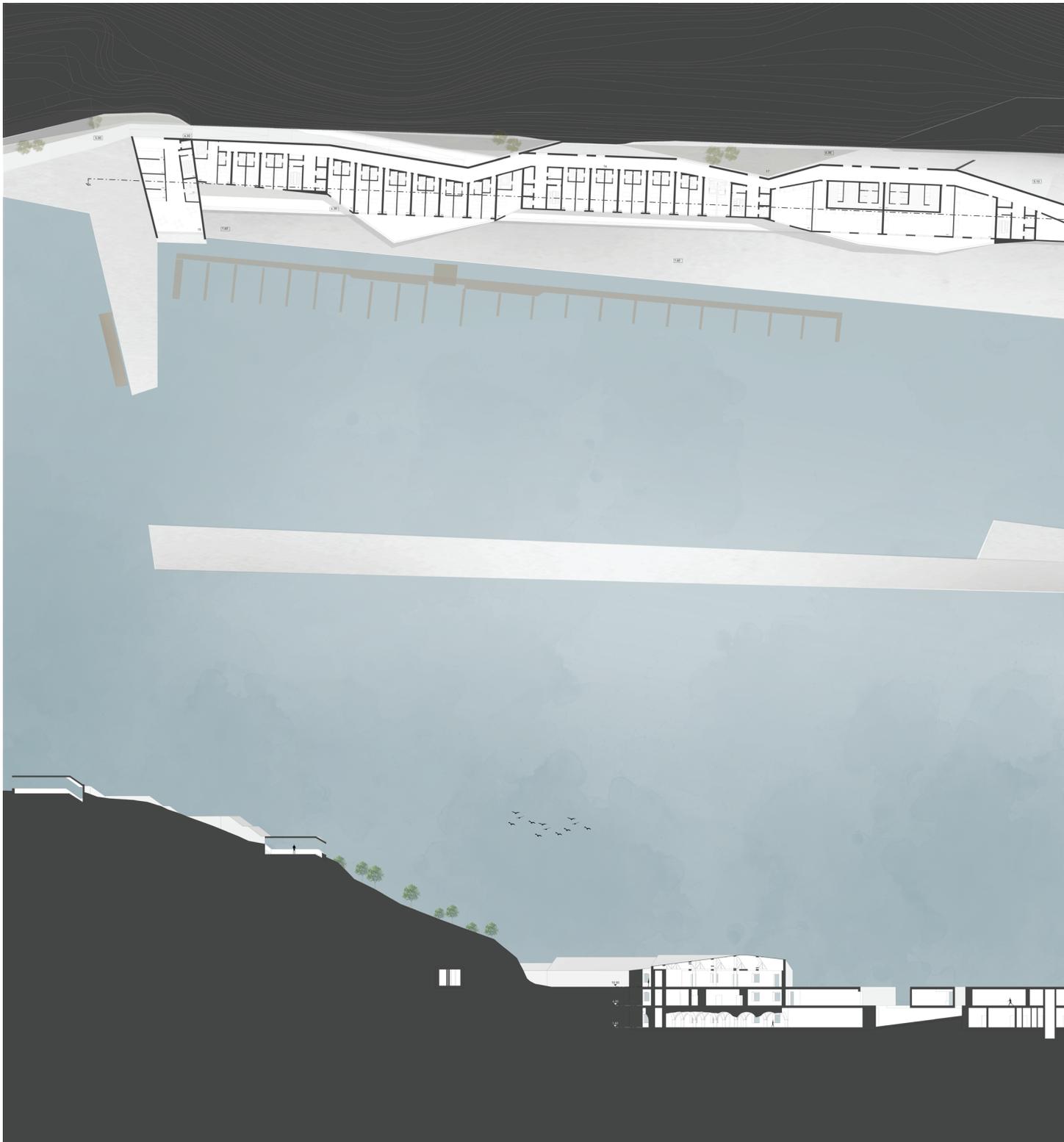
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:
PROF.DOUTOR PEDRO RODRIGUES|PROF.DOUTOR

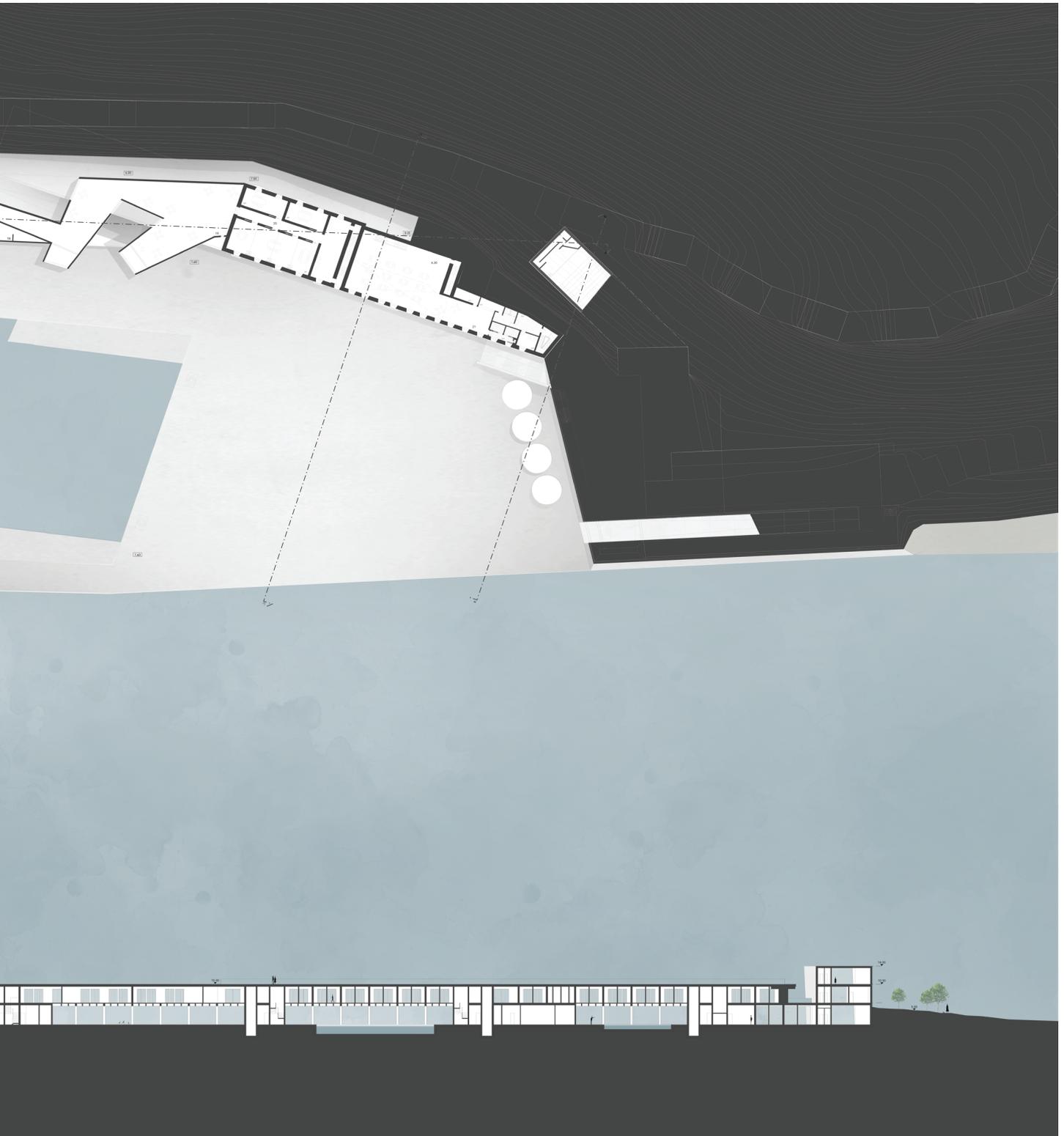


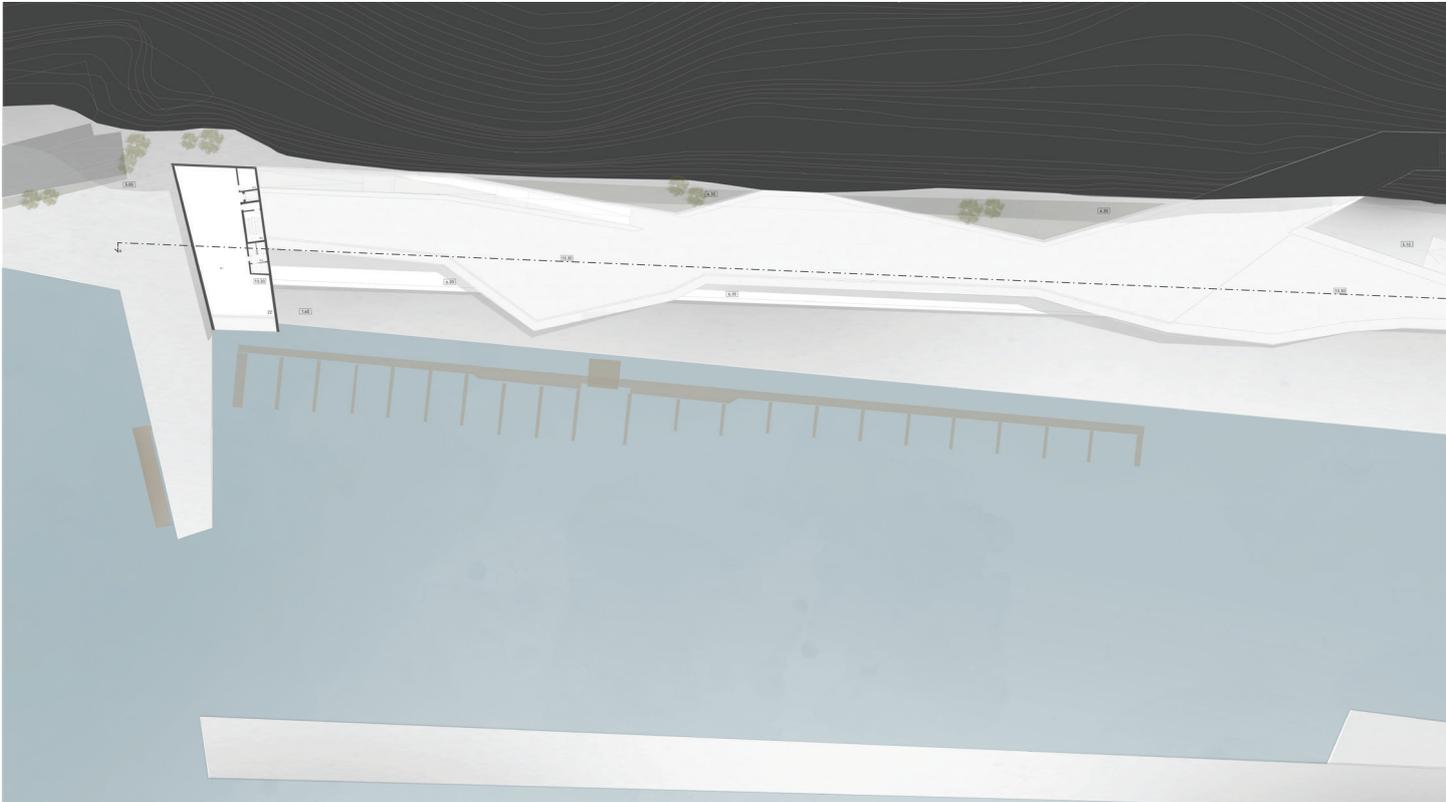
JOSÉ LUÍS CRESPO

LEGENDA:
PLANTA PISO TERREO - ESC.1:300|ALÇADO NORTE - ESC.1:300

P. 02
000000







PISO TERREO

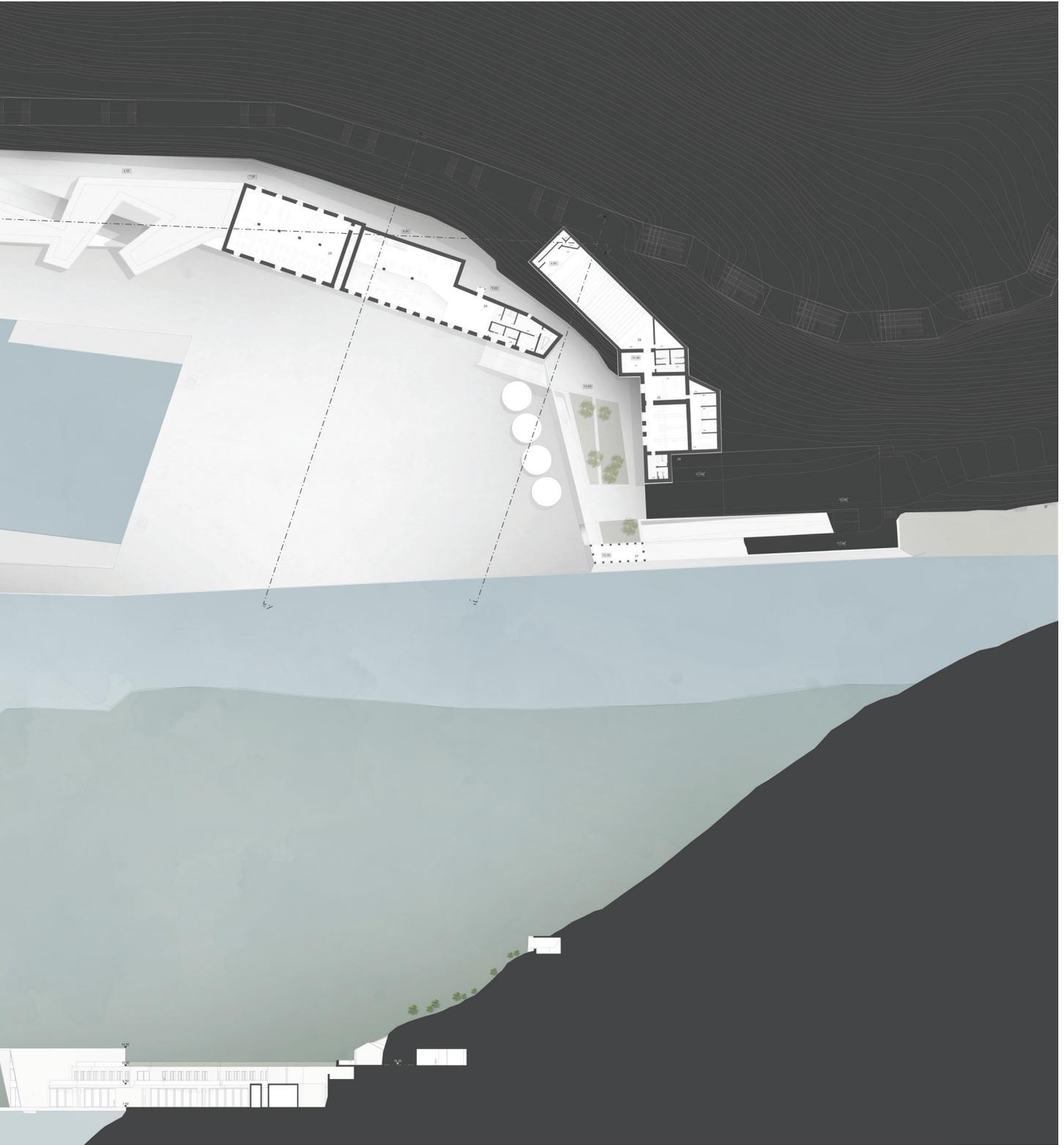
- 1. ESPAÇO CULTURAL/EXPOSITIVO
 - 11 ARRUMOS
 - 12 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 13 ACESSOS
- 2. ÁREA DE APOIO MÉDICO E REABILITAÇÃO MOTORA
 - 21 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 22 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 23 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 24 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 25 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 26 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 27 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 28 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
- 3. PISCINA DE BEBIDAS
 - 31 ARRUMOS DE MATERIAL
 - 32 ÁREA DE MÁQUINAS
- 4. BALNEÁRIO 1
- 5. PISCINA
- 6. SAUNA E BANHO TURCO
- 7. GINÁSIO
- 8. BALNEÁRIO 2
- 9. ÁREA APOIO TREINADORES
 - 91 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
- 10. ÁREA APOIO MARINHEIROS
- 11. ARRUMOS
- 12. HANGAR ARRUMOS MATERIAL
- 13. COZINHA
 - 131 ÁREA DE CONFECÇÃO
 - 132 ÁREA DE SERVIÇO
 - 133 ARRUMOS DE MATERIAL
 - 134 ARRUMOS
- 14. ARRUMOS DE APOIO A MATERIAL

PISO 1

- 15. ESPAÇO CULTURAL/EXPOSITIVO
 - 151 INSTALAÇÕES SANITÁRIAS
 - 152 ACESSOS
 - 153 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 154 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 155 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
 - 156 SAÍDA DE EMERGÊNCIA
- 16. DORMITÓRIOS
 - 161 DORMITÓRIO INDIVIDUAL
 - 162 DORMITÓRIO
 - 163 DORMITÓRIO
 - 164 DORMITÓRIO
 - 165 DORMITÓRIO
 - 166 DORMITÓRIO
 - 167 DORMITÓRIO
 - 168 DORMITÓRIO
 - 169 DORMITÓRIO
 - 170 DORMITÓRIO
 - 171 DORMITÓRIO
 - 172 DORMITÓRIO
 - 173 DORMITÓRIO
 - 174 DORMITÓRIO
 - 175 DORMITÓRIO
 - 176 DORMITÓRIO
 - 177 DORMITÓRIO
 - 178 DORMITÓRIO
 - 179 DORMITÓRIO
 - 180 DORMITÓRIO
- 17. LAVANDARIA
- 18. PÁTIO EXTERIOR
- 19. ÁREA SOCIAL
- 20. SALAS DE AULA
 - 201 SALAS DE AULA COM PAINÉIS MÓDULARES
- 21. RESTAURANTE
 - 211 ARRUMOS
 - 212 ARRUMOS
 - 213 ARRUMOS
 - 214 ARRUMOS
 - 215 ARRUMOS
 - 216 ARRUMOS
 - 217 ARRUMOS
 - 218 ARRUMOS
 - 219 ARRUMOS
 - 220 ARRUMOS
 - 221 ARRUMOS
 - 222 ARRUMOS
 - 223 ARRUMOS
 - 224 ARRUMOS
 - 225 ARRUMOS
 - 226 ARRUMOS
 - 227 ARRUMOS
 - 228 ARRUMOS
 - 229 ARRUMOS
 - 230 ARRUMOS

PISO 2

- 22. ESPAÇO CULTURAL/EXPOSITIVO
 - 221 ÁREA EXPOSITIVA
 - 222 ARRUMOS
 - 223 ARRUMOS
 - 224 ARRUMOS
 - 225 ARRUMOS
 - 226 ARRUMOS
 - 227 ARRUMOS
 - 228 ARRUMOS
 - 229 ARRUMOS
 - 230 ARRUMOS
- 23. BIBLIOTECA/ÁREA DE ESTUDO
- 24. RESTAURANTE
 - 241 ARRUMOS
 - 242 ARRUMOS
 - 243 ARRUMOS
 - 244 ARRUMOS
 - 245 ARRUMOS
 - 246 ARRUMOS
 - 247 ARRUMOS
 - 248 ARRUMOS
 - 249 ARRUMOS
 - 250 ARRUMOS
- 25. ÁREA ADMINISTRATIVA
 - 251 ARRUMOS
 - 252 ARRUMOS
 - 253 ARRUMOS
 - 254 ARRUMOS
 - 255 ARRUMOS
 - 256 ARRUMOS
 - 257 ARRUMOS
 - 258 ARRUMOS
 - 259 ARRUMOS
 - 260 ARRUMOS
- 26. AUDITÓRIO
 - 261 ARRUMOS
 - 262 ARRUMOS
 - 263 ARRUMOS
 - 264 ARRUMOS
 - 265 ARRUMOS
 - 266 ARRUMOS
 - 267 ARRUMOS
 - 268 ARRUMOS
 - 269 ARRUMOS
 - 270 ARRUMOS
- 27. MIRADOURO
- 28. ESTACIONAMENTO

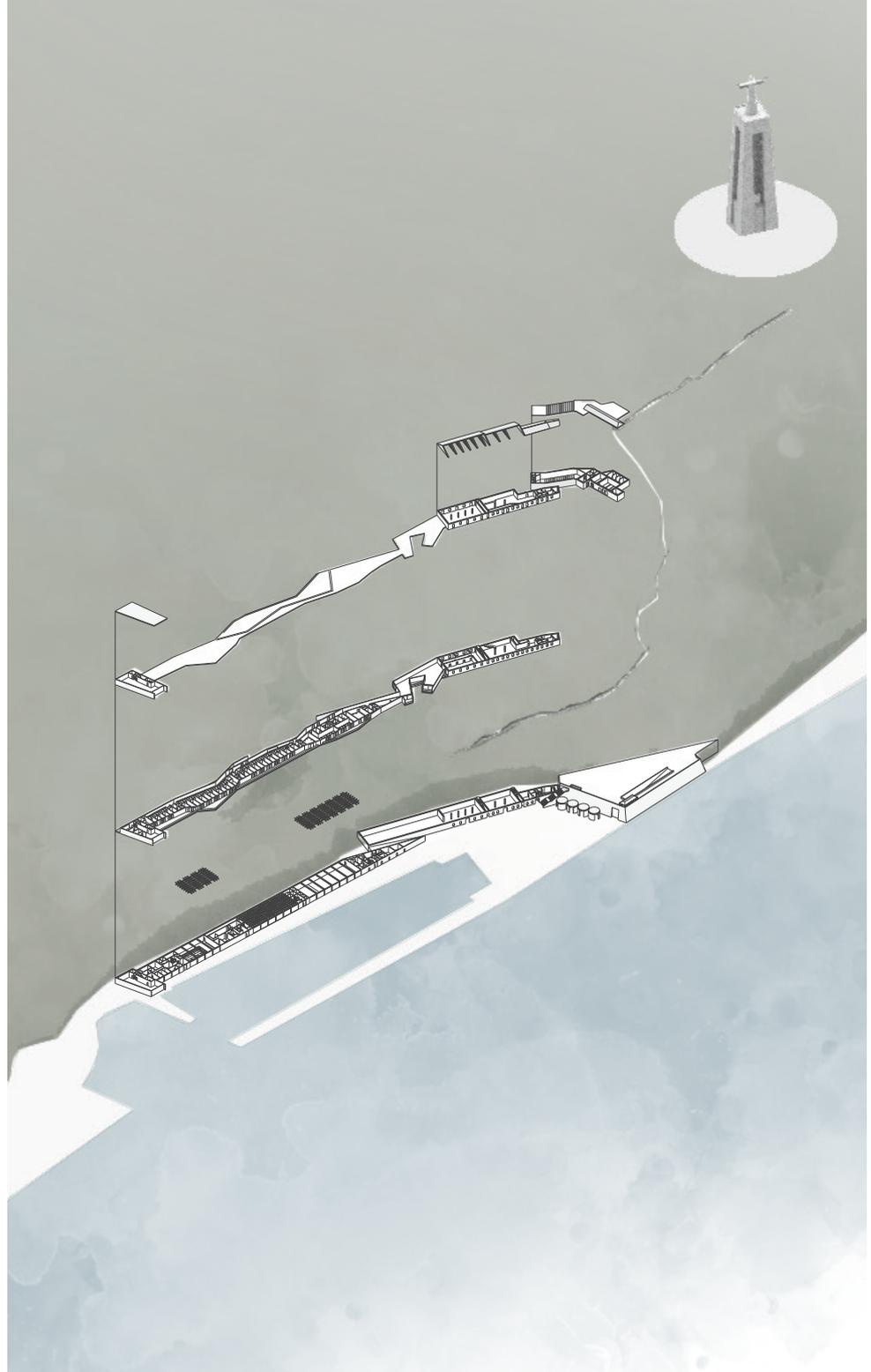




TÁGIDE
O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REQUALIFICAÇÃO TERRITORIAL

FRANCISCA MARTINHO SERRA-20141200

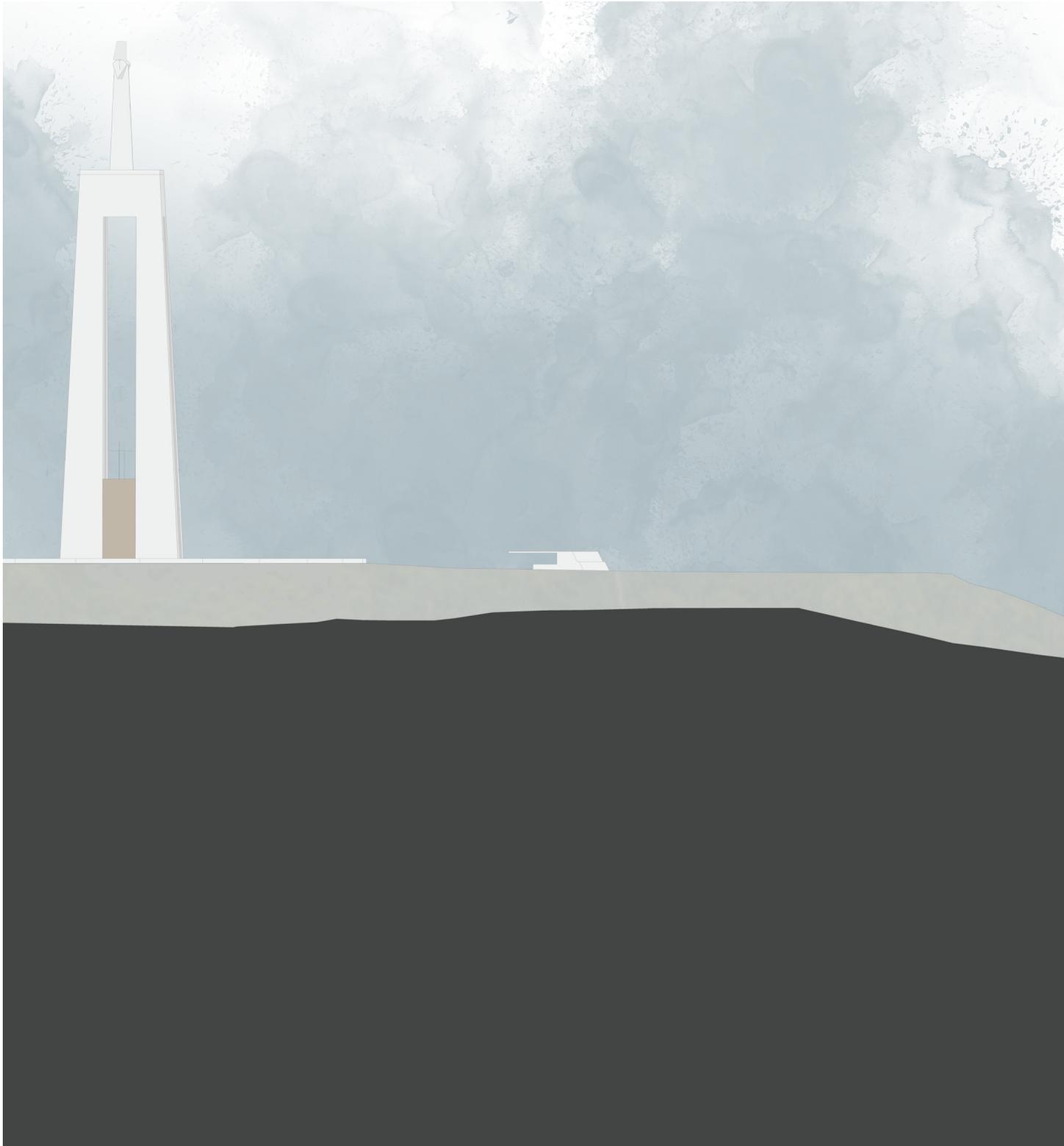
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:
PROF.DOUTOR PEDRO RODRIGUES|PROF.DOUTOR



OSÉ LUIS CRESPO

LEGENDA:
REPRESENTAÇÃO ILUSTRATIVA DE ESPAÇOS INTERIORES | AXONOMETRIA

P. 05
■■■■■■



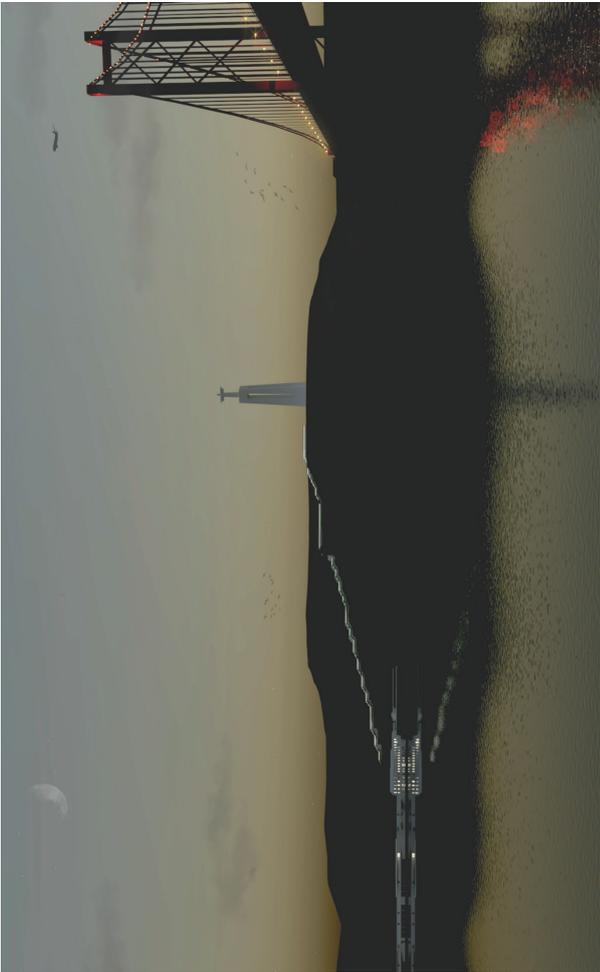


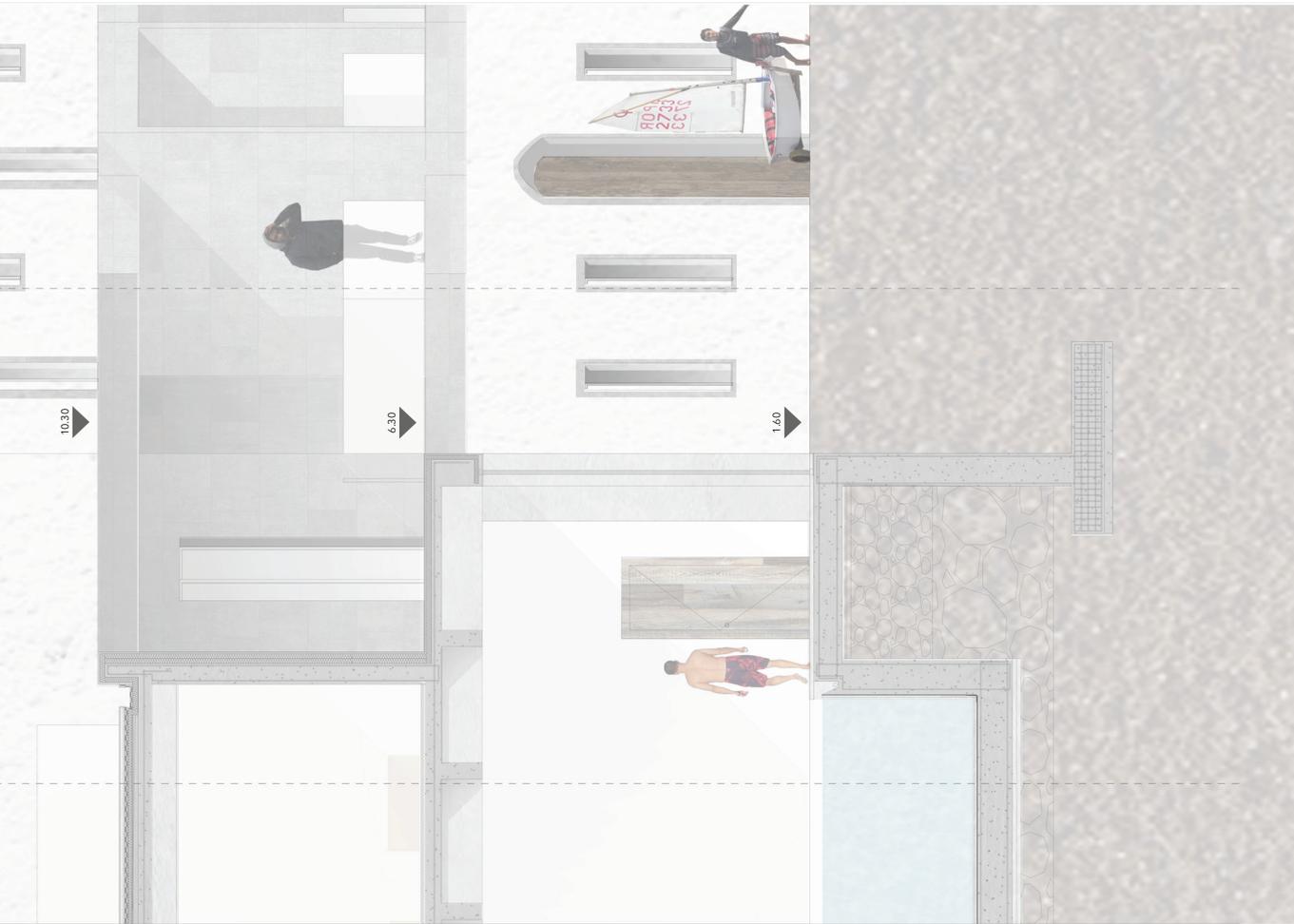
OSÉ LUÍS CRESPO

LEGENDA:
CORTE TRANSVERSAL CC' ESC. 1:300

P.06
■■■■■■







TÁGIDE
O EQUIPAMENTO COMO ELEMENTO DE REQUALIFICAÇÃO TERRITORIAL
ORIENTAÇÃO CIENTÍFICA:
PROF. DOUTOR PEDRO RODRIGUES | PROF. DOUTOR JOSÉ LUÍS CRESPO

FRANCISCA MARTINHO SERRA - 2014/1200
LEGENDA:
DETALHE CONSTRUTIVO ESC. 1:20

P. 08
|||||





